



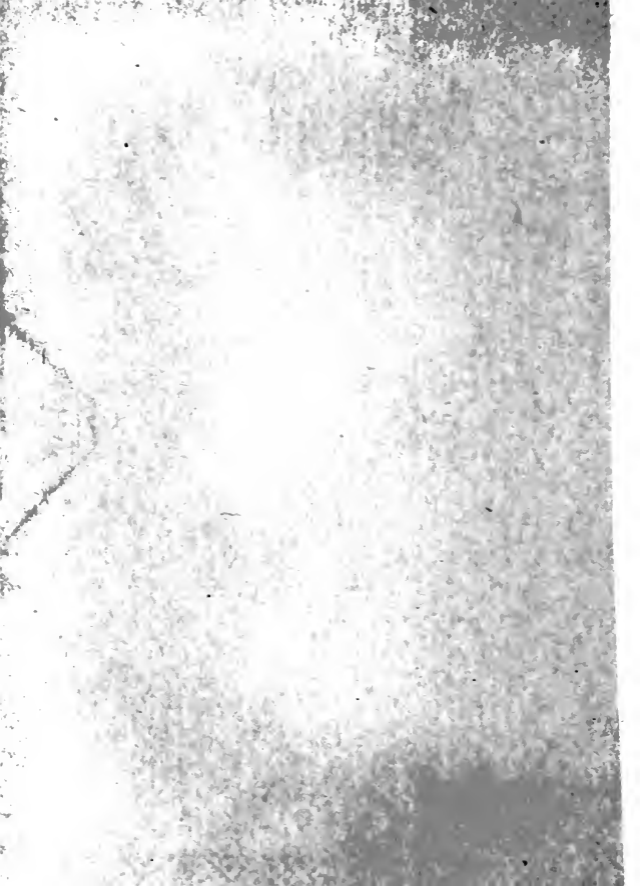
3 1761 07047117 2

Silva Pinco

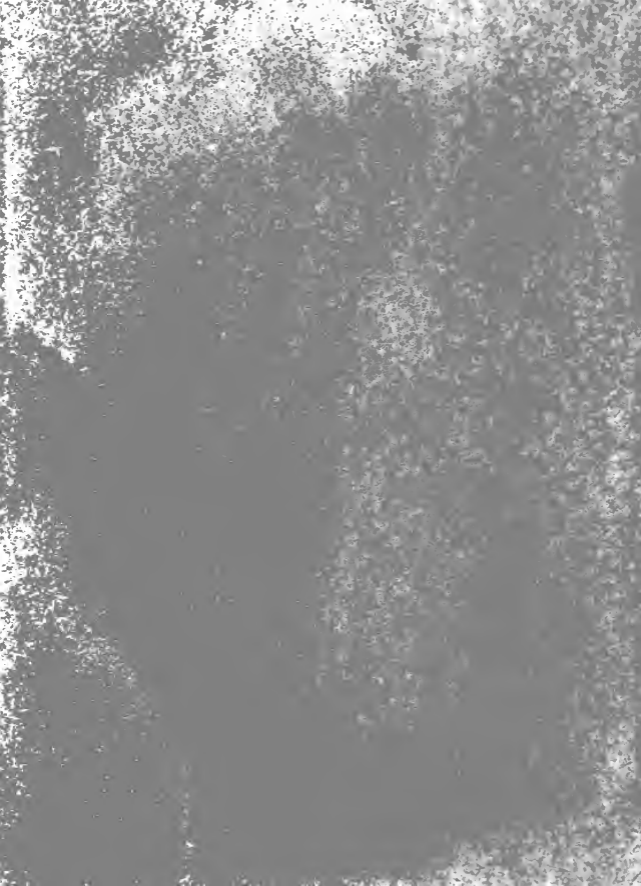


© RISO

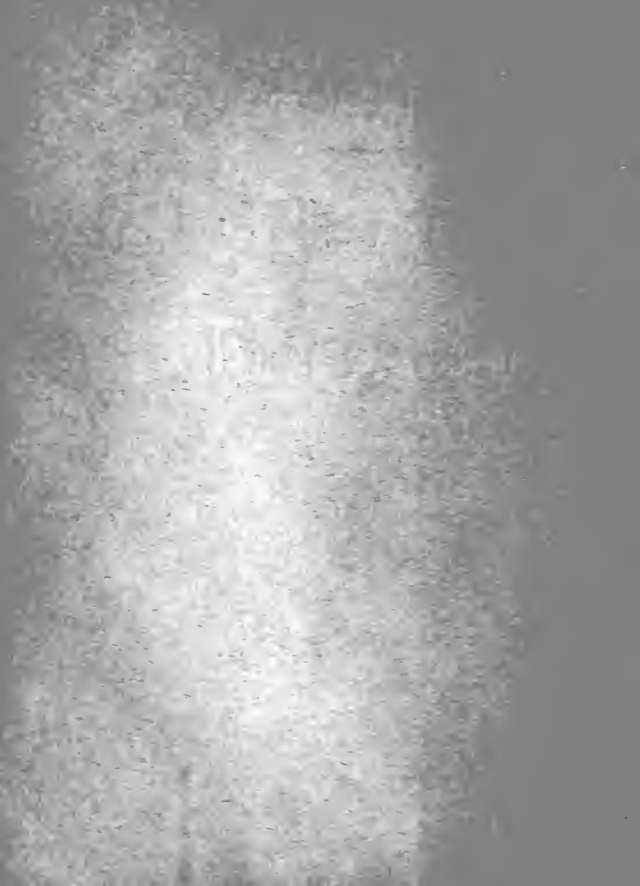
Amarello







O RISO AMARELLO



SILVA PINTO

O RISO AMARELLO

POLITICOS, IMPOLITICOS E OUTROS



LISBOA

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

1897

PQ

9261

S55R5



LISBOA

Typographia e Stereotypia Moderna

II - Apostolos - II

1897

CARTA AO MARIUS

Quando fôres um homem, — depois de amanhã, que vocês vão depressa, pequenitos de hoje! — mal terás tempo para seguir estas transformações do meu riso nos domínios do espectro solar. Saberás como soube amar-te este sujeito a quem dissolvias o mau humôr, á simples nota crystallina da tua troça; hasde, uma vez por outra, consagrar, — que tu és de santa indole, — alguns minutos, saudoso, á memoria do teu amigo sombrio; mas «o que ahí vem» não te dará tempo para demorando culto dos Mortos, — nem a ti, nem aos pensantes da tua quadra. Vae ser

grave, meu filho: vão tocar-se os dois extremos, — de desespero agudo e de balsemo divino... retardado. Mas, em fim, tu e os melhores dos teus hão de saber que não vale a pena o Egoismo. Digo-lhes que o Sacrificio é o melhor, nas concessões que Deus fez ao Homem, nos limites da inspiração divina. E' como te diz a minha pratica, meu amado filho!

*

O «riso amarello» tem pois de ser-te explicado hoje, porque não terás tempo para destrinçar o meu pensamento.

Amarello é o desfecho da velhice muito fatigada, muito exausta, e conscientemente fóra do seu tempo. Vê tu a China, que, ha pouco, em guerra com um inimigo inferiorissimo, fugia, para não ser batida e era batida quando não cedia o terreno. E' o paiz do «amarello» em papagaios e em saiotos — e em desconsolo da vida. Está velha e no desenzabido sabôr da sua velhice: tudo «amarello!» Nas profundas do inferno catholico deve existir um «salão amarello»: o retiro dos velhos condemnados, fatigados de soffrer, e dos velhos diabos cançados de caustical-os.

Visões retrospectivas e visões do futuro, suggestões, ambiente, horizontes, toda a mixórdia d'alma d'esses bana-boias lugubres e phosphoricos — tudo amarello: o amarello baço-mixto das velhas caveiras e dos brazidos agonisantes!

Amarellas a degeneração das rosas e a face do tísico,— amarello o sol vencido pelo nevoeiro do temporal,— amarellas o depauperamento, o pavor, o desfallecimento,— amarellas a fadiga, a desesperação, a descrença— a mortalha da alma; e, com o tempo, todo o preto e todo o branco — esses dois lu-

tos — amarellecidos como a relva que
vae morrer! Amarella a pobre luz que
agonisa sobre a face — amarellada —
do esquecido moribundo, e amarellas
as aguas do mar ameaçadas pelo fu-
racão! E no embate pavoroso, a que
tu, queridissimo, hasde assistir, verás
como são amarellas as faces dos Des-
herdados, por mais que o incendio as
aqueça, e as faces do Christo crucifi-
cado, por mais que as aqueçam os ex-
ploradores!

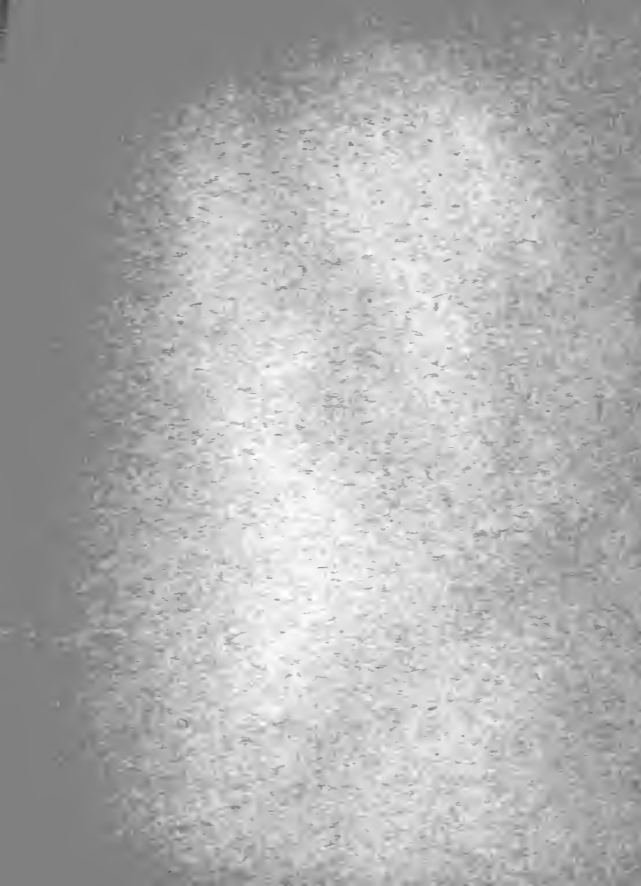
*

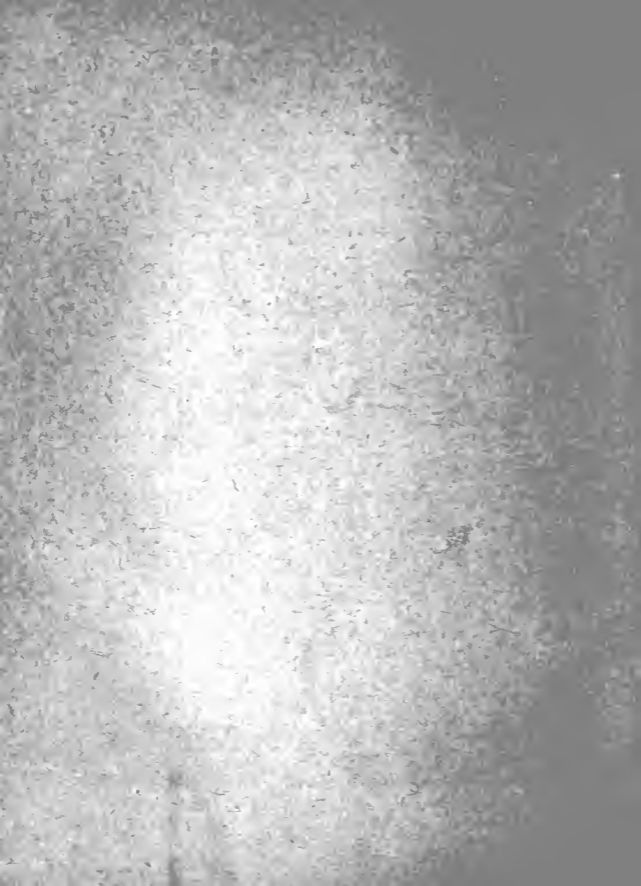
*E aqui tens o como, ao termo d'esta
medonha travessia, onde deixei tudo*

*o que não é teu — em coração e em cerebro,— o meu riso de hoje é o «riso amarello», que eu deponho, em phantasias de colorista, ahí onde se espe-
lham a rosa e o azul que são da tua face e dos teus olhos, Marius queridissimo e do meu coração filho!*

1897.

SILVA PINTO.







OS QUE FURAM

COMO quer que eu hontem á noite encontrasse no largo do Rato o meu amigo Alberto, que eu conheci pequenito e que está um homem, perguntei-lhe, com interesse, ao vê-lo triste:

— Que diabo tem você, n'essa idade, para o tornar murcho? Faltas de *massa*? Coisas da pequerrucha?

— E você? Você também é *um triste!* (diz-se assim, á moderna).

— Eu não sou tal o que você diz. Eu não sou triste: sou um homem sem paladar. Gas-

tei-o em fomes, em ceias no *Café Ingles* em Madrid e em iscas na rua da Atalaya. Hoje, não ólho para os petiscos, porque já não tenho gosto. Ólho apenas para os sujeitos que comem, ou que fazem por comer, e, porque ache assumpto para risola nos processos dos comilões e dos gulosos, passo a vida a rir-me, — mas rio-me por dentro, para não offender a vizinhança. Agora mesmo estou eu rindo de você, e ninguem o ha-de dizer: pois não é assim?

— Decerto. O amigo tem má cara para santo.

— É um geito que me ficou de pequeno. São contos largos... Mas, diga-me lá esse desgosto!

Foi no largo do Rato, passeando desde a rua das Amoreiras, á de S. Filippe Nery, que o Alberto me disse:

*

— O que me caustica é eu sair a meu pae, o qual já saira a meu avô. Sou d'uma raça infeliz, de homens leaes e bons. Não é que nós sejamos tolos. Por mim, succede-me — e já

succedia aos meus — vêr claramente o caminho por onde se chega á mesa da paparoca, mas não tômo por ella, nem pelo diabo! E' preciso um certo feitio — hein? — para furar nos ajuntamentos. Ora, tenho eu observado que ha duas especies de furadores: os que dispõem de força — e os que não podem com uma gata pelo rabo. Os valentes empurram, affastam para o lado, mettem debaixo dos pés, dão o seu sopapo, fazem berrata, mettem medo. Os fracalhões tem a sua *politica*: não empurram, agarram-se á casaca dos valentes, d'alli apanham uma pizadella, d'alli um cascudo, soffrem troça, seu pontapé no cú, — mas vão indo: são callados, doces, são de borracha, fazem-se invisiveis á força de se reduzirem, evitam as pessoas que não lhes servem, para se prenderem ás importantes — as que podem ajudar um homem. Se lhes não permittem que acompanhem como creados, vão como alcoviteiros, vão até como microbios — na gola do casaco do conselheiro... Você ri-se por fóra?!

—E' que deitou por fóra. Você tem graça, o

que vem a ser a essencia da razão. E' pena que não seja um maroto!

— Pois essa é que é a minha desgraça! Dê-me você um cigarro!

— Tenho cachimbo. Quer uma cachimbada?

Acceitou. Estava linda a noite. Fomos indo até ás Amoreiras, e sentamo-nos n'um banco. Alli, o Alberto proseguiu :

*

— A' meia volta, o fracalhão chega ao pé da meza, e ás vezes chega antes do valente — que se demorou a dar sopapos. Então é que é comer — sem se esquecer de ir furando para os logares de cima, que é onde estão as petisqueiras finas. No entanto, aqui me tem você, filho e neto de *escrupulosos* e refinado em caganifancias. Metto-me no apertão; vem d'alli um bólas e piza-me, vem outro e dá-me com o cotovello. Desato á bolacha, mas não insisto: venho para a rua e desafio os sujeitos. Isso — vem elles?! Perco a vez, chamam-me asno e chego a convencer-me de que o

sou. Por que diabo é que eu bato com os pés, podendo andar mansinho — como os ecclesiasticos? Porque é que eu falo alto, podendo balbuciar como os esfalfados? Porque é que eu dou pontapés, em vez de os levar — sem dar cavaco? Porque é que eu, em vez de desabafar com você, que me não póde ajudar, não estou fazendo a côrte a um ministro, ou a um financeiro que venha a puxar por mim?!

— Mas, diga-me cá! Dispondo o Alberto de bons pulmões e de bons pulsos, porque é que não fura á valentona?

— Porque tenho nojo dos concorrentes: cada marmanjola! Uns cheiram o calaboiço, outros a estrebaria. Se eu lhe cõntasse historias de certos freguezes...

— Não conte, que já sei demais.

— Sim, você deve saber, mas não lhe tem aproveitado. Você tambem tem pulsos e pulmões. Porque é que você não se lança nos apertos?

— Eu cá sou d'uma natureza contemplativa. Em pagando á tenda, ao padeiro, etc., ponho-me a olhar para as estrellas, se é de noite.

De dia, ólho para as creanças e para as flores. E' um processo seguro de limpar a alma, cheia de microbios das creias. A essas praticas innocentes furto alguns instantes no dia, — não para fazer *arte*, mas para fazer *critica*. E' feito.

— Ha-de ganhar muito com isso!

— A quem o diz! Olhe que eu vejo a *situação*, e trago sempre nos ouvidos uma phrase de um poeta, nosso amigo, que é um grande talento e um homem honrado e que nunca será outra coisa. Diz elle — «que a Honra é uma palavra inventada pelos patifes, para nos comerem a todos.»

— Essa é de estalo e talvez venha a servir-me! Hei-de pedir licença a meu avô, mais a meu pae — *homens leues e bons!*





OS SIMPLORIOS E OS SIMPLES

HA tres dias surprehendeu-me, — como quem diz, — um telegramma de Famalicão, no qual se registrava a expansão jubilosa dos minhotos ao verem a rica pêra do «nobre ministro da guerra,» — o qual ministro vae manobrar alli ás margens do Ave. Antes de mais, dei-me a pensar no rio Ave e em Famalicão e na estrada de Guimarães e na Portella e na aldeia de *S. Miguel de Seide*, onde Camillo Castello Branco, n'um accordo de esquecimento e de reconciliação, me hospedava carinhoso e fidalgo — a destoar, no trato como

nas letras, da ralé sarrafaçal dos estupidos rancorosos de hontem e de uns incriveis rebentos—ainda mais pórcos—de hoje. Foi um bom parenthesis de uma irresistivel e dôce elevação, em coração e em espirito, o que me veiu do convivio com o meu unico mestre e, já agora, nas officinas da nossa Prosa, o unico que ao termo do meu trabalho eu terei admirado n'um crescendo que attinge a adoração. Sombra formidavel, sombra do Invencivel, do Inconfrontavel, que me prende o espirito áquellas paragens de luz e áquelle periodo de redempção! Felizes e descuidadas horas! Era ao tempo em que um quarteto de bandidos fazia mão baixa sobre os meus cobres e a minha descuidada boa-fé: contos largos para um livro que hade ter vida, sob o titulo *Saldos de contas*. Não nos azedemos extemporaneamente, e esperem os dois ladrões sobreviventes!

Depois, pensei no telegramma. Com que, então, muito alegres os *simplorios* do meu

querido Minho? *Caramba!* que dá gosto aos «dirigentes» converter em manobras as ultimas pingas de suor e de sangue de tão joviaes banaboias! Já a minha creada Maria Augusta, uma beiróa de Oliveira do Hospital, se me revelou menos patusca, embora camponeza, quando em minha casa ouviu referencias ás manobras e á alegria dos minhotos. Com um ar dorido se me quedou a pobre de Christo, como que a saborear fel de tristezas. E eu, que muito estimo a honesta e trabalhadora rapariga, perguntei-lhe — que vinha a ser aquillo das suas amarguras.

Falou-me assim, salvo o pittoresco da sua prosodia, que eu reduzo ao vulgar de minha litteratura:

— «Ai, meu senhor! Essas festas estão-me a fazer pensar n'outras que houve na minha provincia, ha coisa de anno e meio. Toda a gente foliou, e a minha gente tambem. De então para cá, até parece castigo, foi um descarrilamento! Meu pae paga de renda de umas fazenditas cento e cincoenta alqueires de milho. Pois, este anno passado, a colheita não

deu para metade, e apertaram-lhe com umas decimas atrazadas, e foram penhorados os boi-sinhos. Somos uns poucos irmãos; não havia pão, e meu pae muito afflicto. Eu vim a servir para Lisboa, e toda a minha soldada vae para a terra, — que eu, ao menos, tenho aqui que comer.»

*

Tal se explicou a *simples* Maria Augusta, que não collabora na jovialidade dos *simplorios* e que se afadiga no honrado desempenho da sua tarefa, porque aos irmãositos e ao pae não falte, ao menos, o pão. E, se lhe falam de alegrias dos simplorios, á conta das maroscas dos de cima, deriva-se da resignação á amargura. Perigoso contingente critico — o da indignação dos simples: affirma-lh'o quem tem visto e observado attentamente como nas almas ingenuas a surpresa se transforma em meditação, a meditação em critica, a critica em condemnação. . . Cuidado com os filhos da Maria Augusta!



OS QUE LADRAM

LEMBRO-ME, de quando em quando, — poucas vezes, — de um sujeito que já não vive em Lisboa e que deu sérios desgostos, nos tempos da sua residencia entre nós, aos transeuntes seus conhecidos. Imagine o leitor que tinha relações com o homem e supponha que o encontrava na rua, e que n'essa manhã calçara uns sapatos novos. Bem. A primeira coisa que elle lhe dizia era, n'um tom feroz e sarcastico, como que rangendo os dentes:

— De sapatos novos, hein? Sempre ha cada pedaço d'asno!

E o leitor, se não conhecia bem a fundo o freguez:

— Você está doido?

E elle, erguendo a bengala .

— Doido, seu pulha?! Você tem a pouca vergonha de andar de sapatos novos, como se fosse alguém, e eu ando aqui com os dedos de fóra! seu canalha!

E a questão acabava mal, ou ridiculamente — pela fuga do leitor.

Os cuidados que lhe mereciam os bifés comidos pelo proximo e as calças novas por esse proximo vestidas e os dinheiros que este ganhava — e tudo para execrar, ameaçar e ás vezes, mesmo, espancar os taes *felizes*, — davam para um poema heroe-comico, terminando n'um hospital de doidos. Era phenomenal aquelle typo; mas, emfim, tinha uma atenuante: a pobreza. Era um invejoso, mas necessitado.

Peior, de torpissima raça, com um dos pés de baixo no Ridiculo e o outro na Ferocidade,

é aquelle galeote que, cheia a pança,—espreita a cada momento a *situação* do proximo, e faz, a cada hora, contas minuciosas dos provaveis *rendimentos* d'esse individuo. Se os ganhos são insufficientes para alimentação d'esse proximo, a besta-féra exulta e — interessante coisa! — orgulha-se da pobreza do outro, alardeia as privações dos seus correligionarios — dos verdadeiros lutadores! — dos homens de uma só fé! Quer os seus companheiros *puros*: e não concebe a *pureza* — a dos cutros — senão entrelaçada com a miseria!

Não phantasio. Está-me lendo a besta-féra, que perdoaria ao destino, se eu lhe arrancasse a pelle — com a condição de eu perder parte do meu pão. Um artista, que é uma gloria de Portugal, dizia-me um dia, ali n'uma rua de Lisboa: — «Você não imagina o descredito moral que me tem trazido a circumstancia de eu não soffrer necessidades! Se eu passasse fome e andasse com as botas rotas, seria admiravelmente ornamental e até me perdoariam o talento!»

*

.. Um dia d'estes, um compadre da besta-féra dizia-me com toda a naturalidade: — «Você está ganhando bastante: trabalha para jornaes, para editores, tem um empregosito... *O que vale* é que tudo isso é mal pago.» Este *o que vale* deu-me para meditar e para me rir por dentro, duas horas bem puxadas. *O que vale* é que talvez todo o meu trabalho, que já me tem feito cair doente, não me chegará — hein? — para pagar, sem afflicção, a minha renda da casa. Se a besta-féra, mais os compadres, se convencem de que eu ponho de parte, sem difficuldades, o dinheiro para o senhorio e para um fato novo e para um brinde ao Marius, no dia dos seus annos, desatam outra vez, a conspirar — para me tirarem as minhas fontes de receita. *Que é para eu ser um puro!*

*

...O meu leitor ingenuo ignorava que se pôde ser tão canalha, á face do Creador? Pois não ha duvida nenhuma!



O BEZERRO...

UM jornal querellado pelo Burnay, ou em vespas de o ser, desata a protestar contra as pretensões do ricaço e omnipotente. Erroneo protesto! Se o bezerro d'ouro, com a respectiva burra, não é o senhor do mundo, falta á verdade o Mephistopheles — e falto eu! O jornal ingenuo descrê da possibilidade de o bicho comprar a justiça. Olhe que compra! Um amigo meu, que já por trez vezes foi rico, deixa-se empobrecer para gosar sensações especialissimas que me fazem rir quando elle m'as refere sorrindo. Vejam v'cemeçês isto:

Em periodo de felicidade — que não ha outra senão a que vem da burra, — vê-se grego o nosso homem para o fim de accomodar na dispensa as vitualhas que lhe offercem os compatriotas. E' o de Portalegre a fornecel-o de chouriços; é o de Amarante a remetter-lhe do *verdasco*; é o das Caldas a convidal-o com cavacas; — e não é só isto... O Onofre drogista propõe-lhe que accete em deposito uns dinheiros, para os fazer render a seu modo; o senhorio acha melhor que elle conserve em seu poder a renda de cinco annos; a Soledade offerce-lhe uma paixão lardeada de desinteresse; os cocheiros de praça descobrem-se em toda a linha, ao verem-n'o, e chamam-lhe *sr. conde*, e o José do talho resume a impressão geral quando diz, ao vê-lo passar: — «Aquelle é que está c... para o mundo!»

Aborrecido o homem, ao vêr de cócoras, por humildade, toda a humanidade da sua patria — como dizia o Jayme, — resolve deixar-se empobrecer. Começam ellas: acabou-se a remessa dos chouriços e o tratante de Portalegre é como se não existisse; idem a respei-

to do *verdasco*, e de cavacas a mesma historia! O Onofre não lhe falla de dinheiro, senão para se queixar da crise; estala-lhe o senhorio á porta, ao romper a manhã de 20 de maio, mais a 20 de novembro. A Soledade faz contas de cabeça e desinteressa-se com um burro muito rico — muito amiguinha do burro! e os cocheiros voltam-lhe as costas, e o José do talho commenta, ao vê-lo passar: — Estou-me c... para elle!» E' o coice do asno.

Nunca este homem quando rico, solicitou dos poderes publicos a nesga de um favor para qualquer conhecido, que não recebesse o favor inteiro e o contra-pezo de gentis offer-tas. Pediu uma vez um logar de chefe de esquadra policial para um pobre diabo. O diabo foi feito commissario, e ao protector foi offercido o logar de governador civil. Quando pobre — nem cabo de policia! Nunca pediu, rico, a absolvição de um réu, que a não obtivesse... Veja agora o jornal querellado — se o bezerro pede uma condemnação!

Dizia o ingenuo Castello Melhor: «Não ha dinheiro que compre o que mais vale: o amor

de uma mulher.» Não? Vão lá com essas áquelle môno de quem diz a amante, pelas costas: — «Que besta!» e pelo outro lado: — «Rico amiguinho!»

Não se compra, hein?!

*

*

*

A *massa* faz de um poltrão um Nero no circo — a *vencer* os gladiadores. Tudo accordo! Conheço um menino que esbofeteia os creados, a vintem por bolacha. Os creados gostam e os paes do menino acham-lhe disposições dominadoras. Hade ser um alho — o indêz! Como elle descobriu no homem as *virtudes* do cão: humildade cariciosa, em troca do osso! E já notaram, a proposito, como os cães ladram aos pobres e acariciam os ricos? Não está o jornal querellado a vêr um jury perfeitamente canino?

Omnipotente, o bezerro até pôde ser bom! Pôde, por capricho, soccorrer os afflictos. Quem não tem recursos positivos só pôde of-

ferecer lastimas. A' similhaça de Deus, levará coices em troca dos beneficios! Ha quem julgue desconsolador ser lisonjeado e attribuir ao seu dinheiro as lisonjas que recebe: tem dôces compensações: adivinhadas pelo José do talho: — c... para o lisonjeiro mundo!

Comprar justiça no seu paiz... Pois que outra coisa é vencer um pleito? Que outra coisa é ter advogado, ter procuradores, chicanear, ter dinheiro para tudo isso? Dizia um dia d'estes a uma demandista um juiz muito conhecido: — «A sua causa está ganha.» Éra em vespera do julgamento. O adversario da mulher encontrou-a na rua e disse-lhe: — «Sou rico, a sua causa está perdida.» Vinte e quatro horas depois, o juiz condemnava a mulher.

Com que então — não é omnipotente o bezerro?!

E' fazer pouco das burras!





ELEIÇÕES

I

FUI-ME, um dia d'estes, á visitar um velho operario que me conheceu creança, — já lá vão trinta annos. O operario está hoje reformado, com vencimento e um terço, e diz o bom velho «que abençoado seja o filho do seu patrão,» — o qual filho sou eu.

Como quer que seja, fui-me a procurar o meu velho operario que ha trinta annos já previra *tudo isto*: querem crêr? Dizia-me o diabo do homem, ás horas de descanso, tardes de verão, á borda do lago e os peixes a faze-

rem boquinha contra a superficie da agua: — «Fique vossemecê com isto que eu lhe digo: Seu pae é miguelista e tem razão. Não é que o D. Miguel fosse coisa boa, mas é que *estes diabos* são peiores. Não enforcam a gente, mas esfolam-nos e fazem de nós pouco mais ou menos, e olhe que dão cabo de tudo isto!»

Já então o meu amigo operario achava que *elles* dariam cabo de tudo. Mais previdente em seus juizos do que outro amigo meu que já foi ministro, que sabe muita Philosophia e muita Historia, e que me dizia vae em seis mezes:

— «V. sabe que tenho sido um homem honrado, como particular e como homem publico. Pois bem, tenho medo *de ter remorsos*: — remorsos de não haver feito como outros, que trataram do seu futuro, espatifando o do paiz. E' assombroso como eu suppuz ingenuamente que tudo isto se aguentaria pelo seculo XX em fóra! Pois, meu amigo, deram-nos cabo de tudo *estes diabos!*»

Aqui está como o operario e o estadista se encontram em commentarios e até em phra-

ses, trinta annos volvidos sobre a previdencia... do primeiro!

Farto de «homens superiores,» fui-me pois a palestrar com o mestre tintureiro aposentado. Encontrei-o no jardim da Patriarchal, a gosar as caricias do sol e a fazer a critica da jardinagem. Disse-me elle logo que me acerquei: — «Estava eu aqui a ver estes amores-perfeitos, e tinha-me lembrado de seu pae, que no fim da vida gostava muito de flôres. (*Melancólico*). Eu tambem estou gostando! O senhor, que sabe muitas coisas, (*é mentira!*) não me explicará esta ratice?»

— Essa *ratice*, meu velho, é um documento que o bom Deus lhe mostra, e que vossemecê hade encontrar na secretaria do Paraiso. É um attestado que lhe dá direitos á entrada — como alma de justo. Não se faz ideia exacta do que será um homem, pelas manifestações da sua infancia; mas é facil acertar com o que um homem foi — pelas provas involuntarias fornecidas pela sua velhice. Vossemecê foi um

energico trabalhador é um homem honrado; — physica e moralmente fallando, foi d'uma canna, como dizem os do norte. Pois bem, a sua força liquida em bondade, e a *amisade* ás flôres é uma demonstração de um passado de justiça. Alli tem aquelle vélhote, que parece não dar pelas flôres e que está ahi a profanal-as com o halito da bebedeira mal cozida. E' um velho galopim eleitoral, borrachão, que abandonou o seu officio, para viver de expedientes furta côres. Foi mau companheiro da mulher, foi mau pae, não foi amigo de pessoa alguma, não se sacrificou. Para alli está a moer desesperos sobre a descrença nos homens; e o meu amigo, tambem descrente, acha nas flôres compensações e carinhos. Foi para a gente boa que o Creador as fez. Os homens vendem-n'as á Vaidade, ao Luxo, á Prostituição. Está percebendo — o meu velho amigo?

— Percebo. E o senhor não lhes tem amizade?

— A quem?

— A's flôres.

— Ainda não estão bem apertadas as nossas

relações, porque ainda não consegui libertar-me de certos vícios: por exemplo, a queda para as coisas politicas—salvação do paiz, etc.

—Aposto que se interessa pelas eleições!

—O que me interessa n'este momento é a opinião do meu amigo sobre as eleições.

—A minha opinião?! O senhor está caçoando?

—Falo-lhe sério. A dos *politicos* já eu conheço: é a d'aquelle velho piteireiro que para alli móe desesperos. Quero ouvir uma opinião limpa. Despeça-se dos amores-perfeitos, e vamos a discutir o caso!...

Sentados n'um banco da Patriarchal, elle disse e eu ouvi o que se vae lèr ...

II

Tinhamos ficado, o meu velho operario e eu, a contas com as eleições, — alli em cima, n'um banco da Patriarchal...

— Temos nós a votação monarchica e a votação republicana. No caso dos eleitores monarchicos, — pois que ainda os ha, — não vejo sequer apparencias de vantagem n'uma votação contra *este governo* e em proveito dos outros amigos. Em primeiro lugar, estabelecido que o eleitor é um sincero partidario da monarchia, deve desejal-a *pura*. O que ahi temos é o purissimo regimen monarchico-constitucional, — com a bella Carta violavel, com a engorda dos crentes, e — vamos lá com Deus! — com uma certa *fidelidade* dos socios. Fidelidade: quero eu dizer — o que se dá com os Regeneradores fóra do poder e sempre de

boas falas para o rei, enquanto que os outros — os da travessa da Espera — á meia volta na opposição berram contra o «ostracismo» e ameaçam o rei com as coleras populares e baralham e confundem as violações da Carta com as liberdades publicas. Palavra d'honra, se me dêsse um dia para monarchico — mas já estou velho para luxos! — seria regenerador. Embirrei sempre com furta-côres.

Accresce outra vantagem na conservação de um governo: é a de nos livrarmos do outro — que hade vir. Entre dois ruidos — o que é produzido pelos homens que *mastigam* e o que produzem os que *amolam os dentes* — cauza-me terror o segundo e o outro inspira-me confiança. Ha placidez e beatitude no homem que está comendo e uma certa ferocidade no que espera a vez. Um regala-se e o outro rala-se. E' da Natureza.

*

...Pelo que toca aos eleitores republicanos, mantenho o meu parecer, já expresso em ca-

vaqueiras de rica sinceridade: não me parece que hajam muito a ganhar nos tenebrosos mysterios da urna. Ou teem vontade, ou fingem têt-a. No segundo caso, não falemos n'isso. No primeiro, seria legitima a impaciencia ao termo de tanta marcha infructifera no mesmissimo terreno. Trez, quatro deputados, bem ou mal falantes; sempre a minoria de Lisboa, o Porto a abster-se e o resto do paiz a encarnear-se e a batatear-se... Se ao menos lá fosse um tribuno, um d'estes que varrem a feira dos escandalos, teriamos um espectaculo *excitante*, mas apenas bachareis ou simples *discurs*! Não me cheira a «fogo sagrado»; é chamusco!

Se a entrada dos republicanos n'uma campanha eleitoral tem por fim, como diz o outro, contar as forças, eu entendo que o resultado é negativo. Contra a monarchia temos hoje os republicanos e os monarchicos descontentes e descrentes; sómma dois terços do paiz. Apura-se n'uma eleição vinte mil votos republicanos, desde o Algarve ao Minho, mercê das falcatruas do recenseamento e dos abusos da

dependencia e das abstenções dos que *já não vão por alli*. Que diabo de contagem de forças vem a ser a tal contagem? E para que a produzem? Para animar os da monarchia, ou para desfallecimento dos crentes? Diz-me o Quinhones vidraceiro — que são coisas da disciplina partidaria e que é preciso respeitar a disciplina. Cautella! que dos abusos da *disciplina* é que saem as *Cartas* — modo de dizer *freios*, e se é certo que «o habito não faz o monge», não ha duvida que «o freio faz a besta!»

Dado, porém, que seja disciplina, pôde parecer outra coisa. Pôde parecer que no terreno dos protestos já se soffre de molestias de má nota: quero dizer — que á sombra das crenças do partido se trata de arranjar penachos. O diabo seria o caso de reagirmos contra *os da Carta*, para encontrarmos o equivalente na Republica que hade vir. Equivalente em *fumaças* — bem entendido. Mas não pôde ser: a orientação dos correligionarios de Lisboa é «disciplina partidaria.» Lá estão os do Porto, que não votam, que mandam bugiar a urna, contra as prescripções disciplinares,

mas que fazem um *31 de janeiro*. Que, pelos modos, o «sangue nas veias» também é contra a *disciplina*...

*

Tal é o resumo do meditado parecer que o meu velho operario me desenvolveu sobre as eleições geraes, — n'um banco da Patriarchal. Não quero abrigar n'uma *abstenção* o meu juizo sobre o parecer do bom velho. Voto com o excellento homem, — não indo á urna porque os meus principios nada teem a esperar d'ella; e dado que eu fosse um monarchico, votaria nos que governam, — para me livrar dos *outros*.





CACHORROS!

JA lá está de ha muito, no planeta Jupiter, acho eu, aquelle bom homem que foi na sua terra um escandalo vivo. Quinhentos contos herdou do tio o pobre Fortunato, afóra o estabelecimento de queijos do Rabaçal — de um aroma que lembrava o Roquefort, e mais trez gallegos da esquina. A' volta de dez annos eram uma vez os quinhentos contos do Fortunato — e de queijos nem aroma!

Austeramente lhe saltaram nas desordens da vida e nas incorrecções e nos desperdicios todos os contribuintes dos quatro bairros de

Lisboa — caloteiros inclusivè. E, circumspectos, raciocinavam — que com o bello rendimento de uma tal fortuna, o Fortunato poderia muito bem fazer para o mundo o que todos nós fazemos uns para os outros. Contava-se historias das devassidões do homem e uma croia mãe de dois filhos — resultados de seis escandalos, tres por filho,—dizia-lhes:—«Olhem para aquelle horror!» Com o que muito se horrorisavam os filhos da mãe.

Conheci o homem. Era de uma serenidade inalteravel, que eu mal podia comprehender sem auxilio dos aífuroadores de temperamentos. Só um dia o vi excitado, n'umas ameaças de epilepsia... Logo lhes digo o caso.

. . .

Ora, este bom homem teve um amigo velho que fez o impossivel por lhe amenisar os ultimos dias de viver asperrimo. Com esse amigo assisti eu ao enterro do infeliz, — muito concorrido o funeral do homem, — e foi no

regresso do cemiterio, e nas visinhanças d'el-
lê, que o sujeito *me fallou assim*, como se di-
zia nos romances do outro seculo :

: — «Veja você esta concorrência. Parece um divertimento, e talvez seja uma expiação. Você mal pôde conceber o numero de censores que o pobre Fortunato encontrou, á conta de amar as mulheres e de amar os prazeres da meza. Todos os impotentes, incluindo os castrados, e todos os dispepticos se associaram para a critica acerba. Coisa parecida com um analphabeto á censurar os gozos da leitura e com uma toupeira a troçar da luz do sol ! Mas emfim, é isso o menos da miseria. O negrume está nos apodos, nos motejos, nas imprecações dos Catões a quem o pobre Fortunato valeu em todas as crises reaes ou phantasticas da vida. Deliciosos patifes assoberbados pelas *tyrannias* do senhorio, do alfayate, do medico, do pharmaceutico e até do armador de enterros, alli foram, á loja de queijos do Rabaçal, pedir ao Fortunato que intervisse nos casos, contra a desventura. E elle, que conhecia o mundo e que não era um im-

becil, acudia a tudo. *Não sabia dizer que não.*

«Arrastaram-n'o para a *politica* alguns amigos, uns sinceramente, outros por intuitos de exploração. Continuava a *dar*. O seu fadario! E quando lhe transmittiam as reflexões severas dos proprios politicos, a quem elle descontava lettras de irrisorio valor, o Fortunato punha no espaço os olhos abstractos. Parecia refugiar-se, d'um pensamento importuno, n'uma ideia de libertação superior. Deu até ao fim — e *depois do final*. Este accrescimo ao desfecho pôz á vontade a critica dos seus devedores: — Era claro que com tal viver, o homem tinha de acabar assim!...»

Prometti dizer-lhes como se deu o caso de eu um dia encontrar o Fortunato immerso em grave espanto. Foi á conta de um homem se lhe dirigir, a restituir-lhe um dinheiro que elle lhe emprestára. A originalidade perturbara os principios d'aquelle *sceptico protector* sobre a amavel especie dos cachorros humanos...



CAUSTICAÇÕES

QUERO hoje lembrar a quasi todos os meus leitores e contar aos raros que a ignoram a seguinte anedocta popular, e logo lhes direi porque:

Uma tarde calmosa de agosto, por uma estrada nos arredores de Lisboa, caminhavam um velho saloio, um rapazito, neto do velhote, e um burro, pertencente aos dois. Vinham, ou iam, a pé as tres creaturas do bom Deus, e aconteceu, por tal motivo, que diversos transeuntes, animados pelo espirito critico que enaltece os nossos compatriotas, produziram commentarios d'esta ordem:

— Qual será mais burro: o de quatro pés, ou os dois companheiros? Então, já viram, o velho e o petiz a pé e o jumento sem carga de especie alguma?!

— Parece até, Deus me perdôe! que o burro vae-se a rir dos outros dois!

E assim successivamente, n'um crescendo de ironias acerbas que levaram o véxame ao animo dos dois saloios á imagem e similhaça de Deus. E d'ahi resultou ordenar o velho:

— Salta tu, d'ahi, para cima do burro!

Seguem seu caminho, e, a breves passos, surge a critica da razão impura:

— Forte camello (o velhóte!) N'aquella ida-de vai a pé, e o mariola do rapaz escarranchado no burro!

Grande afinação no juizo do saloio velho. E...

— Salta d'ahi abaixo, tu! Eu cá vou para cima!

Vão, ou veem andando. E a praso de alguns minutos:

— Ora o estafermo do velho! Repimpado em cima do burro, e a pobre creança a pé! Ah! bom marmelleiro!

— Não! Essa agora é que já me parece pouca vergonha! Anda tu cá para cima!

Eis os dois escarranchados no quadrupede, e, para logo, vozes de indignação:

— Pouca vergonha! O pobre animalsito carregado com aquelles dois marmanjos! Não se póde ser burro com similhantes fêras!

E o saloio velho para o outro:

— Deixemo-nós ir! Quem sabe ó que elles diriam, se nós levassemos o burro ás costas?!

*

Aqui teem os meus amigos a critica popular a carrear elementos para os alicerces do meu jubilo, em determinadas horas da vida. E' quando o meu amigo Marius me revela a mais firme antipathia pelos trabalhos publicos — de jornalista, ou coisa parecida. Fóra do auxilio material que me presta o innocente, quando eu lhe peço que me copie algum texto, não vejo meio de lhe prender, sequer, attenção de breves minutos para as lucubrações da critica ou da phantasia. E' todo lá para a

Mechanica e por ahi acima até aos problemas da Engenharia. Hade ser um pratico, e só lhe falta convencer-se a tempo de que «o seu proximo» não é boa prenda. De resto, despondando essa excrescencia, creio que teremos *um homem*.

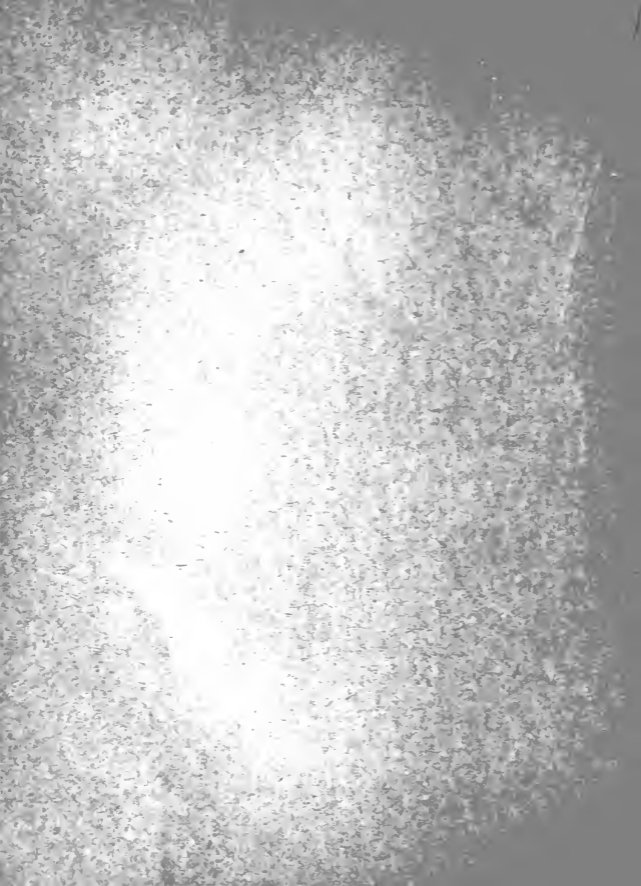
De mim não ousou dizer que seja bem *um homem* o que terá de dar contas a Deus, — e vamos a ellas! N'um estado de indecisão me vou arrastando, á força de muito lidar com os commentadores que na estrada causticaram os dois saloios. Qual me pede moderação, qual me exhorta a violencias; d'alli, um me accusa de *eu me não chegar ao rego* (textual) em materia de revolução social, e o outro me censura porque eu excito em demasia os inimigos da bella Sociedade; ha um sujeito que me escreve: — «Felicito-o porque o seu coração póde ahi, n'esse logar de miseria (Casa de Correção), proteger muitos desventurados», e outro, que talvez por lá tenha algum filho, diz de mim peccador: — «Quem defende as classes desvalidas não deve gosar um logar do Estado!» Mal imagina o mafarrico a

especie de gozos que um cidadão frue entre aquellas paredes — quando toma a sério a desgraça dos filhos alheios!

*

Emfim, quero dizer na minha que a historia dos dois saloios e do burro, mais dos criticos dos tres, tem de se me conservar no sentido, para que eu á meia volta me não des-oriente e não vá para ahi descambar em cynico — depois de uma vida de canduras. Já andei a pé, já me apeei e pedi a outro homem que montasse, já calvaguei á garupa. Só me falta levar o burro ás costas. Não estou para ahi virado — e peço a algum critico possante que nos leve todos tres!







CERTA CLASSE

Não é porque a *renda das casas*, que está alli á porta, me suggira gritos de afflicção, nem porque eu recebesse procuração da minha classe, que eu me dei esta manhã a pensar por ella nas injustiças d'este mundo torto.

Hão de ter notado os meus patricios, sem exclusão dos mais obtusos — que são muitos, —hão de ter notado que na face da terra é talvez unico este paiz em materia de *protecção*.

Dá vontade de ser desgraçado, fóra da mi-

nha classe, louvado seja Deus! Vem ali um temporal, que arremessa aos céus ou para casa do diabo, as encapelladas ondas do Oceano, e com ellas quatro duzias de barcos de pescadores. D'estes cidadãos, uns morrem e teem os seus males acabados, outros escapam, — para serem *protegidos*, mais as viúvas e os rapazitos dos que morreram.

A bondade nacional toca a reunir e desata-se em beneficios de se benzer um crente. Eram quarenta e oito os barcos naufragados, já velhos e a caminho de pôdres; compra-se barcos novos — as quatro duzias e mais uma para os apertos! Viveram sempre nós, ou pouco menos, os pescadores sobreviventes, mais as familias: toca a provêl-os de fateota! Por aquellas mãos callosas nunca passou mais de um tostão de cada vez: ahi vão libras! E em toda a linha das gazetas a minha classe faz prodigios de reclamo — e até vae levar a *massa* á terra dos pescadores!

Manifesta-se uma crise economica, que determina economias tezas, officiaes e particulares. Cessam obras do estado e dos com-

mendadores brasileiros; e centos de operarios acham-se sem o ganha-pão e sem o credito na mercearia. Immediatamente, a minha classe desata á bordoadada aos governos e ameaça-os com a revolução, — coisa em que não pensam os opprimidos. Abre-se subscrições, força-se a vontade dos ministros, dá-se dinheirama por essas ruas, e é um côro de lamentos: — «Pobres operarios sem trabalho!» Chegam os desempregados a achar talvez — hein? — que não era pressa a collocação!...

Arde um theatro e lá ficam algumas dezenas de espectadores, uma rabeca de um maestro e duas meias sujas de uma actriz. Corre voz de alerta — e nós cá estamos de furia sonora e de mão estendida. Paga-se a rabeca ao homem, veste-se e calça se a mulher das meias; rico beneficio para o Melchiades da flauta, mais outro rico beneficio para o comico Faustino, e sobre as desgraças abre e agita as azas a inexgotavel Bondade nacional.

Não lhes fallo da tropa que tem a sua reforma, nem dos empregados publicos que tambem a têm, nem dos homens do campo, que

tomaram á sua conta os Brazis. Mas nós cá estamos — para as occasiões funestas.

*

Acontece, no entanto, que nos fortes tentaculos da Crise é empolgado o Jornalismo. Desapparecem uns jornaes, extenuados; outros, com a *venda* reduzida, arrastam vida de amarguras. D'ahi — redução de pessoal e redução de vencimentos ao pessoal imprescindivel. Creio, pelas minhas contas, que ha hoje em Lisboa, nos seus vinte e tantos jornaes, uns cem jornalistas *que vivem d'isto*. Vivem: como é que vivem? Quem se importa com isso? E a *especial dignidade da classe* não permite que ella use dos seus recursos, pedindo auxilio para os seus homens sem trabalho — permittendo-lhe e impondo-lhe pedir auxilio para toda a gente em afflicções!

Concebo as restricções impostas por taes melindres. Seria duro que os julgadores de tantos individuos assoalhassem perante os que hontem julgaram e perante os que julgarão

âmanhã as circumstancias dolorosas de grande numero dos seus companheiros — como se esta classe fosse comprehendida nas leis da fatalidade que assoberbam todas as outras, Comprehendo os escrupulos e não deixo de perceber o que me está segredando um leitor pratico em difficuldades da vida...

Diz-me elle:

— «Seria logico que uma forte associação de resistencia e de providencia os puzesse a coberto das crises.»

Já tivemos a associação — para discutir politica partidaria e escolas de litteratura. Deu em droga — á falta de convicções.

Emfim... sejamos *bemfeitores!*







PAO

FUI-ME, um dia d'estes, a ouvir um comicio de trabalhadores: o que elles diriam a proposito do pão e de uma postura do «lindo amor de camara municipal»— em beneficio dos padeiros influentes em coizas d'urna. Por signal, que o commendador Francisco, a occultas da D. Genoveva, que não gosta de o vêr commigo (D. Genoveva é conservadora e pinta-se), pediu-me que o auctorizasse a acompanhar-me. — Que desejava, por mera curiosidade, ouvir as reclamações populares, se o povo não exorbitasse, bem entendido! E eu — que viesse, que se mexesse!

Mexeu-se, Fomos.

A breve trecho, esqueci-me do commendador. Foi quando ouvi discutir o pão legitimo; não o pão rhetorico, mas o que se vende na padaria, a 40 réis o meio kilo. Poucos desvios dos oradores, e aquelles mesmo a proposito do pão — do legitimo, não o da rhetorica, mas o da padaria, a 40 réis o meio kilo.

Foi, por exemplo, quando elles deliberaram pedir explicações aos governos sobre e applicação dos dinheiros publicos. N'este ponto, Francisco tocou-me de mansinho no braço...

— Que temos?

— Quero que o meu amigo me explique...

— Diga!

— Que demonio ha entre o pão que elles comem e...

— E o que os governos lhes comem? Alguma coisa, amigo commendador!

Francisco reflectiu um momento e, por fim, murmurou honradamente:

— Sim. Vista a coisa por esse lado...

*

Foi á sahida do comicio que o meu respeitavel vizinho me ponderou em tom solemne :

— Uma coisa que eu nunca pude perceber...

— Diga lá !

— Sóbem os preços dos generos: a manteiga, o assucar, o bacalhau, o arroz, etc., e nunca ha novidade. Apenas se mexe no pão, desata este povo a gritar ! Parece que não se importa com o resto!...

— Eu digo ao meu nobre amigo: o nosso povo importa-se *especialmente* com o pão, e, melhor do que eu, lhe explicaria o caso o nosso vizinho *João da Egoa* — aquelle dos pequenitos...

— Conheço. Tenho visto vagamente... uns bréjeiretes.

— Ora, se o vizinho e amigo olhasse menos vagamente para os bréjeiretes, notaria que desde pela manhã até á noite, andam aquelles oito fréguezes de pão na bocca. Constou-me ha tempos que o pae ganha sete tostões por dia; a mãe não ganha nada. D'aquelles sete tostões

tem de sair o alimento de dez pessoas, fateota, calçado e renda de caza. O que imagina o meu amigo que alli se come?

— Faço ideia : porcarias !

— Porcarias não. Come-se pão, oito pães por dia, em açorda, com um fio d'azeite e um dente d'alho, ou secco — nos intervallos das açordas. Oito pães : isto á dezeseis vintens sobre os sete tostões... Veja o meu amigo a razão por que o *João da Egoa* não berra contra os impostos sobre a manteiga e o arroz e o assucar e o bacalhau — e por que se revolta quando lhe tocam no pão. E' natural que os meninos do meu amigo embirrem com a *panzoada*, porque a mamã os leva ao *Baltresqui* ou á *Violette* — a comerem pastellinhos humedecidos com Arinto; mas os filhos do *João da Egoa*...

— Bem bons pastellinhos me parecem elles !

— Agora é que o commendador disse bem ! Os pequenos são pastellinhos e os paes — *empadas*... Mas tomem cuidado os amadores — com as indigestões !



A ESCOLA SCEPTICA

Não se evôla o meu espirito atravez da idade moderna, mais da idade média, até ir pousar em scepticismos gregos. Os da escola em actual evidencia são «os da colonia gallaica» — como delicadamente lhes chamam os periodicos, no passo que chamam «patifes» aos marroquinos. Esta iniquidade, seja dicto de passagem, é de panno para mangas... Mas, vamos alli á nossa gente!

Sceptico — o André Rubio, natural de Vive-ro, provincia de Lugo. Faz a existencia no Chiado, agiotando, alcovitando, etc., por conta da

humanidade afflicta. Em seus torcicolos na estrada da existencia, o André tem conquistado materiaes para um edificio de muita rônha, muita resolução, e muito de boa troça — que tomaram dois humoristas possuil-a. E' um homem, o André, e dos de espirito catita. Mas é o vulgar nos espiritos *gallaicos*. Burros só os marroquinos!

*

Ora, succedeu-me um dia, por signal de noite, ser eu incumbido por uma das minhas relações cordeaes, mas respeitosas, de averiguar se uma determinada senhora da sua amizade já teria regressado á sua casa de Lisboa, de uma villegiatura não sei onde. Como quer que eu me sentisse fatigado, destaquei o André Rubio á descoberta. Que visse se havia luz na casa, e que, em ultimo caso de duvidas, interrogasse o dono de um estabelecimento visinho, apresentando-se-lhe como enviado de uma familia séria — para não «comprometter», hein?

Parte o André. Eu instalo me a uma das mezas do *Tavares*. Decorre meia hora. Chega o

André, e da porta da rua me faz um signal de intelligencia. Abeiro-me do sujeito, e eis que elle, piscando-me o olho entre ladino e severo, assim me diz ao espirito apavorado :

— «Póde ir!»

— Posso ir aonde?!

— «Vá, que ella está á espera!...»

— Ella, quem, bandido?! Que fizeste tu, malfeitor?!

Sereno, assim se expressou :

— «Não me pareceu decente ir lá perguntar ao homem d'a tenda. Bati á porta. Veiu ella mesmo abrir, — caramba, que é bem guapa! — Eu disse-lhe que ia saber se ella já tinha vindo; perguntou-me da parte de quem eu ia, e eu, para não estar com fingimentos, disse-lhe que da parte do senhor, e que se podia lá ir agora...»

— E ella?! Ella, que disse, malvado?!

— Pôz-se com historias: que lhe parecia impossivel: que o senhor é um cavalheiro: que havia *mystificacion*... muita léria; mas eu, que conheço mundo, disse-lhe que o senhor gostava muito d'ella e que podia fazel-a feliz...»

— E afinal?

— «Afinal, diz que aquella casa está ás suas ordens.» *E' o costume...*»

Ahi está o leitor a saborear a minha agonia e a vêr como eu descalço esta bota... Pensei, enviei á dama o sórdido gallego com uma carta de explicações sobre a imbecilidade do miseravel, e pedi-lhe mil perdões, etc. Meia hora depois, o André chegou á minha presença, com uma carta da graciosa senhora: congratulava-se a mimosa, pela decifração do enyigma e agradecia-me as explicações.

Mais socegado, expliquei ao André a embrulhada; e elle, sacudindo a cabeça: — «O senhor podia ter aproveitado. *Ella agora é que não ficou contente...*»

*

Outra. D'essa vez não eram castos os meus projectos. Foi quando eu disse ao André Rubio:

— N'aquelle estabelecimento ha um homem e umá mulher. Estão quasi sempre juntos, de

modo que eu... não sei se me entendes... Quando vires que não estão juntos, vae a correr, chamar-me!

Duas horas depois conversava eu alli... se lhes digo onde era, descubro tudo. Apareceu, correndo, o André, e disse-me:

— Agora!

— Agora, hein?

— Agora, *que está o homem sózinho!*

*

Pondo em duvida a sagacidade do André, eis que me enfureço:

— Para que quero eu o homem, grande estúpido!?

E elle, accendendo um cigarro:

— Vá pelo homem, que é o melhor caminho... *Olhe que tenho visto muito mundo...*
Completo!







ELLAS

NA ordem, um tanto desordenada, da criação, a *mulher* occupa um dos ultimos soccos — lá em baixo. Quando succede a uma das referidas sêr a George Sand, trata de vestir-se de homem, de fingir-se homem, e vem a ser um phenomeno: — creanças e militares sem graduação — meios preços de entrada!

Ha já bastantes annos que o Vieira de Castro, que Deus tenha, travou com as *Farpas*, que Deus haja, uma interessante contenda: o Vieira de Castro a arrumar a sobredita nas varandas, e as *Farpas* a convidarem-n'a para a

frisa. Venceu o Vieira de Castro; tantos argumentos produziu contra a supra-citada, que a opinião pôl-a fóra da sala.

E metleu-a em si...

Cada um de nós tem dentro de si — *uma fêmea*. E' aquillo dos desalentos, das irritações, das caganifancias. E' aquillo dos desperdícios: o ordenado gasto em luvas, em gravatas e em chouriço preto do pastelleiro francez. E quando a *fêmea* sacode os restos da virilidade que se agacham no fundo do individuo, sae-se um sujeito — de cabeça bicuda e ôcca, de fateota em figurino, de vadiagem pelo Chiado, de cheiro a estêrco no raciocinio e a opoponax na vestimenta. E' aquelle sandeu que passa a vida a cortejar, da rua ou das janellas, as peccadoras mais ou menos titulares: é o mesmo que á noite, no circo, faz a cõrte ás mulheres facéis — mesmo nas barbas da familia. E' aquella besta!

*

Chega a gente a dois terços da vida, e apercebe-se então de que os gastou com a tal su-

jeita. Não completou o estudo, não concluiu o trabalho, não aproveitou o destino. Sendo por feitio e fundo — generoso, teve horas de sordidez. Naturalmente corajoso, algumas vezes foi covarde. Sensato, resvalou à imprevidencia. As suas escorrencias de parvoice, de pusilanimidade, de depravação e de egoismo — é ella quem as espreme do fundo do seu pobre ser!

Tenho conhecido muitos homens enganados, ou desdenhados pelas mulheres amadas. Emprazo os especialistas em *fêmeologia* a que me desmintam — quando eu lhes affirmo, alto e bom som, que ainda não houve homem sacrificado a outro homem — sem que o preferido fosse *um inferior*, e em tudo inferior ao sacrificado! A mulher escolheu o mais rico, o mais refalsado, o mais condescendente, o mais *abrutado*, o mais despotico: nunca escolheu, para a traição, o mais elevado pelo espirito, pelo character, pela coragem, ou pela dedicação!

Nunca!

Como quem tem vivido, reparando nas belezas da vida, possui um milhão de documentos demonstrativos de um milhão de taes mi-

serias. Tenho visto chorar homens fortes, dignos, illustres, cheios de passado brilhante ou de futuro superior: tenho-os visto chorar, com o coração esmagado pela santa alliança da mulher amada com o herdeiro imbecil, com o caixeiro de modas, com o janota de cabeça bicuda, com o operario borracho, com o laçao imundo.

Tenho visto !

*

Mas... dizia o Garrett:—Todas as mulheres são más.—E sua mãe? perguntavam-lhe.—Essa não era mulher; era uma santa!... Prendo-me, pelo coração, à evasiva do grande homem... Era uma santa—a que me fez o brinde da vida... e *santas* d'outro kalendario, são todas as que me tem feito soffrer.





O NOSSO MUNDO

N'ESTA quadra, do anno que começa, é praxe — tenho uma idéa — dar e receber demonstrações de affecto, sob a fórma (as demonstrações) de paios de Castello de Vide, de garrafas de moscatel, de perús e de outros aconchegos gratos a estomago e paladar. Mas, acontece que tanto menos se recebe quanto mais se precisa: que o *Faz Milhões* tem o pateo convertido em armazem de generos alimenticios e que o *homem que estas linhas escreve* receberá apenas bilhetes de visita. Cà recebi.

Opportunamente me assalta, desde hontem, a recordação de umas visitas que em tempos eu fazia a uma terra de provincia, onde me demorava umas temporadas e hospedado em casa de *um amigo*. Dava-se o caso de eu trazer em Lisboa uma questão judicial, em que era *interessado* esse amigo, — interessado em que eu vencesse. Eu partia de Lisboa socegado sobre as informações a receber, na absoluta certeza de as colhêr na provincia, diariamente e com uma exactidão de barometro que se préza. Era assim o barometro :

Chegava eu á terra do *meu amigo*, e era recebido na estação—carinhosamente. Não devo omitir que eu só partia de Lisboa a troco de mil e uma exhortações : — « Venha d'ahi ! Mal sabe o gosto que me dá ! Estará aqui em sua casa ! O que ha é de boa vontade ! Não nos magôe com a sua recusa ! » E eu ia saborear as delicias da amizade : apontamentos para a historia da vida . . .

Uma vez chegado ao lar affectuoso, principiava eu a orientar-me diariamente sobre a marcha dos meus negocios, *muito melhor de*

que se eu estivesse em Lisboa. Almoçava bem, e esperava a hora do jantar — para saber... Jantar na meza — e logo ao ver a sopa, eu ficava orientadissimo. Se tínhamos feijão com hortaliça, devia seguir-se bacalhau: — tínhamos embargos á minha questão e os meus interesses em risco. Se havia gallinha, precedendo lombo de porco, etc., a coisa corria bem e o desfecho precipitava-se. Era infallivel!

Tinha *o meu amigo* o seu correspondente em Lisboa, que diariamente lhe escrevia sobre o andamento dos meus negocios. Se elles iam direitos, choviam-me em casa os presentes, e na provincia os petiscos e as attenções. Se eram más as noticias, eu não recebia presentes, e passava a bacalhau com batatas. Se precisava, não apanhava nada, se vinha a opulencia, choviam-me os regalorios. E eu correctamente orientado...

*

Está o lucidissimo leitor applicando o conto. Vão agora os perús e os paíes e o moscatel,

e o resto das demonstrações positivas, em demanda dos albergues onde as vitualhas mal tem espaço para se amontoarem; e onde o presunto, ou a caixa do moscatel, ou a caixa dos charutos levaria satisfação, vae quando muito o cartão idiota, com o — *cumprimento* e o *por muitos annos e bons!* Mas, se a vida é assim!... diz alli o philosopho. Correm para o mar as aguas; vão as paixões sobre os felizardos saciados e que mal chegam para as encommendas; — e o commendador Francisco, que é *gajo*, deu no dia 30 uma reunião de estalo, a fingir de rico, para apanhar presentes no dia 1.

E apanhou!





DISCURSO DA CORÔA

FRISA um meu collega o caso triste de um rei ser o unico individuo que não pôde physicamente desaggravar-se de quem lhe offende a mulher. A's vezes, pôde ser um alivio, se o rei é de branda natureza, como o rei de Sião — o Isidoro Bermudes. Mas, como quer que seja, ha mais duros ossos no *arduo officio de reinar*. Imagine-se o leitor sisudo e honesto n'esta situação obnoxia e pyramidal:

Vae a sua casa um individuo mais ou menos vêsgo, de mais ou menos escuros precedentes, que lhe faz esta imposição, desenro-

lando-lhe em cima da mesa do almoço uma costaneira de papel do Prado — toda ella a trasbordar de cursivo :

— É para você ir lendo.

— ?

— Para se ir compenetrando d'essas verdades.

— ?

— Para depois lèr, sem balbuciações.

— ?

— Para lèr diante de mil pessoas; e depois vem tudo nas gazetas.

Passa o leitor, pelos olhos, o cursivo da costaneira, e bêrra :

— Mas isto è tudo pèta!

— É claro.

— Mas eu hei-de recitar isto?!

— Ha de lèr.

— Mas è contra o meu decoro!

— Não se faça fino!

— Mas è enganar toda a gente!

— Ninguem se illude; não lhe dê cuidado!

— Peior ainda! N'esse caso faço uma trisstissima figura!

— É dos livros.

— Não quero!

— Que remedio senão querer...

— ?!!!

— Nem tudo são rosas e caçadas...

— Você está a caçoar commigo?!

— Estou sério como um Hintze pingado!

Está-me saltando aos olhos este episodio humano: o leitor pregando com a costaneira na cara do homem e ordenando á creada Maria Candida que chame da janella um policia — para o livrar d'aquelle doido, quiçá maroto.

Justo!

*

Agora o leitor é rei: Surge-lhe em manhã brumosa um personagem mais ou menos vês-go e de mais ou menos escuros precedentes:

— Trago aqui a tal historia...

— Venha isso!

E lê:

— Que de pêtas, seu Zé! Que de pantomí-nices!

— É dos livros.

— Relações cordeaes com as nações — que fazem troça de nós?!

— Olé!

— Eleições livres?!

— Como canta!

— Moralidade na administração?!

— Pois já se deixa ver!

— Esperanças de renascimento?!

— É como paxaste!

— Confiança na *malta*?!

— Chama-se-lhe um figo!

— Ah, Zé! que triste e ardua missão!

— Vá gozando, que ainda está moço. A vida são tres dias, meu senhor!

(*Pausa*).

E o leitor, que é rei:

— E assiste muita gente?

— Assim! Assim! Quasi toda a gente.

— E ninguem se ri?

— Não, que a fome não deixa.

— E os jornaes?

— Hade se ir acabando com essa léria...

No entanto, deixal-os cantar, como precei tuava o Mazarini!

(Pausa).

— Ah, Zé! Que ardua missão! Que espiga!

— O que: mentir?!

— Não é isso, homem!

— Diga!

— É não lhe poder quebrar a cara!

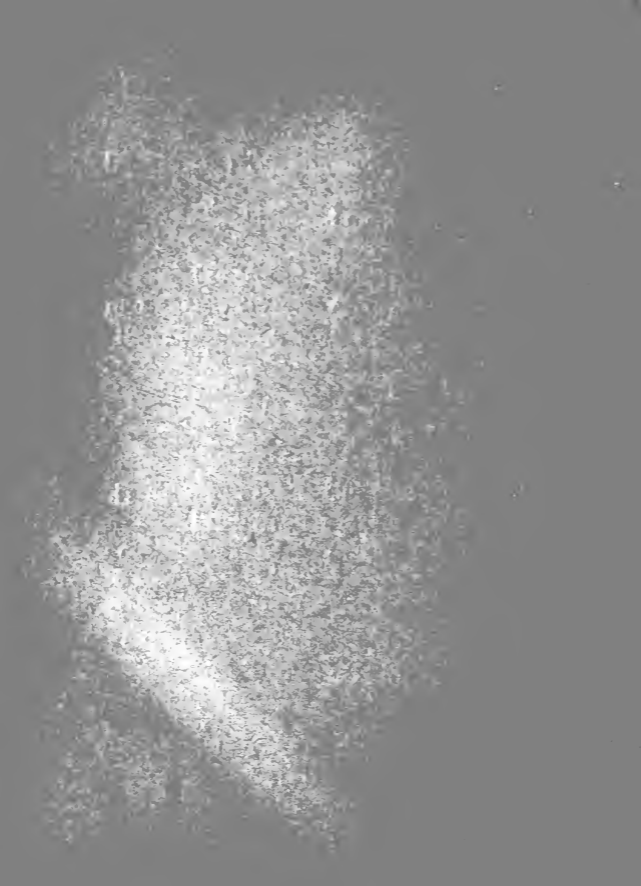
— É puro Luiz XIV. Vossa magestade tem a linha. Mas a quadra é de preceitos constitucionaes...

— D'accordo!

*

E lá vão. A coisa é lida. E ninguem se ri.
Que a fome não deixa, filhos meus!







CAZADOIRAS!

ANNUNCIARAM as gazetas uma *peça* que a velha Judic ia impingir aos lisboetas ali no circumspecto palco da Trindade, e algumas d'essas gazetas, de alcobaça e monco, foram insinuando que a tal *peça* não teria precisamente o *parfum* de flôr de laranjeira, antes lhe não faltaria o de alcova de horisontal, Sobresaltei-me — pelas filhas dos outros. Graças a Deus, falta-me a desgraça de as ter!

O commendador Francisco, testemunha do meu sobresalto, disse-me :

— Homem ! Basta que os jornaes digam que a *peça* é uma obscenidade...

— Não diga mais! Basta que elles o digam!

Foi á scenã a rica pouca vergonha — pois que tudo isto, além de *ronpa de francezes*, é estendal da roupa d'esses guias do pensamento humano, — e para logo se deu o caso de o theatro se encher á cunha. Não fui lá, porque em coisas de impudencia theatral observei o que vae *no palco*, mas o que se passa *na sala* tem a minha solemne reprovação.

E' tambem do commendador Francisco este sentimento, que nos fica bem ao declinar da vida e que tem de nos ser levado em conta, pelo muito que servimos a desmoralisação publica, em dias de mocidade. E era muito de vêr-se a cara do commendador, quando, no dia seguinte, o encontrei na camara dos pares a ouvir o copioso e arrebatado verbo de um dos salvadores d'este paiz.

— Bem me dizia você! bradou o commendador, ao lobrigar-me.

— ?!

— Bem me dizia você a respeito dos avisos!

— Que avisos ? !

— Os avisos das gazetas !

— ? !

— Os avisos ás familias, sobre as poucas vergonhas das peças !

— Esteve lá, o commendador ?

— Isso é uma historia ! Venha você para a rua, que eu lhe conto.

— O commendador tem receio de polluir o parlamento ?

— Não esteja você brincando. A coisa é séria !

— Vamos lá a ouvir essa coisa séria !...

Foi á beira da estatua de José Estevão que Francisco me contou as suas maguas.

*

— Imagine você que hontem, ao regressar do parlamento minha mulher, com as pequenas, perguntei-lhe onde tencionava ir passar a noite. Que eu vi-as vestidas para festa.

(Pausa).

— Disse-me minha mulher, continuou Fran

cisco, que, pela sua parte ia aos Caetanos, onde havia não o sei que religioso, e que as pequenas iriam, com a tia Brites, cantar a casa das Pires.

E' claro que eu aprovei, porque fiz logo o meu plano.

— ?

— Formei o plano de ir á tal peça franceza, com a Soledade.

— E' justo.

— A vida são tres dias, meu rico!

— Ha quarenta annos que assim penso.

— Pois ahi está! Mas vamos ao caso. Saio; vou á Soledade, e convido-a a vestir-se. Pobre pequena! Fica-me sempre tão grata!

... De que está você a rir-se?

— Foi cá uma ideia.

— Vestiu-se a vapor. Fomos. Comprei um camarote e toca!... Felizmente, eu tinha-me occultado ao fundo.

— Querem vocês vér?!...

— E' isso mesmo! O panno a subir, minha mulher com as pequenas a entrarem no balcão!

— Toma!

— Que me diz você à pouca vergonha?

— Eu não digo nada, meu amigo! Se eu desperdiçasse commentarios em palestra, como diabo poderia escrevel-os em artigos?!

— O mais galante foi a troça da Soledade, toda a noite.

— E' moral.

— E o que me pôz fóra de mim foi a risota da mãe e das filhas, durante o desfilar d'aquellas indecencias!

— Coitadinhas!

— Foi isso que me disse a machôna da minha mulher, quando ao chegar a casa lhe preguei uma tremenda descompostura.

— Conte-me isso!

— Eu disse-lhes que um amigo meu as tinha visto no tal espectáculo, e perguntei-lhe se as suas *devoções* consistiam em levar as filhas a uma escola de adulterio!

-- E ella?

— Disse-me, em grande berrata. «Coitadinhas! Estão na idade de aprender! São meninas cazadoiras!»

— De aprender o que, sua cavallona!?

— «Cavallão será você! me disse ella. «Você quer que suas filhas cazem, sem conhecerem os rudimentos da sua posição?!

... Que me diz você a esta!?

— E estavam muitas meñinas no theatro?

— Mais de cem, e todas cazadoiras, e saboreando tudo! Que diz você a isto?

— Digo-lhe que vamos ter obra.

— Que obra?!

— Vamos ter uma geração de arromba: meninas instruidas no ventre materno, e meninos tambem instruidos... Com a Judic na Trindade e com o *Zé dos carapaus* na administração publica — hão de se rir de nós os bréjeirinhos... O que vale é que a vida são tres dias!





CINZAS

N'UMA casa que eu frequento ás 9 horas da noite, e onde se faz critica e se bebe vinho verde, dividiram-se hontem as opiniões ácerca do carnaval d'este anno, pelo modo que vós ides vêr:

Primeira opinião: — «Este povo é a vergonha da Europa. Ha precisamente cinco annos, acabava de lhe cair em cima a historia do ultimatum inglez, e por instincto de conservação previra uma sêrie de miserias — que não deixaram de vir... Mas, um mez depois do ultimatum, principiaram as brincadeiras de en-

trudo, e houve folia de arromba. Hão de estar lembrados...

Todavia, andava nos ares um conjuncto de esperanças. O povo portuguez, acostumado a uma doce panria cerebral e a sentir-se poupado pelas catastrophes, vendo em terras extranhas os terramotos, as inundações, o cholera e as guerras, e conhecendo os casos pelos telegrammas e pela prosa dos jornalistas, não podia conceber, mesmo em horas de atribulada phantasia, que o destino lhe deitasse a unha e lhe aproximasse da beijõrra molle e babada a *taça das provações*. E pelo que toca ás altas camadas — a mesma dança: — afeitas ás papi-nhas do credito externo, da pachorrice interna, das ajudas do Brazil, da intervenção benefica da Providencia, das espertezas dos seus politicos padres mestres e da coadjuvação dos *compadres*: — não suspeitavam de mal que nos chegasse!

De repente, vae-se tudo a trambulhões: — O estrangeiro não dá vintem e pede amortisações; a pachorrice indigena faz o *31 de janeiro*; o Brazil não manda *chêta*; a Provi-

dencia foi para as aguas, tratar do figado; os politicos astutos deixam-se ir — uns para o outro mundo, outros para um obnoxio descredito; os *compadres* caem nas unhas do juiz Veiga, remissão — 200 contos. Desapparece o *vil metal*; começa o brodio dos papelitos; surge a crise do trabalho; entra-se nas *experiencias* e nos *elixires* politicos e sae tudo choldra; sobrevêm os terrores pelo dia d'amanhã, as torturas para cada hora do dia d'hoje, em que mal se ganha para o padeiro e em que o homem da tenda e o senhorio se vêem gregos ao contemplarem os seus *creditos*. E é n'esta quadra de miserias e de perspectiva de maiores horrores que todo este povo se espoja em cambalhotas, se desmancha em piruetas e se esfalfa em zurros de jumento bebedo!

Já viram mais ignobil trambolho?*

Segunda opinião : — «E' certo que este anno augmentou o numero das danças e o de mascaradas pelas ruas e pelos bailes. Mas o augmenta provém justamente da miseria publica. Não se obedece ao proloquio: *Quem canta seus males espanta* Não é isso. E' que, se exce-

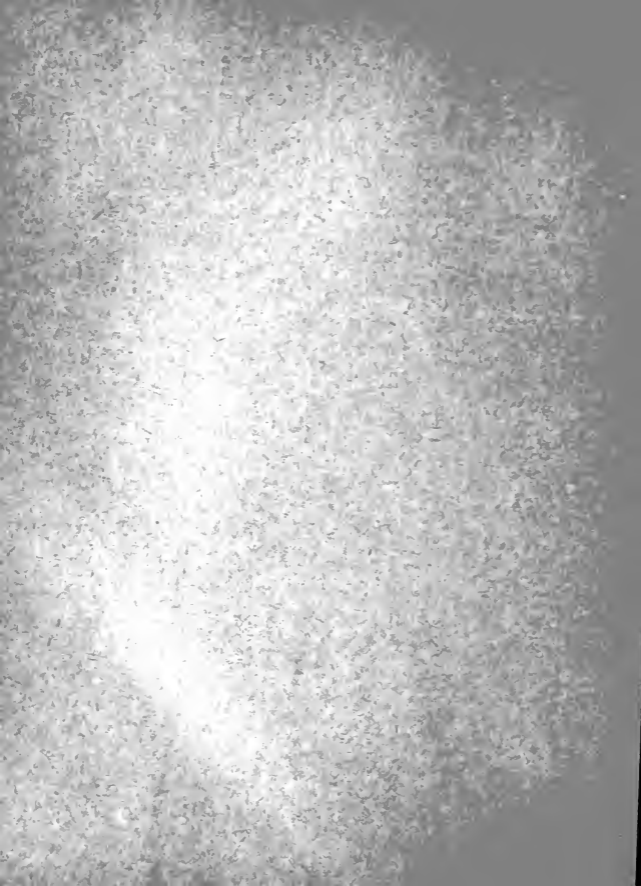
ptuarmos os janotas (e entre elles ha muitos que tratam de conquistar credito, pelas dissipações...) o publico mascarou-se para pedir esmola ao outro publico — o que não se mascara porque não tem com que. Contou hontem um empresario theatral, que, de *duzentos* individuos mascarados que entraram, domingo, no seu baile, houve *cento e noventa e dois* que pediram entrada gratis. Eram pessoas *sérias* — a pedir cédulas de tostão, e eram *hespanholas e portuguezas* de refugo a pedirem ceia e amor pago ás horas. Por essas ruas cantaram mascaradas em grupos, e as vozes, roucas e enfraquecidas, tinham a nota de mil afflições e pediam caldo, sem darem por isso.

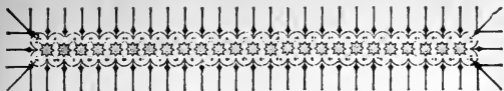
Afora esta maioria enorme de miseraveis, ha uma pequena minoria que se diverte: é a dos que se divertem todo o anno — á custa alheia: cinco tostões d'este e dez d'aquelle. E ha tambem os palermas: os que arruinam em tremoços os ganhos d'um mez e que puzeram no prégo o relógio, para pagar duas ceias a uma cavallona esparavonada...»

Entre estas duas opiniões distinctas como o *verde-tinto* de Monsão e o *verde-branco* dos Arcos de Val-de-Vez, o meu espirito critico inclina-se á primeira, mas o meu coração, que não cicatriza, despende em favor da segunda umas pingas dos seus restos. Isto provém talvez de eu haver frequentado muito as caixas dos theatros — e saber, portanto, o que vae de esforços convulsivos na cara de muitos bons comicos que riem para nos fazerem rir. Chega-se a crêr, parodiando o Talleyrand, — *que o riso foi dado ao homem para occultar as suas maguas...*

Cinzas! Amassem-n'as com as lagrimas deramadas a occultas — e terão *lama!*







FRUCTA DA TERRA

CONCORRERAM, ha dias, ás phantasias nacionaes duas noticias de arromba :

— Que vae abrir-se o parlamento. Era sabido.

— E que o governo dissolverá esse parlamento, constituindo-se em dictadura. Esta era inesperada.

A proposito, vem o caso do Melchiades — o *Melchiades da flauta* — um que ha treze annos rõe um osso orçamental — 15 mil réis por mez, nas obras publicas — e que durante esses treze annos, desde a hora da sua no-

meação, tem sido o terror de todos os nossos homens publicos.

Melchiades acha pouco os 15 mil réis. Melchiades quer trinta.

Nas espheras governativas tem-se succedido, n'estes quinze annos, todos os partidos, todos os politicos, de todas as côres e feitios: -- pretos, pardos, côr de rosa, alaranjados, furta-côres, côr de burro quando foje, — redondos, quadrados, ovaes, e retorcidos. E' sabido que jornalistas de lume no olho conjecturam acertadamente quaes os politicos *à bica* para os sacrificios do Poder. Vae mais longe o Melchiades: calcula, com exactidão mathematica, quaes serão os successores dos que estão á vez. Estão no poder os nephelibatas; vão subir os regeneradores: Melchiades faz a côrte aos progressistas. Este dom exaggerado de intuição colloca o nosso homem nas fileiras opposicionistas — e não ha outro mais ministerial!

Melchiades é *ante-ministerial*.

O que este homem tem dissipado dos seus 15 mil réis das obras publicas e dos 7\$200 da

flauta no Colyseu dos Recreios é um prodigio financeiro. Toda a gente mais ou menos ao serviço dos homens do governo por vir — por vir *depois de amanhã* bem entendido — é regular e profundamente brindada por este singular pretendente. Charutos de 25 aos correios de secretaria, pacotes de cigarros aos barbeiros politicos e todo o *tremblement* do bazar dos tres vintens á criadagem dos conselheiros: tal é o passivo do orçamento do meu amigo.

Com o olho nos 30 mil réis, Melchiades vae a todos os cafés que se orientam nos jornaes, e lê todos os jornaes recebidos nos cafés. Assiste ás sessões das camaras, frequenta a arcada e as creadas de varias sujeitas de relações politicas e outras. No dia em que o José Dias pediu a demissão do seu grupo, Melchiades convidou a ceiar a sopeira de uma janota progressista. Iam subir os regeneradores...

*

Na sua orientação vêsga, encontrei-o ha dias de mãos sujas na cabeça estonteada. Certos

destemperos do Fuschini traziam o Melchias na faina de uma organização ministerial-Descrente da chamada dos progressistas, logo depois da queda d'esta gente, cria o nosso homem n'algum arranjo inesperado. *Para depois* é que teria de vir o José Luciano. E o Melchiasdes piscava o olho ao Manoel Gualdino — factotum do chefe progressista.

— Que me diz você, agora, da situação? perguntou-me o homem.

— Parece-me escura. E' verdade que eu tenho a vista fatigada...

— Pois a mim parece-me definida. Tenho andado assim azaranzado; mas desde esta manhã que principio a vêr a manobra.

— Conte-me lá isso!

— O que lhe parece a você que vem depois d'este governo, — em dictadura?

— Homem! eu sei lá! Talvez D. Sebastião!

— Não brinque, e oiça o meu raciocinio!

— ?

— Cae a dictadura e vem a Republica. Depois a Restauração monarchica, mas com D.

Miguel. Que julga você que eu vou fazer?
Sempre são 30 mil réis!

— ?

— Tinha ideia de arranjar namoro com uma crecada do Magalhães Lima; mudei de plano. Em vista do que hade vir depois da Republica, vou deixar um bilhete de visita ao Fernando Pedroso e inscrever-me na Geographica.

— A favor das missões?

— Claro! Sempre são 30 mil réis!...

Tal é o *Melchiades da flauta*.







O «LINDO AMOR»

Lalli em baixo, no largo ex-Pelourinho — onde, no frontão, o *amor da patria* é *supplicio de Tantaló* de arrependidas solteironas. *Lindo amor*, com duas duzias de cabeças, salvo erro, serve de graça os habitantes d'este concelho. E' bonito, mas tem seus inconvenientes — para os patrões. Deus me livre de quem me sirva de graça ! Tenho canudo !

Em materia de canudos para os municipales (já percebeis?) *Lindo Amor* parece o orgão dos Martyres !

*

Abundam em *Lindo Amor* as cabeças medicas: ha-as allopathas, dosimetricas, homocopathas, raspalhistas, brown-sequards, de pevide, de caroço, seccas e em calda, com operações e sem ellas, com poucos miolos e com menos, de biliosos e de sanguincos, de politicos de fato feito, de ditos por medida, de côco, d'aba direita, carrancudas, larachentas. Com taes cabeças, ha outras sem nada dentro e de poucos pellos por fóra. E de tudo isto saem as delicias de Capua. Cada lisboeta é um Annibal!

(*Nota erudita*: — Annibal Barca, general das forças de Carthago e o maior homem de guerra dos tempos antigos e dos modernos, depois de haver passado os Alpes e pregado tremendissimas sóvas nos Romanos, foi-se a *descunçar* em Capua, com as suas tropas. Taes excessos e tão prolongados por lá fizeram aquelles africanos, que deram tempo a que o Scipião, general romano, reorganisasse o exercito, desbaratado em Cannas, e fosse levar a

Carthago a ameaça de destruição. Annibal saiu das delicias de Capua, dando ao diabo o deus da guerra, e foi-se a combater o Scipião; mas os Carthaginezes, amollentados pelo *deboche*, deixaram se sovar pelos romanos, e Carthago foi destruida...

Muito bonito é o saber!)

* * *

N'um dos bairros populares de Lisboa — o da Praça das Flôres — ordenou *Lindo Amor* que se abrisse, haverá um mez, uma valla de coisa molle e de mau cheiro. Tal se abriu aos raios acalentadores do nosso estio, e o mesmo foi que se uma invasão de Hunos accomettesse os moradores do bairro supra. Começaram os moradores a despedir-se para meliores mundos — e *Lindo Amor* applaudia e despedia-se d'elles com as vinte e quatro cabeças que vós sabeis.

A policia fazia *listras* de sopeiras, os mora-

dores que ficavam esperavam a sua vez, com a singular resignação do lisboeta, e a imprensa discutia o *vampiro* — e eu n'ella e com ella.

De repente morre um jornalista, um trabalhador muito intelligente, muito honrado e com bellos vinte e sete annos — esse encanto da vida. Desata a imprensa a advertir os moradores e a espancar as auctoridades. Os moradores: — «Nós já deramos por isso... e cá estamos». As auctoridades... nem fallemos n'isso. E *Lindo Amor* com homoeopathia, caroço, pevide, allopathia, brown-sequard, dosimetria, chapéo d'aba, dito de côco e hypotheticos miolos — manda tapar o cano!

Recebeu votos de louvor.

*

Assaz reduzido se achou, por dictadores crueis, o campo de operações de *Lindo Amor*, mas a verdade manda Deus que se diga: é impossivel fazer mais, com vinte e quatro cabeças, ou quantas sejam! Abre vallas mortifi-

feras; deixa ás escuras a capital; lava as mãos em coisas da alimentação — e os governos fornecem-lhe a bacia; uma vez por outra, demora suavemente os pagamentos, deixa a cidade em condições de porcaria que dão a nota suprema da santa resignação dos habitantes e contribuem para o sinistro projecto dos governos: — impellir *Lindo Amor* para um tal descredito que o povo receba com palmas a extinção d'esse simulacro de representação municipal...

Cae por si *Lindo Amor*, do commentario trocista do *seu povo* á execução pelos do governo. Cae por si, com frontão e tudo, e com chapéus d'aba e ditos de côco e brown-sequard e dosimetria, mais a pevide, mais o caroço e a homoeopathia e a allopathia e o raspalhismo — e a inepecia e a relaxação e a mioleira...

Cae! E demonios te levem, *Lindo Amor* cabeçudo!





SENHOR PREZIDENTE!

SENHOR Presidente! O que nos tem deitado a perder, o que nos tem posto n'este estado é o coração!» (Na camara dos deputados, *Carrilho*).

Trazem-me á memoria estes dizeres do illustre Satanaz de magica uma observação exacta do Eça de Queiroz, pela bocca de um dos seus heroes. Queixava-se um martyr do amor de que a ingrata Amelia o torturava no *coração*: e o outro: — «Coração é uma palavra decente, que se descobriu para designar *outra coisa*.»

D'esta vez não se tratava da tal coisa. Quando o Carrilho disse *coração*, logo d'alli lhe

saltou o capitão Machado, berrando, com justiça e pulmão sonoro :

— «Não é coração; é estomago. Temós comido muito!»

Póde este capitão, contrariando as mysteriosas leis do Destino historico, degenerar em major, em tenente coronel e no resto: a meu vêr, ficará sempre o *maximo capitão!* Nem o Alexandre sovdano os Persas, nem o Julio Cesar pontapeando os Gaulézes, nem o Annibal a contas com os Romanos, nem o Moreau soccando os Austriacos, nem o tio Bonaparte es-corchando meio mundo: nenhum d'estes maraus illustres é o capitão maximo. O maximo é *elle*; — Machado é contrapezo. E não se trata de lérias de estrategias; trata-se da eloquencia de arromba — da que estripa e embucha, da que é sangria e drastico, anesthesico e...

. Bem! Cá estou eu na botica!

Não é coração; é estomago! Vinha o Carriho a dizer, na sua, que teem levado a vida

— os nossos administradores — a socorrer o seu proximo, em comezainas, em vinhaça, em femeação e em verba para miudezas: rapiocas baratas na *Agua Roxa*, no *Carpinteiro* da travessa do Forno, mais na *Santarena* do Caes do Tojo. Esta amavel faina dos que administram, em proveito de um povo infeliz, ia a commover, de surpresa, o meu ser moral compassivo, quando o *capitão* deitou agua na fervura da minha sensibilidade:—«Não é coração; é estomago!»

...Não deram; comeram! Quem comeu foram *elles*! Ai, que marotos!

Todo um plano de orçamentologia *classica* — como lhe chama o José Dias — temperada com suas pitadas da *nova*, appareceu denunciado aos ingenuos pela phrase rezolutiva do *capitão*. — Não foi tal a sensibilidade: foi a gula! Não foi o sentimentalismo: foi a luxuria! Não foi o amor do proximo: foi uma pouca vergonha em desarranjo de cifras, conluios, desvios, falcatruas, comes e bebes — o prolongamento da orgia *liberal* dos barbata-nas de ha sessenta annos, — mas emfim esses

tinham-n'as jogando tezas com os *Migueis!*

Foi o estomago! Comeram muito! Comeram, por fim, o crédito! E nem a justificação das fomes, que passaram os nossos paes — os barbatanas; nem a explicação do *sangue*, que nos inglezes pede abusos de comezaina! Estes maraus são uns tysicos!

E d'ahi resulta que eu não vejo em toda a Historia, desde a «noite dos tempos» até ao Hintze, coisa assim tão pandega como esta pandega:

— «Toda a gente deve estar com os governos!»

E o *Sergio*:

— «E' preciso robustecer a ordem e o principio da auctoridade!»

E os partidos:

— «Abusámos do estomago! Comemos muito!»

E o paiz:

— «E' verdade: comeram muito! Nós pagamos!...»

Em toda a bola geographica, escuzam de procurar — *Não ha outro!*

Como diz o outro.



HAJA OLHO!

ULTIMAMENTE, varios jornaes chamavam a attenção dos homens que governam, para certos *zuns-zuns* bellicosos, agitação, perspectivas de chinfrins. E logo outro, dos extremos, como lhes chama *o coisa*, desatou a prevenir o publico: — «E' laço armado aos cidadãos! Não caiam! A' primeira sarrafusca, mettam-se em casa!» A quem elle o diz!

Está-me a lembrar uma... por outra, lembram-me duas, para emquanto eu fôr vivo. Uma vez, ha quinze annos, ou coisa assim, juntou-se muita gente, alli no Terreiro do Paço, a bramar contra Lourenço Marques. Um bonito arranjo

dos regeneradores contra os progressistas—que estavam no galarim e que se estenderam, por signal, no dia seguinte. Aquelles diabos, tambem, *caem* como cadellas!

Bramam os cidadãos á porta do ministerio do reino, onde conferenciavam os ministros e os pães da patria, e eis que, subitamente, coisa de uns dez policias saltam em cima da multidão: uns quinhentos homens que berravam contra o *Lourenço!*

Eu estava no meio da chusma, com um provinciano meu amigo, alheio aos processos revolucionarios da capital. Devo confessar que eu dava morras ao *Lourenço Marques* e a voz sonora do meu companheiro estrondeava que nem a do Adamastor: — «Morra! Abaixo os traidores! Viva a patria! Viva a...»

— «Prendam tudo! Cêrquem! Agarra ahi esse cazaca, ó 73!» Era a voz da Ordem! O meu companheiro, empunhando um bengalão horrifico, casquinou uma rizada infernal e vociferou:

— «Qual prende! Nem qual agarra! Aqui ninguem foge!»

E a uma das orelhas policiaes, gritou : —
«Viva a Republica !»

Para logo, dez braços, revestidos de panno castanho escuro, filaram o meu caro amigo, e o proprietario de um dos braços disse-lhe paternalmente :

— «O senhor não se entale! Olhe que fugiu tudo !»

Tinha fugido tudo !

*

A outra foi por occasião do *ultimatum*. Ao anoitecer, um cordão de soldados da municipal cercou a praça de Camões, prohibindo, sob pena de taponia, que alguém se approximassem do monumento. Nas janellas do centro progressista, os politicos d'esse partido, na opposição, esperavam a *acção popular*. No centro regenerador, que tambem dava para a praça, os politicos respectivos espreitavam por detraz das janellas — com persianas descidas. De repente, ouve-se ao longe um ruido surdo, a respiração e o resmungar das multidões; e

do Chiado desembocam na praça mil a dous mil individuos acompanhando um regimento de cavallaria.

A este aspecto, os municipaes... põem o apito á bocca. Estão-se lembrando?

Foi obra do dous minutos! Pela rua de S. Roque, pela do Alecrim, pela do Loreto, pela da Horta Secca, pelas do Bairro Alto — todos aquelles cidadãos se precipitaram, quaes cabritos, estendendo-se apenas algum *burro*!

Lembra-me que, na *qualidade* de lisboeta, eu me senti mortificado, ao ouvir, n'um predio visinho, as chalaças de alguns provincianos em *homenagem* á ligeireza do *meu poço*. São bocadinhos que fazem a gente velha!

Com que então, que se mettam em casa? Pudéra! Onde se ha de metter um homem que se préza?!

*

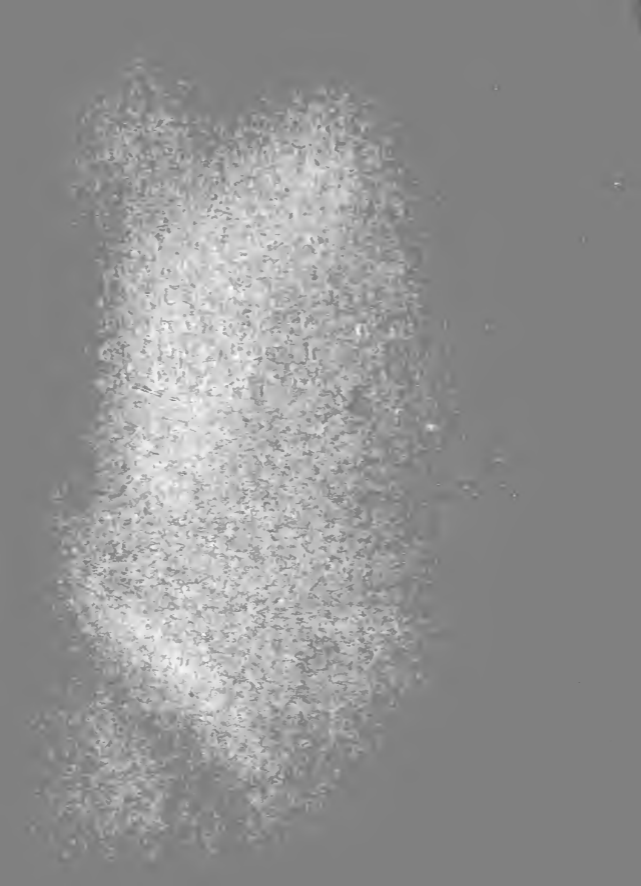
Agora sério: eu não recomendo que se sa-fem, nem que fiquem, nem antes pelo contrario. O que me parece é que, tornando as dificuldades de dinheiro muito inventiva a ima-

ginação dos pelintras, talvez nos projectos da *pavorosa com arruaça* haja intuitos *economicos* do governo. Vão á rua os meus pacificos concidadãos, e se houver novidade façam o que entenderem ; *mas não paguem*—se forem presos ! Ahi é que vossemecês os chumbam !

E se formos presos — todos, — haja alegria, *para haver appetite*. E, a contas com o rancho dos maraus, havemos de provar-lhes que não se é impunemente tyranno em periodo historico de carnaval ..

Vamos tomar absintho !







A MULHER DO ZÉ

E a primeira vez que me faz rir a ameaça de uma catastrophe no horizonte dos pobres. Quando em minha casa o sinistro gallego do cabaz avisou, com vinte e quatro horas de favor, de que a coisa ia subir mais cinco réis, eu disse á minha creada, que, de mãos na cabeça, me transmittia o aviso:

- E' para amanhã, hein?
- Diz que sim: que é para amanhã.
- Deixa-o dizer; não te rales! E ouve cá!
- Senhor!?
- A'manhã não recebas o pão.

— E para o almoço?

— Confia na justiça de Deus!

*

Discipula de Voltaire, a Maria Candida esquivava-se quanto possível, com escândalo ou sem elle, a crêr na intervenção salvadora do genero humano afflicto, por parte do Creador. Foi por isso que, durante as horas em que me demorei no lar domestico, desde aquella hora ao romper da manhã seguinte, foi um esvurmar de critica biliosa como não ha exemplo em gazetas de opposição: creadas, visinhas, transeuntes — tudo collaborava em rugidos contra a pouca vergonha!

Eu esfregava as mãos, lembrando-me do que dizia o Suchet em Saragoça: — «Mau! o mulherio atira-nos com os bacios: estamos perdidos!...»

Ao romper da manhã, vi nos olhos da Maria Candida os reflexos phosphoricos d'aquelles projectos sinistros que dão calor e tezura ás Joannas d'Arc e ás Marias da Fonte. No

pateo visinho, uma gralhada feminil atroava os ares da minha travessa. A Felismina dos ovos, uma anegriscada, com falta de dentes e demasias de lingua porca, berrava :

— «Mais cinco réis em cada pão ! Com os rapazes a toda a hora de pão na bocca ! São nove pães todos os dias : vinha a ser : Dá para cá mais dois e cinco ! No fim do mez sete tostões e meio ! Chiça ! Vae tranca da porta, vae o bispote — Deus me perdôe ! — vae tudo para cima d'elles ! Sucia de ladrões ! »

E eu, levantando me da cama, para receber a visita do meu padeiro, resmungava : — «Estão promptos, seus caipiras ! »

*

Argolada. E a Maria Candida, machinalmente, pèga no pau da vassoura. — Que diabo faz você, rapariga ? — E' o padeiro ! — Você quer bater no padeiro ? !

(*Pausa*).

Vou-me á porta. Barretada do homemsi-
nho...

— Que ha de novo ?

— E' o pão, meu senhor!

— E a como é esse pão?

— Saiba vóssoria que é a dois e cinco.

— Não quero. Póde levar. E acabou-se o freguez!

— Mas vóssoria tem quem lh'ò venda mais barato?

(O mulherio do pateo, avisado do lado dos quintaes, pela Maria Candida, fôrma em semi-circulo, em auditorio).

— Se eu não tivesse quem m'ò vendesse mais barato, era escusado eu mudar de padeiro. Pois não é claro?

— Isso é claro; mas *(coçando-se na cabeça)* vóssoria diz-me quem é o padeiro?

-- Não digo. O segredo é a alma do negocio.

— Tambem não digo menos d'isso, e *antão...*

— O que?

— *Antão*, tambem eu vendo pelo preço antigo.

E vendeu, e foi só quando o homemsinho dobrou a esquina da rua que o mulherio me

fez uma ovação — a primeira que tenho tido em minha vida.

— Essa é de mestre, sr. visinho!

— Grande coisa é saber, ó tia Monica!

— Foi bem embrulhado o tal m...!

— Lá isso! E é que não vencem — os patifes!...

Cêdi o lugar á Maria Candida, que recebeu a seu turno felicitações — por ter um amo tão esperto. Mas d'ahi a uma hora, á mesa do almoço (*pão a 40 réis!*) chegou-me do pateo a voz da Felismina dos ovos. Como na *Judia* de Thomaz Ribeiro, *a voz dizia assim:*

— «Pois tenho pena que não haja muita porrada!»

E a Maria Candida, a labutar na cosinha, resmungando:

— Pois faz pena, isso faz!







AS TAES SENHORAS

Eu, ou o leitor, — um de nós dono de casa, com as ricas responsabilidades que nós sabemos — tem de sujeitar-se a isto :

Receber em casa, na intimidade de todos os momentos, (modo de dizer!) *uma senhora*, que nunca viu mais gorda e a quem se vê obrigado a revelar gradualmente os segredos da sua vida economica, da sua honra e da sua saude, mais os segredos da sua companheira e de seus filhos. A essa *boa senhora* dá a classificação de *creada*. Sustenta-a, alberga-a, paga-lhe; tem o gosto de a vêr trabalhar meno^s

que a patrão; sabe positivamente que tem alli uma denunciante — na tenda, no talho, em casa da engommadeira, junto á creada do lado, junto ao bom amigo das patuscadas dominigueiras. E' hystérica, mal creada — por defeito de educação e por culpa do seu destino. Soffre-se-lhe o cumulo dos desaforos — para não ver caras novas...

E' a senhora *creada*: é o inimigo na praça!

Exige-se-lhe, *por formalidade*:

Que não seja pórca,

Nem gulosa,

Nem immoral,

Nem respondona.

Uma vez por outra, tudo isto. São testemunhas os céus de que eu tenho passado n'este mundo as passas do Algarve e de Alicante: conheço os soffrimentos da miseria em terras estranhas e na minha, os do *isolamento* na minha terra e nas estranhas, da deslealdade dos adversarios, das ingratições dos soccorridos, das calumnias dos mais obrigados, dos caprichos do Feminino, da Fortuna arditosamente roubada, do trabalho desmedido pelas

forças: conheço de perto tudo isso — e conheço o resto. Olho tranquillo para o estendal passado, e prevejo sorrindo, o estendal futuro. Nada me irrita, nem perturba, senão a moeda meúda, os *trócos* da semsaboria: coices d'algum burro chagado, uivos d'algum cão vadio, *scenas* da senhora Creada — o *inimigo*!

— Mas ha excepções honrosas!

— Saúdo as excepções benemcritas!

*

*

*

Justos Céus! Eu faço justiça a todas as es-
correncias de miseria moral; só não perdôo
à *relaxação*. Foi ha dias que eu vi uma rapariga pedir na Repartição Sanitaria o livro das «infelizes.» Ponderou o excellentissimo funcionario, meu amigo, áquella filha de Deus — que melhor lhe viria a ser aguentar-se na vida do Trabalho... Perguntou-lhe em que se occupára até aquelle dia — «Creada de servir, e estou farta!» — «Farta?! Creados de servir todos nós somos. E espera você vida de deli-

cias na perdição official, por modo que nunca venha a faltar-se?» Contou-lhe horrores da *vida porca*; ser o esfregão do Amor, levar pontapés dos fadistas, ser enxotada, ao pedir soccorro. Citou-lhe factos. E ella: — «Ora adeus! Ao menos diverte-se uma pessoa!»

E', decerto, o pensamento fixo «de quanto uma pessoa se diverte», que me faz doido, mais ao amigo leitor, com a historia das taes senhoras. Conto desde as quatro ultimas ao meu serviço: a primeira regressava bebada, alta noite, das suas digressões domingueiras com o municipal amigo; a segunda quebrou-me em loiça todo o salario do meu trabalho de um mez, — tinha mau genio; a terceira deixava cair no refogado os habitantes da *floresta de seus cabellos*; a ultima definhava-se, a comer-me o assucar. E trabalhavam menos do que a patrôa, comiam «até lhe tocarem com o dedo», recebiam em dia o seu salario, faziam parte da familia... Todas ellas commentavam, na visinhança, a minha existencia, e foram dizer horrores sobre a despedida...

*

Oigo falar de creadas velhas, cheguei a conhecê-las no lar paterno, que soffriam das dôres da familia e se regozijavam com as alegrias d'ella. Nôto hoje o contrario, é claro que em regra geral: vejo macambuzia a senhora Creada, quando eu estou satisfeito. Inveja? Mau humor? E' antes aquillo do philosopho: — «Está contente: ou lhe aconteceu bem a elle, ou mal a outrem.»

*

Não acha encantador, meu amigo, andar um dia inteiro fóra de casa, apanhar contusões — da adversidade, recolher-se ao lar, a pedir consolações aos *seus*, mascarando cautellosamente as proprias dôres — e encontrar alli, entre os seus, a espional-o, para divulgar, a tal sujeita — que está farta, fartissima de aturar patrões e que pensa, vaga ou fixamente, na «vida em que se diverte uma pessoa?...»

Mas ha excepções!... Isso são mimos do céu! Vou botar-lhes annuncio !

*

(Vinte e quatro horas depois :)
Cá tenho um mimo !





VOLTE FOLHA!

E veja agora o leitor, como vêem os meus olhos peccadores, o que dos autos consta sobre as minhas accusações ás *taes senhoras* (é aquillo do capitulo passado). Caem sobre a meza do trabalho, *nas salas d'esta reaçção* — como diz o outro — a seguinte epistola assignada pela menina «Ephigenia Rita, creada de Vossa Senhoria.» Tem razão, por partes, D. Ephigenia, e tem dotes de prosa, que tomaram muitos «litteratos» e «jornalistas» lamber-se com elles em serviço da Arte e dos Principios! Esteja calado o leitor;

veja e bénza-se — pelo aperfeiçoamento da especie! 'E' o grito pela Justiça, grito que sae da cozinha, com o estridor da fritada e que leva á sala de visitas a confusão!

*

«*Sr. Redactor.* — Pois que a sua lealdade não contesta a existencia de excepções, que são «mimos do céu,» entre a legião das viciosas e das relaxadonas, consinta que eu, aproveitando as horas de socego, durante as quaes meu amo foi para os toiros e a senhora para onde Deus é servido, diga da justiça da minha classe opprimida. Sem duvida alguma, avultam, dignas da carga a fundo, que v. lhes arrumou, as creadas gulosas e as pór-cas e as immoraes e as madraças e as bes-beihoteiras e as respondonas; mas, se é certo que ha panno para mangas nos queixumes e nos protestos dos *mal servidos*, não é de rozas o viver das condemnadas pelo destino *a servir os outros*. Eu seria d'uma banalidade

indecorosa para nós ambos, se me limitasse ás phrases maguadas sobre o *triste destino da servidão*. Nas condições de «pão pão, queijo queijo,» em que v. collocou este negocio, é indispensavel que eu lhe conte os casos que mais avultam na minha carreira.

(*Agora é que é obra!...*)

«Sou de Lisboa, freguezia de Santa Izabel, e nascida na rua de Campo d'Ourique. Meu pae era trabalhador n'uma fabrica, minha mãe era lavadeira. Quem levava o jantar, á fabrica, a meu pae, era eu. Já eu tinha os meus quatorze annos, quando o dono da fabrica, um dia, me fez festas na cara e me offereceu a «sua protecção». Eu disse-o a meu pae, que me prohibiu de voltar á fabrica. Não voltei, e elle foi despedido.

«Esteve dois mezes sem trabalho, e foi então que se resolveu que eu fosse servir, para não fazer pezo á familia, e porque sendo eu fraca do peito não aguentava o trabalho de lavadeira a que se entregava minha mãe. Fui servir. Estive oito mezes na primeira casa, — isto foi há oito annos; — e d'ahi em diante

conheci nove casas. E' a media de dez mezes em cada uma.

«Ora, eu lhe digo, para consolar os bons patrões da desgraça de serem mal servidos, o que me aconteceu, considerando-me uma boa creada — sem immodestia! — na carreira que encetci e trilhei. Na primeira casa não me correu mal, a principio; mas como quer que o menino, que já andava pelos seus quinze annos, surgisse amarellinho e com olheiras, deu-se o caso de eu ouvir um dia o Senhor dizer, muito assomado, a minha ama: — «O que o rapaz precisa é mulher; e as creadas não servem para outra coisa!...»

«Compreendi que me abriam a porta para a desgraça, afim de que o menino — de casta dominadora — recuperasse o bello viço da mocidade satisfeita. Despedi-me, com espanto d'aquella boa familia, a qual sinceramente estava convencida de que as creadas — casta inferior — não servem para outra coisa.

«Segunda casa: — A minha ama encarregava-me de despedir os crédores. A procissão d'esses fréguezes durava desde o romper da

manhã até alta noite, — pois que só se pagava á modista e ao pastelleiro. Vêxei-me e sahi.

«Terceira casa: — O Senhor offerecia-me a sua protecção (como o outro), e ás minhas modestas recusas, respondeu — pondo-me no olho da rua.

«Quarta: — Na ausencia do Senhor, a Senhora...

«Quinta: — Na ausencia da Senhora, o Senhor...

«Sexta: — Ao terceiro dia cahi doente, á força de jantar chá e pão sem manteiga. O dono da casa tinha *tres casas a sustentar*, além da casa da familia.

«Setima: — A Senhora tinha ciumes das creadas e do marido, e costumava esbofeteal-as e esbofeteal-o.

«Oitava: — Não me pagaram as soldadas de quatro mezes que lá estive.

«Nona: — Pediram-me emprestado o dinheiro das minhas economias e ameaçaram-me com a accusação de ladra.

«Devo dizer-lhe que entre os meus serviços da sexta e os da setima casa minha mãe mor-

reu tísica é que meu pae está impossibilitado de trabalhar, aleijado n'um trambulhão n'uma obra, e que sou eu que o sustento, costurando' porque estou *desarrumada* e «descrente».

«Em todo o caso, em homenagem á lealdade de v. ponho de parte a descrença e vou deitar annuncio, esperando uma excepção favoravel ao meu destino.

De v.

Ephigenia Rita.

*

(Bilhete postal, vinte e quatro horas depois:)

«Parece que surgiu a excepção !

E. R.

Visto.





AINDA AS TAES

PRODUZIU nos lares domesticos, desde a cosinha á sala de vizitas, umas sensações de arromba o que nas columnas d'um *bi-hebdhomadario* eu publiquei ácerca d'aquellas senhoras da cebolada, e dos martyrios que enaltecem a sua corôa. Ephigenia Rita levou, para o seu tabaco, dois bofetões de estalo e assobio, ao ser apanhada por D. Violante de Menezes, sua patrôa e prima do commendador Francisco, a lèr as minhas considerações á creada do Thimoteo sacristão, entre piadas obsoletas e encravadissimas. E a D.

Violante, ao facto das minhas relações de pura amizade com o commendador, pediu ao primo que me contasse *as ultimas*.

*

*

*

...As quaes *ultimas* me são relatadas no estylo de Francisco, — mais de Tito Livio que de Tacito. Diz-me assim, em epistola, o primo de Violante — a esbofeteadora:

«Faço-lhe justiça, caro amigo, quando o supponho de uma inteireza e de uma correcção que não se torcem a favor de abjectas Maritornes com tomate e alho. Isso que lhe escreveu a Ephigenia Rita deve ser composição romantica, em dueto na serra de Monsanto ou na barraca do *Frêge Moscas*, na feira de Belem. Minha cunhada, que é senhora de respeito, tem gasto, em trez mezes, o melhor de libra e meia em annuncios — a pedir sopeira. Não lhe digo o que lhe tem apparecido, porque parece troça... A ultima veio-lhe ha quatro dias, de uma agencia. Hontem,

domingo, saiu e, ao regressar da passeiata, saiu-se com esta á D. Violante:

— «Que seu tio, que é policia, não a queria alli em casa de minha prima, porque ella, a Faustina, é menor e com a virtude ameaçada, e porque o marido da senhora é *um homem*.

«Objectou-lhe D. Violante que não dispunha de um burro propicio á tranquillidade do tal tio, mas que, tendo relações de amizade com um dos altos chefes da policia, estava prompta a dal-o por fiador.

«Mette os dedos no nariz a Faustina, e declara que não é só isso: — que não lhe fica bem sair á rua, a recados.

E D. Violante, amolando:

— «Tudo se arranja. Faço eu os recados, ou vae meu marido. Que ha mais?

— «Que o fogão lhe fazia mal aos dentes!»

— Não lhe aconselho que tire os dentes, mas vem gente de fóra, para o fogão. Ha mais alguma cousa, menina?

— «Que lhe parecia que mais dez tostões por mez não fariam mal a ninguem!»

D. Violante fez o que você faria, disse o que você diria: de braço estendido para a porta, berrou: — «Ponha-se-me já no meio da rua!» E a Faustina: — «As patrões assim, como a senhora, é que às vezes deitam a perder uma pessoa!»

«E saiu, berrando porcamente. Que diz você a isto?»

*

*

*

Eu não digo nada. Em camisa de onze varas me considero mettido, desde que me embrulhei na contenda. Já a Maria Izabel, criada do sapateiro aqui do lado, me destacou o 94 da 10.^a, sórdido maroto e emerito papa galinhas, que me provoca todas as noites, quando eu me recolho a casa e elle a dez passos da minha porta namora os chouriços do sapateiro. A noite passada chegou mesmo a pedir-me lume, com muitos intuitos aggressivos, e eu disse-lhe que não podia dar-lh'o, sem quebra de disciplina, sendo eu general de brigada e conselheiro encravadissimo.

E o 94 da 10.^a:

— «Vossa excellencia é que é o conselheiro das unhas encravadas?»

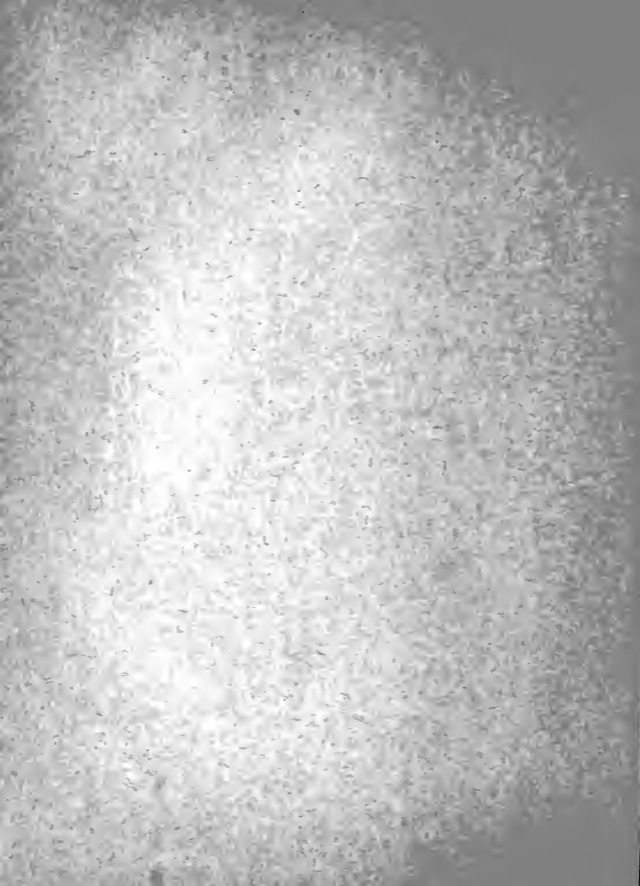
— «Eu mesmo!

E elle, recuando:

— «N'esse caso, desculpe, meu general! Vossa excellencia é amigo das sopeiras! Para o que quizer — tem-me em Cabeço de Bola! E cá digo á rapariga!...»

Ai, que corja, Deus de meus paes! E tudo á imagem e similhaça do Creador! Que Creador e que má creação — estas croias de tomate e alho! E que benemerita da gente honrada — D. Violante, a dos bofetões de estalo e assobio!







É o 7.321!...

SEIS horas da manhã. Deitei-me às trez, sobre o espectáculo do Coliseu, a ceia barata e alegre na *Flôr de S. Roque* e a cavaqueira caturra, á frente da Patriarchal, com o preclaro commendador Francisco. Seis horas; e como que aos meus ouvidos estoira um berro formidavel: — «É o 7.321!»

Carrego as palpebras, com uma especie de furia; rebólo me no leito solitario e casto, e forcejo por conciliar o somno. Abstenho-me de expansões em pragas contra o *mariola*, furtando-me a perturbações do espirito encar-

regado de amassar-me o pão — para mim e para a familia...

— «É o 7.321! Hoje é que rebenta o Campeão!»

Pondera o meu raciocinio á minha colera de estremunhado — que o *pobre homem* talvez se levantasse com o sol, para obter com a venda das cautellas o almoço dos filhos. Pobres meninos! E pobre pae! Vamos a vêr se eu comsigo pegar no somno...

— «E' o 7.321! Hoje é que rebola!»

Oh! que filho da... Que filho da Desventura! Até já tem a voz rouca — o patife... quero dizer o pobresinho de Christo! Muito soffre a pobreza n'este mundo! Uns ao sol, á chuva, ao frio, apregoando cautellas, outros estatelados em socego, nas delicias do somno...

— «E' o 7.321! Quem quer apauhar uma porrada de libras?!»

Afinal de contas, não sei que faz este malvado espetado aqui defronte da minha porta! Se elle girasse, se dêsse uma volta alli pela rua das Adellas, talvez os saloios da estalagem lhe comprassem uma cautella... e talvez

eu pegasse no somno (carrego nas palpebras com os dedos...)

— «E' o 7.321! Olhem que às vezes pôde calhar!»

Prompto! Foi-se o somno! Dormi trez horas, e agora? Com que cabeça vou eu tratar da vida? Se eu ao menos pudesse vingar me d'aquelle ladrão?...

— «E' o 7.321! Ha só uma d'este numero!»

Se ao menos me pudesse vingar?... Se eu vou á rua, temos taponna. Que bonito! Vem tudo á janella; a familia accorda em sustos; o faiante talvez use navalha; eu estou em fralda de camisa...

— «E' o 7.321! Logo é que ella rebola!»

Se da janella eu lhe atirasse com um tijollo da chaminé? Boa asneira! Ou não lhe acerto, e o patife redobra de gritaria, ou lhe acerto e o mato. E depois? Por causa do 7.321...

— «E' o 7.321! Ha só uma!»

Policia... Se eu apitasse? A boas horas! A's 6 da manhã estão elles todos resonando, a não ser algum que ande á caça dos padeiros! E depois? Depois, a visinhança nas ja-

nellas, a policia ausente, o facinora a rir-se, e eu... que rica figura!...

—«E' o 7.321! Quem me compra este diabo?»

Creio que ha Deus! Elle bem o sabe! Elle bem sabe com que fervor eu lhe peço que me vingue d'aquelle patife! Deus lhe quebre uma perna! Deus lhe dê um estupor na lingua! Deus lhe arranje dois coices d'um luar, mesmo na bocca do estomago! Deus lhe dê fome canina, e sem vintem para uma côdea de pão!

—«E' o 7.321! Quem me compra esta lindeza!»

Vou para os jornaes! Vou ao Moraes Sarmiento! Vou ao Segurado! Vou ao João Franco! Vou ao rei! Isto não é Lisboa; é Tanger, é a sentina do inferno! Ainda hoje ha quem troce do Arrobas, que providenciou contra esta corja! E afinal, que fazem os successores? Aqui estou eu doente para todo o dia, azedo, estuporado. . . Só a tiro! Se eu o matasse com um tiro?...

—«E' o 7.321! Olhem que foi regeitado por um gallego!»

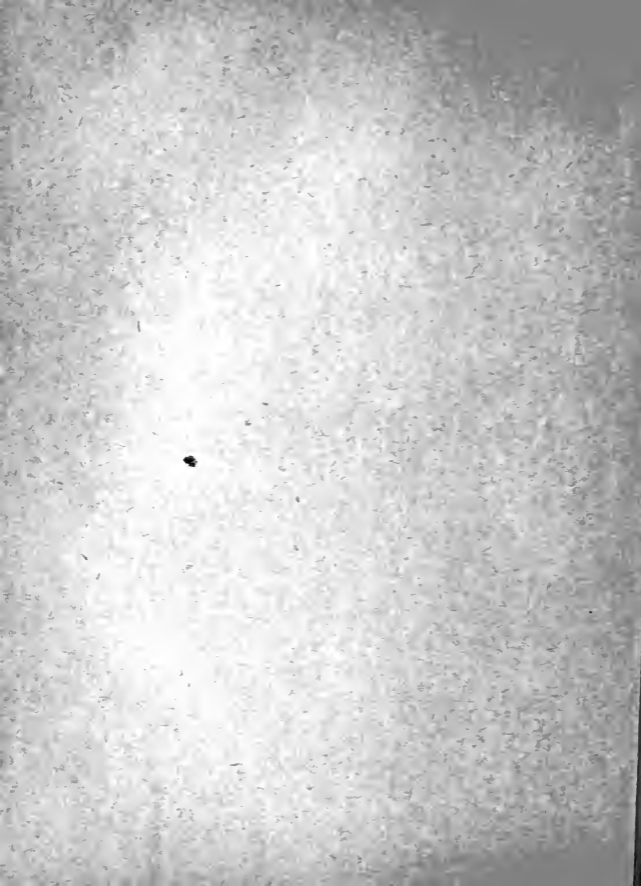
Só desfazendo-lhe a cabeça com uma canna

da India! E então? Já viram uma rica vida assim? Trabalhar dia e noite, lutar com as crises da sorte, fazer das tripas coração — e um canalha d'estes... Vou-me vestir, vou sair, vou tomar ar, para onde não oiça este infame — e, ao passar por elle, talvez lhe chegue...

(Lavo-me e visto-me em cinco minutos. Precipito-me para a porta. Ninguem! Apenas ao longe, muito ao longe: — «...e vinte e um!»)

E assim vae a vida!







OS DESCONTENTES

HA mais de um anno que, um dia sim, outro não, as gazetas publicam o seguinte:

«No comboio do norte chegaram hontem 250 (ou 300) passageiros do Minho, com destino aos portos do Brazil.»

Se a arithmetica não falla, como todas as miserias d'este mundo, temos nós em quinze mezes a media de 225 comboiadas de patriotas, á razão de 275 patriotas por comboiada. Ou seja, n'esses quinze mezes — 61.875 emigrantes.

Não pôde ser. Conheço o Minho, como co-

nheço os meus dedos — ensaboados e lavados. Por mais que os missionarios as préguem nas meninas... do olho minhoto, não creio que a multiplicação se produza por modo tão vertiginoso que tal contingente forneça á emigração dos povos!

Sessenta e um mil oitocentos setenta e cinco é muita gente, fóra os irracionaes! Quer-me parecer que, á similhaça do que nos theatros se pratica, em peças de grande *movimentação*, os emigrantes sahem pelo bastidor de Santa Apollonia e vão entrar pelos de Braga e de Fimalicão...

Temos caveira de burro. Perdão! Ha alli caveira de burro!

*

Dado, poiém, que reduzida a historia a proporções rasoaveis, ainda fique panno para mangas, é preciso que todo o bom cidadão bote o olho critico e providencial para similhante problema nefasto e quiçá seringador e desacreditador. Não é só passar o pé á terra que nos

foi berço, e sair por entre o Bugio e S. Julião, com a sem-ceremonia com que da gaiola sahe um urso faminto! Que rasões vão dar de si e de nós todos, por essas terras de Christo, os camponios emigrantes? Que vão elles badalar e mexericar á nossa custa? Então o nosso credito está assim á disposição do primeiro furibundo descontente a quem não agrada o nosso passadio?! Se querem realmente passar o pé, deixem declarações honrosas para a patria — já que não dão homem por si!...

Vamos lá a vêr em que se fundam os emigrantes, para assim fugirem aos afagos de irmãos e buscar refugio entre pretalhada e macacaria obnoxias e nefandas! Que lhes falta, — aos camponios do Minho? — O bom ceu azul, o bom sol e o bom clima?

... Ha d'isso melhor no Minho que na capital. — O trabalho? O que lá não falta é terreno para cavar: em Lisboa as ruas são da camara e dos gatos da cidade. — O pão nosso de cada dia? Mais falta ao verdadeiro lisboeta, pois que elle só admite o pão com bifes e Collares, e no *café Tavares* um pão assim orça por

sete tostões. — Poetas que lhes cantem o Incognoscivel? Lá está o Junqueiro em Vianna: sabe da póda como um raio. — O amor de Deus? Estão em melhores relações com elle do que os scepticos de Lisboa. Quando lhes vacille a fê, lá estão os abbades, para a alcovitice. — Falta-lhes theatro lyrico? E a nós o dinheiro para lá irmos, e não temos a compensação do rouxinol dos campos. — Faltam-lhes Pilares, Célias e Soledades?

... Bem sei eu quem daria tres duzias d'ellas por uma certa Maria Izabel, de Santo Thyrsó! — Falta-lhes a commenda da Conceição? Oh, as *Conceições* das margens do Ave e os preciosos collares dos seus pennugentos braços!

E a *pinga* a dez mil réis a pipa!...

São capazes, ainda, de se julgarem pobres — possuindo o que nos falta, os ricos amores de camponezes! Elles teem, olhem para isto: — o melhor céu, o melhor sol, o melhor clima, trabalho á farta, pão a dar-lhe com um pau, o poeta Guerra Junqueiro, as relações com o Padre Eterno (apezar do poeta), o canto do rouxinol, a Maria Izabel, as *Conceições* —

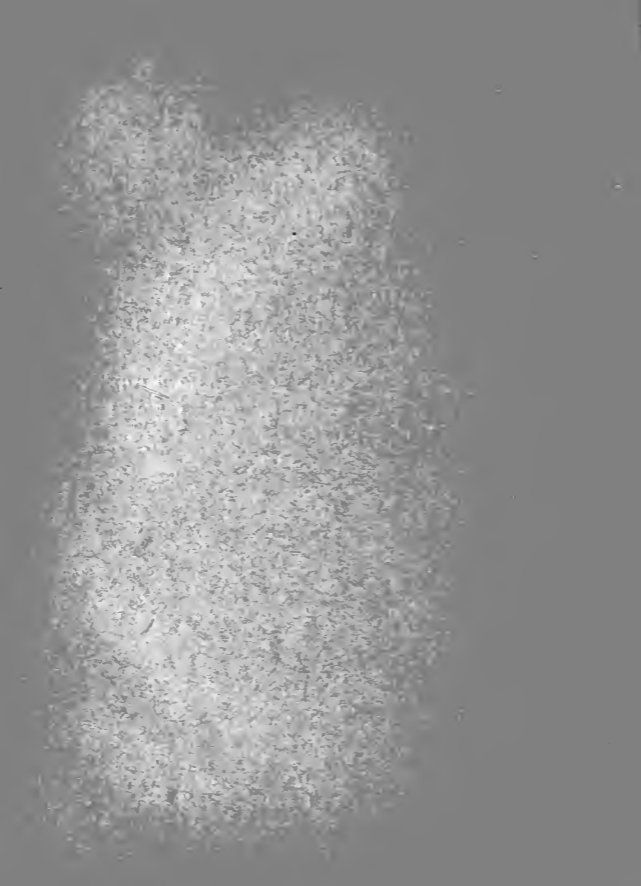
e mais vinho do que nós temos d'agua no reservatorio dos Barbadinhos...

Fóra o mais que a gente cá na cidade perde cedo e elles conservam até á morte... as illusões — e o resto!

E vão-se, ás duzias, aos centos, aos milhares — os amigos de Peniche, os Cains da fraternidade; vão-se, escamados, para o descredito!

E a Patria — a pobre vacca — a chorar uns taes bezerros! Deixa-os ir, triste seresma! Ainda te ficam — demais!







PIPELET

DEVO explicar ao unico leitor que não conhece de nome o *Pipelet* quem seja tal figurão. Vem a ser um symbolo, criação do Eugenio Sue, nos «Mysterios de Paris.» *Pipelet* é um porteiro, velho, sordido, ridiculo, causticado pelo pintor *Cabrion* (outro symbolo), que lhe préga partidas vingadoras dos inquilinos martyres. *Pipelets* são pois uns ratazanas que por ahi patifusam nas escadas de Lisboa e que eu hoje venho denunciar á execração publica e ao olho dos senhorios justiceiros.

*

Alli para os lados da Estephania havia um — não sei se lá existe, não o tenho visto — que tomara á sua conta, para arranjo financeiro, o modo de viver da formosa Elvira, uma trigucirona de ancas potentes e vasta desmoralisação em extremo apreciavel e apreciada. Eu, ao tempo — ha seis annos — sentira germinar em meu ser o que quer que fosse, muito favoravel ás ancas potentes da Elvira. Na ausencia do marquez seu protector (da Elvira, mais das suas ancas), eu *tamém* marquezava quanto humanamente possível. Não vos digo mais nada!

Foi em madrugada de janeiro, chovia a potes, que eu, ao sair em bicos de pés, escada abaixo, encontrei o fiel *Pipelet* estendido no portal, a coser uma bebedeira assaz romantica. Seus labios deixavam escorrer a quintessencia do torreano do Belford, e de seus dedos da sinistra pendia um papelote, que eu subtrahi, impellido por mera curiosidade, e que

fui lêr á luz dos lampeões do proximo Campo de Sant' Anna.

O papel dizia assim :

•Janeiro.

S. P. (<i>era eu</i>) gratificação.....	4\$000
Elvira.....	8\$000
O francez.....	4\$000
Senhorio.....	10\$000
	<hr/>
	26\$000

Foi na tarde do dia immediato que a creada particular da Elvira, muito amiga do *Pipelet*, me esclareceu :

Que eu gratificava o traste (pois não era assim?) para que elle me facilitasse a Elvira.

Que o Francez o gratificava, para que elle me difficultasse a Elvira;

Que o senhorio o gratificava para que elle a difficultasse a todos;

E que Elvira o gratificava, para que elle a facilitasse a todos.

Quatro patifes em um só *Pipelet*. Felizmen-

te, para nos vingar, *a todos*, lá estava a creada particular — *que comia tudo*.

*

Transporta-me o espirito às recordações supra o que me succedeu ha quinze dias com o *Pipelet* do predio n.º 41 rua *Barata Salgueiro* — alli na Avenida da Liberdade.

Sete horas da noite. Eu ia procurar um meu amigo, morador, por signal, no terceiro andar. Estava frio, e o *Pipelet* fechara a porta e escondera-se no cubiculo. Toquei tres vezes no botão.

Abre-se a porta. *Pipelet* surge-me, hediondo, e vocifera:

— Quem o manda a vossemcê bater tres vezes ?!

Meus olhos vagos procuram e marcam na face esquerda de *Pipelet* o sitio onde vae haver um acontecimento. E digo:

— Ninguem me mandou. Fui eu quem entendeu tocar tres vezes, visto que vossemcê não estava presente, para responder, á primeira.

Eu já não quero fallar ao meu amigo, mas heide dizer-lhe que é vossemecê uma besta muito grande...

Responde *Pipelet*:

— Sim?! Olhe lá, que não me ponha elle na rua, o seu amigo!

Replico eu:

— Não sei o que fará o meu amigo; mas, emquanto elle não lhe diz «duas palavras», digo-lh'as eu. Venha aqui fóra!

Desço os dois degraus. Olho para traz de mim. A porta fecha-se ruidosamente. Eu espero — dois minutos. A porta reabre-se, coisa de dois centímetros, e a voz de *Pipelet* grita:

— *Seu estupedo!*

A porta fecha-se outra vez...

*

...Faz-me falta um amigo que está na India — o Fernando Leal. Se elle cá estivesse, iria bater tres vezes, puxaria o *Pipelet* cá para fóra — e eu faria de *Cabrion*. Havia de ser obra divertida.

*

Denuncio os *Pipelets* aos senhorios, ás Elviras e aos francezes... Os S. P. estão inteirados: d'ora ávante, em logar de verba, heide entender-me com a *creada particular*.





...FREI THOMAZ

QUEREM dizer os tres pontinhos que— *Bem* o *prêga* o nosso homem. Toda a gente viu passar, ha tempos, duas cartas do Thomaz Ribeiro a um jornal da Beira Alta, cartas reproduzidas em varias gazetas conspicias de regiões diversas, como dois brados patrioticos de chupêta. Outra vez patriotico! Mas, verdade, verdade, gôsto mais do Thomaz em versos de metro vário.

Os versos são bons, por mais que os abocanhem os rapazes. A prosa não é má; dá-se, porém, um caso imprevisto pelo amigo do *D.*

Jayme: é que ninguem pôde lançar-lhe em rosto as causticações e o supplicio do seu heroe, emquanto que a respeito dos nossos males modernos...

Vamos por partes, como diz o outro.

*

Em suas brauas epistolas aos de Tondella, todo se esbofa o nosso amigo de Carnaxide contra os *bachareis* e *conselheiros* — «principalmente bachareis e conselheiros:» insiste o homem, e accrescenta: «prejudiciaes e inuteis.» E' sangrar-se em saude, — que frei Thomaz é conselheiro e bacharel, mas não é inutil, nem prejudicial. Deponha... a senhora de Carnaxide!

Depois de haver estabelecido que aos conselheiros e bachareis — de má raça — devemos a base das miserias publicas, Frei Thomaz deixa-se invadir por «um grandissimo dó, para os ministros de Portugal.» Veja bem, se tem olhos, o obnoxio *Zê Povinho* resmungão:

Quem desperta um grandissimo dó nas entranhas de Frei Thomaz não é o paiz em bancarrota, nem o Zé, de có á mostra, á falta de ceroulas e de fundilhos; quem aperta alli o coração de Frei Thomaz são os ministros de Portugal!.

*

«Imagine-se — pondéra o nosso homem, o que será governar em Portugal, onde não ha soldados, nem marinha, nem dinheiro, nem gente!» Agora me parece toleravel que o Zé se cóce na cabeça, mais onde fôr servido, antes de se desentranhar em reflexões... Vamos lá a essas ricas reflexões!

Não temos soldados: é uma das causas da triste vida dos ministros. A opinião é de Frei Thomaz; não parece todavia que seja a dos ministros que olham por coisas de guerra em terras portuguezas. Ahi tivemos nós á mão de semear, um ministro catita que passa muito bem sem soldados, ou aproximadamente. Fez manobras com generaes, officialidade e musi-

cas, e improvisou um inimigo com *vinte oito praças de pret e dezeseete officiaes*. Distribuiu commendas, vinho, licôr e doces, atroou os ares saloios com um *pum pum* de mil pavores e accrescentou verbas especiaes aos seis mil contos do estylo. *Soldados* — para que? Frei Thomaz. que foi ministro da marinha, sabe como se vive sem navios, e com um orçamento de grande respeitabilidade; mas ahí temos outro porquê de suas lamentações: — *Quo não temos marinha!*

Tenho uma vaga ideia de ouvir, quando tenro infante, falar de um Mendes Leal, ministro da marinha, que, além de fazer bons versos, fazia navios de guerra. Depois, abri os olhos ás coisas da vida e notei que os ministros da marinha, mais ou menos dados ao culto das Musas e à exploração da rhetorica, fazem esquadras de meias cascas de noz, para entreter os meninos; fazem almirantados, dão-se, uns e outros, ao gaudio do *arranjo nacional* — e disse. Do nosso Frei Thomaz, quando ministro da marinha, consta-me que não fez coisa nenhuma. E' muito para tão bonita cabeça!

*

Que não temos dinheiro. A isto responde o bom Zé — que bem sabe por onde elle se tem sumido. Não é preciso que lh'o digam os jornaes revolucionarios : bastam, para dar com a lingua nos dentes, os conservadores *demorados* na opposição. Mas é melhor não cultivar banalidades.

Que não temos gente: «gente para trabalhos sérios» — accrescenta o nosso homem. Não?! Então quem fez de Carnaxide selvatica um ninho fôfo e quente? E quem brindou com seu rico telegrapho a ignota Parada de Gonta? Verdade seja, que são estes os dois factos sérios da nossa Historia moderna, e devidos ambos á iniciativa potente de Frei Thomaz — critico patriota, *mesmo a [saltar... vivinho!*

Sério, sério, ó Zé!... mas, sério o que? Côme-lhe e bebe-lhe, enquanto se não acaba o mundo dos patriotas!





VEJAM ISTO!

ANDAM por ali amigos do governo a queixar-se — e com um bocadinho de razão, vamos lá com Deus! — de que os maus patriotas folgam com as desgraças do paiz, só para que se estendam os governantes. Repito : ha no facto dos queixumes certa razão, pois que o procedimento dos taes frêguezes é, sem duvida, obnoxio e quiçá um tudo nada patifuso. Se os «patriotas», depois de conjuradas, por um esforço de *toda a gente portugueza*, as difficuldades externas, resolvessem tomar contas severas a quem as originou, claro que em

lão correcto proceder não acharia nêsga de lombo, para ferros, o mais dextro bandariheiro. Mas, como quer que no descalabro da coisa publica avultem responsabilidades de *todos*, não ha esperanças de julgamento onde só existem réus.

E' por esta razão — a consciencia de seus peccados — e ainda por outra superioridade velhacaz — os calculos dos patriotas no ostracismo, ou a dez passos da manjadoura, sobre o muito que póde render em paparoca o *sacrificio do poder*: é por tudo isso que os sizudos farçolas se abstem de aguardar os acontecimentos e de pedir contas aos «criminosos», e berram pela quêda de um governo, — sem discussão, nem fórmulas de juramento. — «Abaixo o ministerio, pois que o estrangeiro nos sacode o pêllo!»

Como quem diz: «Ora, ainda bem que o rico estrangeiro nos abre, á força de coices na Patria, o accesso á pallhada do poder!» Não ha nada mais pulha, ricos filhos!

*

A não ser outra coisa, de ultima hora, e essa é de tres assobios. Quero eu referir-me aos protestos contra os maus sentimentos que exploram as desgraças de um povo em proveito de um partido — e á pouca vergonha dos protestantes, quando os vejo nas condições que eu denuncio. Nada menos que esta coisa que vossemecês vêem :

A braços com os alentados mariolas que davam por Custodio de Mello e Saldanha da Gama, achou-se durante seis mezes a republica brasileira. Descalabro financeiro do paiz, perda de vidas, ruina de particulares, a revolução purificadora servindo de pretexto a ejaculações d'asneiras de cem mil velhacos subalternos, a favor das bellezas do passado pôdre : taes os miseraveis tópicos para a historia da sujissima aventura. Comprehende-se, todavia, a ancia, a furia dos traficantes que no advento da Republica encontraram embargos á prosperidade, ao accrescentamento em bens e distincções. E'

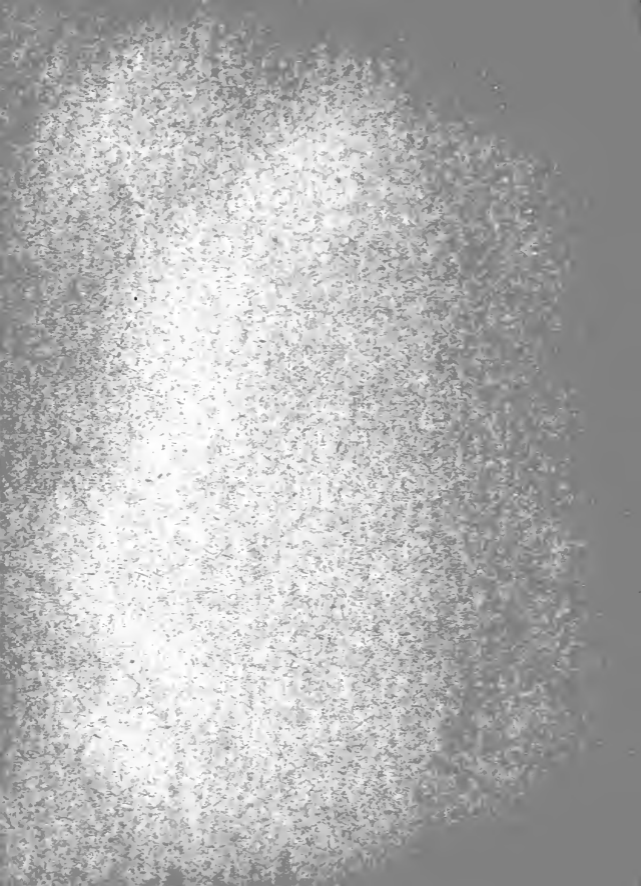
a lucta pela vida pandega. Mas o que ultrapassa, por fôrma indecorosa, os limites da regular patifaria é aquillo dos nossos patriotas que ardentemente desejam a ruina d'um paiz — ruina financeira e perda de vidas e fazendas, — só porque um systema resvale ao descredito do systema que disfructamos — ou antes do systema que nos disfructa. Opina um vulgar pantomineiro — que *tamém* se trata da lucta pela vida, n'essa coisa de desacreditar a Republica: e ahi temos nós uma correcção de magarefes, que estonteia as pessoas de sinceridade: os ricos patriotas portuguezes que pedem aos santos da sua crença a ruina e a desgraça do Brazil — só para que se estenda o systema que lhes desagrada; e que, entre nós, no scio da mãe patria, pedem ao estrangeiro todas as affrontas e sobre a patria todos os dissabores — só para que se estenda um governo.

Isto — os da opposição. Os governamentaes queixam-se, com certa justiça, de que lhes convertam o seu governo em bode expiatorio de sessenta annos de pagodeira — e fazem votos

aos céus por que a Republica do Brazil recém-nascida haja de expiar as trampolinas de que saíram os millionarios do Impeio.

Cheira a fedor, — ou eu não sei o que é nariz!







POLITICA

SE me perguntam «onde está o inimigo,» eu respondo sem hesitações:— «Na opposição monarchica.» Tirem d'ahi os regeneradores; guindem ao poder os progressistas, ou o *Zè dos carapaus*, ou qualquer grupo de furta còres, e eu responderei á tal pergunta:— «Está na opposição monarchica o inimigo.»

Claro, como o branco d'um ovo, que só ao regimen da monarchia devemos as glorias e os proventos de que á ultima hora nos ufanamos á face do mundo. Isto assente e comprehendido, cada governo que surge é um auxi-

liar em descredito do systema: assim o entende o mais illustre dos conselheiros especialistas em unhas encravadas, quando funga do interior da caréca: — «O dever de todo o bom cidadão consiste em dar força ao governo.» E' o instincto de conservação, que falta á ratazana vulgar, a qual destroe e não cimenta o pardieiro.

Dar força ao governo — na phrase da nulidade confortada — é fazer parede contra anotações audaciosas, critica irreverente, tudo o que tem fóros de ideia. Ha no fundo de um conservador por instincto dois inquisidores. Um papagaio é mais traçoeiro que um abutre.

*

No rapido declive em que *marcha* esta lindeza da nossa vida historica não ha ahí jarretes firmes de politico que moderem a velocidade adquirida. O amavel systema constitucional, que sophismou os direitos do povo, cerceou, ao mesmo tempo, a força da auctorida-

de suprema. Os nossos avós foram comidos pela Carta, mas a monarchia, fingindo transigencia, perdeu força relativa para o Mal e perdeu-a em absoluto para o Bem. Póde o systema corromper, devorar, perseguir segundo as formulas — *com violações, ou sem ellas*, — mas não póde enforçar o cidadão, nem moêl-o a cacetadas, como nos obnoxios tempos do Miguel: ahi a perda relativa nos dominios do maleficio. E'-lhe absolutamente impossivel sustentar um grande ministro, reformador e austero, contra as conspirações *dos que engordam* — refractarios a austeridades e a reformas: na esphera da acção benéfica está solidamente manietada.

N'estas circumstancias, cada governo que succede a outro governo é um factor de desastre moral para o systema que nos pôz na espinha, o que deve atenuar suas culpas, á barra do julgamento popular. E ahi está a ordem de considerações que me estabelece firmemente n'este aparente paradoxo politico: — «Está na opposição monarchica o inimigo.»

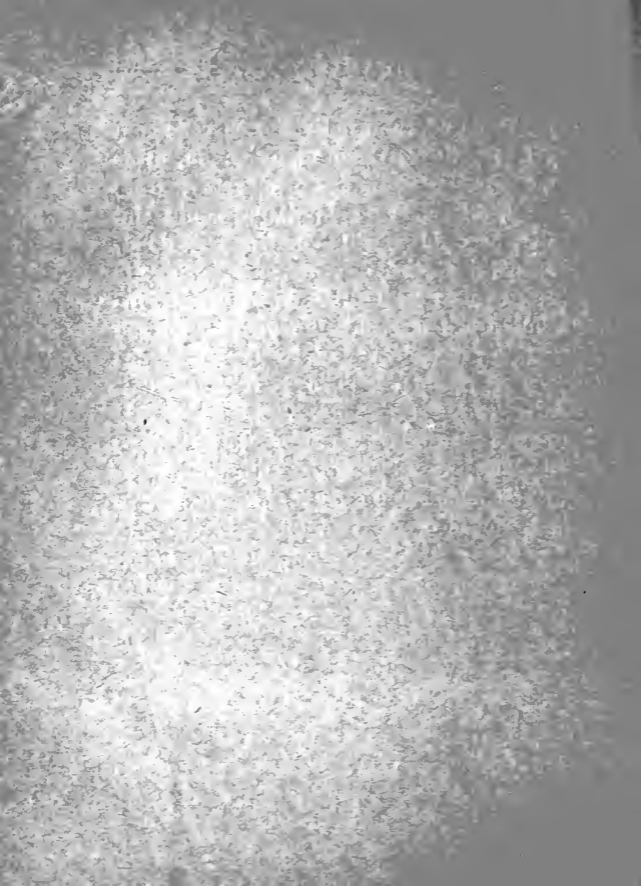
*

Dadas as condições sentimentaes de impressionabilidade e de confiança, que resultam do temperamento meridional com uns pósinhos de relaxação: dadas estas condições como características do amigo Portuguez, succede que um grande bolas, ou um grande traste recém-cahido da cevadeira governamental, passa, a breve trecho, á qualidade de perseguido, de victima, de alvo de mysteriosos rancores. Foi no governo um inepto, ou um tratante; estendeu-se; desata na opposição a berrar pela moral politica e contra as violações da constituição: lentamente ou rapidamente, segundo a estação do anno, moderada, ou quente, ou regelada, o homem reconstitue o seu grupo. Succede ás vezes que um governo lucha com os encargos resultantes das medidas que elle deixou. Não importa ao moralista, nem importa ao publico. Caiu o homem; préga contra os abusos: converte-se em fagueira esperança: *lavadinho, está como novo!*

O que se dá com um individuo succede com um partido politico. Devorou, esbanjou, atropellou, favoreceu estupidos e marotos; traiu povo e rei, alternada ou simultaneamente. Um bello dia, accorda substituido. Um mez de silencio; d'ahi o esboço de ameaças, promette revelações sobre os motivos da sua queda, insinúa que a sua desgraça lhe provém do seu patriotismo e do seu respeito pelas liberdades publicas. E' victima, é martyr; á meia volta, é outra vez uma esperança...

E assim o sentimentalismo d'este bom povo adia soluções, á espera do que ainda póde fazer *aquelle homem* ou *aquelle partido* em opposição severa: e assim se fundamenta como verdade de estalo o meu supposto paradoxo: — «Está na opposição monarchica o inimigo do paiz.»







SAUDE PUBLICA

ASSOMBRADO fiquei esta manhã, quando uma velha gorda minha vizinha, assaz alco- viteira em seu passado e besbelhoteira por todo o sempre, veio á rua e depositou á beira da sua porta um respeitavel embrulho, sobre o qual se precipitaram sem detença os quatorze gatos da vizinhança. Esfarrapado o involucro, saíram tripas de peixe, e durante o dia os restos do festim dos bichanos esmalta- ram, á luz do sol, as pedras da calçada, pondo no ar umas fragrancias de cloaca suja, e rega-

lando as vistas com o furta-côres das podridões mimosas.

O caso de á rua descer a velha gorda explica-se por um sério aviso do dono da casa: — «A policia recebeu ordens. Vejam agora se atiram com as tripas do peixe ao meio da rua ! Diz que faz mal á saude publica !»

Em homenagem á saude publica e á policia, a boa velha absteve-se de *atirar da janella*, como costuma, a tripalhada immunda: veio *deposital-a* no passeio. E se, depois d'isto, me disserem que a nossa gente é insusceptivel de educação, — sêbo para a critica !

*

Hão de ter ideia de eu haver annotado as relações sociaes das creadas com seus patrões: a difficuldade de encontrarem elles uma boa creada e ellas uns patrões bons. Era aquillo da falta de respeito, por demasias de confiança, da falta de moralidade, ou de senso moral, ou de senso pratico, a corroer o lar e as suas intimidades. Agora lhes falo de creadas, a pro-

posito da hygiene, pois que as diarrhéas da *cholerina* puzeram em scena as pretenções hygienicas.

Tive eu em tempos ao meu serviço e como companhia unica uma creada «de respeitavel idade» (*esta declaração é para as meninas casadoiras*). Era séria, conspicua, silenciosa, de boa pratica nos cosinhados picantes: era emfim uma creada *confortavel*. Descobri um dia que uma determinada aranha estabelecera na casa do jantar, a um recanto, precisamente junto ao meu lugar, uma teia de formidaveis dimensões. Chamei sobre o caso a attenção da D. Josepha — era Josepha o rico amor! — e eu proprio demoli a teia com a minha bengala. No dia immediato vi a teia reconstruida. Calei-me e esperei uns quinze dias...

Ao termo dos quaes, fiz observar á D. Josepha — que as minhas occupações não me permittiam a necessaria assiduidade no serviço da limpeza caseira, e que, portanto, eu lhe pedia que a seu cargo tomasse aquelle assumpto de teias d'aranha, etc. Foi-me respondido — que todos os dias tirava a maldita *da teia*

e que a maldita *da aranha* tornava áquella pouca vergonha.

Calei-me, e, sem que D. Josepha o notasse, colloquei na teia um miolo de pão. Ao cabo de oito dias, lá estava a teia — com miolo e tudo. Conclui pela relaxação da mulher e passei a observar o seguinte :

Que debaixo da minha cama — nunca penetrava uma vassoura. Havia camadas de lixo, que, com os microbios respectivos á poeira, justificavam o meu furioso catharral ;

Quo a D. Josepha accumulava, dois e tres dias, debaixo da chaminé, *as coisas* do barril do lixo, deixando passar a carroça, sem se lembrar de despejal-o ;

Que a mesmissima D. Josepha deixava em duas escarradeiras de vidro realisar-se a petrificação... do que lá caía ;

Que no cesto da roupa suja havia obra accumulada a perder-se na noite dos tempos ;

Que na pia da cosinha só entravam os sólidos ; — agua, que os impellisse, dava massa da á D. Josepha ;

Que, emfim, a mulhersinha não possuía

objectos de toucador, e servia-se com os meus pentes, etc.

Demoli a teia que a D. Josepha armara sobre a minha confiança, e puz no meio da rua aquella aranha. Não a substitui — porque a D. Josepha era a *decima terceira creada* que eu contractara em pouco mais de um anno. E todas *pórcas!*

*

Vem isto para chamar, a proposito de pretensões hygienicas, a attenção das donas de casa — as que não commungam nos principios da D. Josepha — sobre as façanhas escondidas de suas excellentissimas creadas. Deus me livre de aggravar, com tal aviso, os brios da D. Felismina, creada do commendador Francisco, que traz a casa um verdadeiro palmito e que tracta do que é seu — diz o perfido porteiro ás collarejas. Mas, regra geral, onde uma D. Josepha tem a seu cargo, sem fiscalisação superior, a suppressão das porcarias cazeiras, se o *cholera* — o legitimo — não se dignar honrar-nos a hospedagem, não será por falta de vehiculos.

THE
LIFE OF
SAMUEL JOHNSON
BY
JAMES BOSWELL
IN TWO VOLUMES
THE SECOND VOLUME
LONDON
PRINTED BY A. MILLAR, IN THE STRAND
1791



O TAL DIA!

VEM ahi, veloz como um raio dos diabos, o dia da renda de casas, — das afflicções e das caganifancias. Está-me alli a fazer signaes o Quinhones vidraceiro, e eu bem entendendo o meu velho. Quer elle dizer, na sua, que ainda faltam vinte e dois dias para que um homem «se explique» — em pagamentos ou em fogareiros resolutivos de causticações. Quinhones tem sempre, para a dia 20, dois fogareiros a postos, com o respectivo *sôbro*, e começa no dia 18 a batalha, que não é precisamente de flores. Se em quarenta e oito horas,

bem mexidas, lhe não acode o Misterioso, com os quarenta mil e quinhentos do semestre, Quinhones bem sabe o que lhe cumpre; mas isso é lá para o dia 18.

A impassibilidade de Quinhones deixa a perder de vista a dos criminosos celebres que, após a condemnação á morte, esperam em ultimo recurso a clemencia do chefe do estado. Quinhones, réu de extrema penuria, está condemnado ao fogareiro e espera, fresco e tezo como saloio em vespera de matrimonio, que a clemencia do Acaso o conserve ao Torreano e ás iscas.

Tem a sua variante ao Luiz XV: — «Quem vier atraz que feche a porta!»

*

Nem todos os lisboetas fruem o stoicismo do meu velho amigo. Ha sujeito que, desde a aurora do dia 1 de janeiro, não pensa n'outra coisa que não seja o dia 20 de maio. E nem todos são réus de penuria. Ha, por exemplo, o Felisberto «das notas». — assim chamado por-

que o pae morreu no degredo em Africa, onde expiára e habil fabrico de notas falsas. O Felisberto, que vive da sua agencia, não faz menos de cincoenta mil réis mensaes e, vivendo só com a mulher, tem de despeza certa trinta mil réis. A renda da casa é de trinta e seis mil réis por semestre, ou seja seis mil réis por mez. Pois, senhores, nunca o raio do Felisberto conseguiu extrahir, dos vinte mil réis que lhe sobejam, seis mil réis para o pagamento da renda. Vae-se-lhe tudo em «extraordinarios», de que elle mesmo não sabe dar conta. Succedeu que eu uma vez lhe pedisse um esforço de memoria sobre os dispendios extraordinarios, e o Felisberto, depois de sérias matutações: — «Eu sei lá, homem! Olha! Só em bilhetes de visita gastei hoje dois tostões! E' o diabo esta coisa dos bilhetes!»

Lembra o *alpista* do outro; pois não lembra?

*

Elle é o casaco novo, é o jantarinho no Tavares, é o charuto de tres vintens, é o brinde

á Faustina — em beneficio, é as luvas inglezas com os flammantes «vivos», é as «coisinhas» do salchicheiro francez : é o grandissimo diabo das fraquezas reles, a lançar um justo na perdição ! O Felisberto jura, qual batoteiro crystalisado, — jura todas as noites — ao consultar os desfalques, cohibir-se severamente dos desperdicios, mas, com a invasão do alegre sol na sombria alcova dos juramentos, dissipam-se os remorsos, e os pavores e uma nova orientação installa-se no animo do fréguez : — «Para que diabo me estou eu a ralar, se posso morrer d'hoje para amanhã ? Então eu não heide desenojar-me do estúpido figado caseiro, comendo a minha perdiz no restaurante ? E d'ahi, a vida são tres dias : vamos espremendo a têta dos «extraordinarios !»

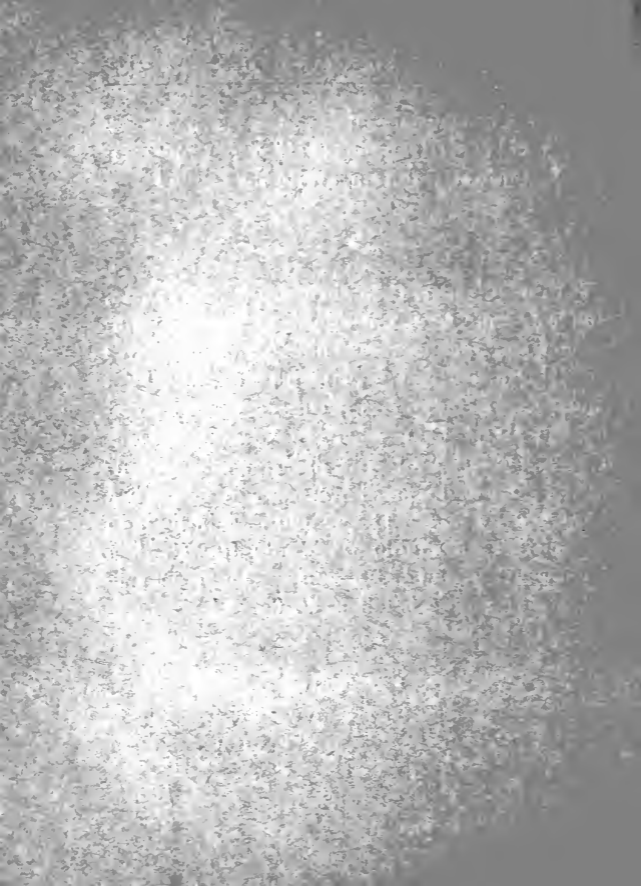
E por tal modo espreme a têta que o tal dia 20 estoura-lhe no casinhoto e Felisberto põe na cabeça os pés de cima, n'uma atarantação que não tem nada de philosopho. Esta manhã o encontrei eu na rua de D. Pedro V, e disse-me o diabo do homem : — «Estás amarello ! Porque não vaes tu para o campo ? Eu

quando sinto desarranjo vou para o campo. Que a vida são tres dias!» E' o que mata estes demonios: tratarem muito da saude!

*

Se eu quizesse dizer-lhes o que me consta, *todos os semestres*, em vilanias, fajardices, humilhações, quédas — de homens e mulheres considerados e que à primeira dôr de cabeça vão para o campo!... Deus de nossos paes! eu não alvejo com estas reflexões os desgraçados que se estorcem diariamente na conquista do pão da familia e a quem não sóbra para *pôr de parte*. O que me está buzinando nos ouvidos é aquillo do Monte Pio Geral a encher-se de penhores — em vesperas de viajatas régias e de batalhas de flores!







BEMFEITORES !

«**M**AL! Sê o meu Bem!» — Esta é do Milton e, observadas de perto as misérias do mundo, — é de toda a gente. Nos desastres nacionaes encontram o seu Bem as opposições, que os lançam á conta do governo; na morte de um homem rico está o Bem dos herdeiros que não morram de amores pelo sujeito; está o Bem da menina virtuosa na *quêda* da sua amiga, — *quêda* que mais exalta o poleiro da sua virtude; e, chego ao ponto, está n'uma invasão epidemica o rico Bem dos negociantes de especificos —

pharmaceuticos, droguistas e amadores de salvação.

Aqui está um, nos jornaes, que nos conta a historia de duas colherinhas de certa coisa, que ao pae receitou um sabio, nos Brazis, e que o salvaram do cholera por todo o sempre. Vingou, o pae, colhêr da generosidade do sabio a receita da tal coisa e legou-a a seu filho, que hoje a annuncia nos papeis, cá na Lisbia adorada, e que a vende na sua botica — rua de tal, numero tantos. . Não digo! Era o que faltava,

Nota curiosa d'este especifico de pae a filho: — «E' inteiramente vegetal e *por isso* innocente.» Diabo de historia! Agora vejo que tem algo de animal os cogumellos que matam quem os cóme. Torpes animalejos!

*

Em toda a linha, tem sido uma pagodeira — não para os medicos, tolhidos pela impotencia do *bacillus*, mas para os homensinhos das drogas e dos vegetaes, escarranchados no

pavôr das familias. Em melancolica pasma-
ceira se finava o droguista Fagundes, da rua
do Capellão, sem que viva alma lhe dêsse im-
pulso ao commercio, a não ser em *pôs da*
riscondessa, para a dentuça das vizinhas. Pois,
meninos, ha quinze dias para cá, todo elle se
escagarrinha em chloreto de cal, para as pias
do Borratem. Cincoenta por cento sobre a
droga, e não lhes conto nada: já traz d'olho
um predio na Avenida!

Hade-me lembrar que o irmão d'este dro-
guista, um tendeiro de S. Paulo, tendo vocif-
ferado como um diabo, contra a Inglaterra e
o Salisbury, a proposito do *ultimo atum*, ar-
ranjou-se com a historia da manteiga, reco-
lhendo-a na baixa do descredito e pondo-a cá
fôra, quando passou a môsca, com duzentos
por cento sobre a mistella. Foi um encanto:
limpou-se o estuporsinho do homem, e hoje
empresta a 72% aos patriotas implacaveis e
sem vintem.

E ahi temos nós outro — que achou o seu
Bem nas humilhações da Patria.

*

A sério, se é possível, me quer parecer que á nossa adorada policia, — nos intervallos das perturbações cupidineas que leva ao bojo da sopeira Josepha, e do regalorio dos espectaculos, com subsidio pela empreza, — não ficaria mal, deitar o olho aos *especificos*, guiando-se pelos processos do Pedroso de Lima na apanha de «quartos para alugar». Todas as manhãs, um ou dois subordinados do bacharel Vidocq passeavam no *Diario de Noticias* as suas vistas e alli recolhiam em cuidadosa lista as moradas dos infelizes, escancaradas, pela miseria, á invasão de toda a gente. Não havia licença registrada? Multa sobre os pobres diabos! Encheu o papinho — a policia!

Já que, tão implacavel, caiu a fundo sobre os pobres de Christo com «quarto para dois amigos,» veja a sympathica instituição se vinga rehabilitar-se no juizo dos homens, mais no tribunal do Divino, applicando-se á leitura

dos annuncios — na apanha de inventores de *especificos*! Faça lista; depois, faça colheita de amostras. Depois, que o Laboratorio diga dos inventos e que os poderes publicos se preocupem nos inventores. Se o *especifico* vale dinheiro, compre-se com o dinheiro do paiz, e divulgue-se o mysterio, para utilidade geral. Se o *especifico* é uma burla — tribunal e cadeia e multa de bota-abaixo para o *bemfeitor*!

*

Nada vos digo dos medicos, porque não me apraz a companhia de cem mil sujeitos que se espatifusam em chalaça diaria áquella classe e que á minima esfoladura do focinho beram pelo *sr. doutor*. Basta-me, para embargo a irreverencias, que o doutor Sousa Martins, — poderosa synthese de um talento enorme na vastissima base de um saber profundo e de uma abnegação incomparavel -- proteja com a sua presença o ultimo dos insignificantes que

o malsine de *collega*. Veneração aos que nos salvam, e paz aos que nos salvariam, se pudessem! Nenhum dos subalternos, que tropeçam no diagnostico e na receita, faz aquillo por mal...





ORIGENS

E muito natural que nem todos os leitores, feitos, embora, á imagem e similhaça de Deus, no que toca ás exterioridades, — é natural, digo eu, que nem todos possuam no solão craneano a particula divina que leva um homem a pensar como Victor Hugo, ou como o Zé Piça, ou como eu. Refiro-me, para o caso de hoje, ao que acontece aos leitores de apurada intelligencia — como a de nós tres. Digam-me os cavalheiros se lhes não succede, como a qualquer dos vivos, e como

succedia ao que já morreu, transportarem-se a regiões da alta critica pelo caminho do simples factó material. E' assim como vossemecês vão vêr :

Segue o seu caminho, por S. Pedro d'Alcantara, de casa para a repartição, o meu visinho conselheiro Figueiredo, director geral. Faz sol. O conselheiro aproveita a sombra do arvoredó, para dar luz e ar á caréca magestosa e brunida, cubiçada pelas moscas — como claró fundo para manobras pretas. Eu, sentado n'um banco, ólho casualmente para a vasta fronte de Figueiredo — fronte que chega até á nuca : lembro-me de Victor Hugo : lembro-me da *Lenda dos Seculos* : procuro na obra dos modernos, trabalhinho que se lhe aproxime — da *Lenda* : nada que se aproxime : derivo-me á conclusão da decadencia poetica : — eis-me em plena critica, a proposito da calva do meu visinho !

Outro caso : — Desço a rua larga de S. Roque. A dez passos de distancia vae uma saia carmesim — no corpo de uma desconhecida. Lembro-me de uma saia d'aquella côr, que eu

conheço — n'um corpo dos meus peccados : penso no tal corpo : penso na cabecinha da formosa : vejo-lhe os olhos — os olhos da Elvira, não lhes digo nada ! — Sóbe o meu espirito á Bemaventurança... Que vem a ser a Bemaventurança ? Estou a contas com as religiões, com a fé, com as lendas : em pleno criticismo religioso — a proposito d'uma saia carmesim !

Não lhes tem succedido, meus filhos !?

*

Vem isto a proposito d'um telegramma que esta manhã esvoaçou ao alcance dos meus olhos fixos. Diz assim :

«Foi muito commovente a entrevista dos imperadores Guilherme e Francisco José. O imperador d'Austria abraçou e beijou muitas vezes o soberano allemão.»

Todos nós sabemos, — e importa recordar, para o nosso fim — que a Austria foi pela familia do Guilherme expulsa da Confederação Germanica, depois da rica batalha de Sadowa,

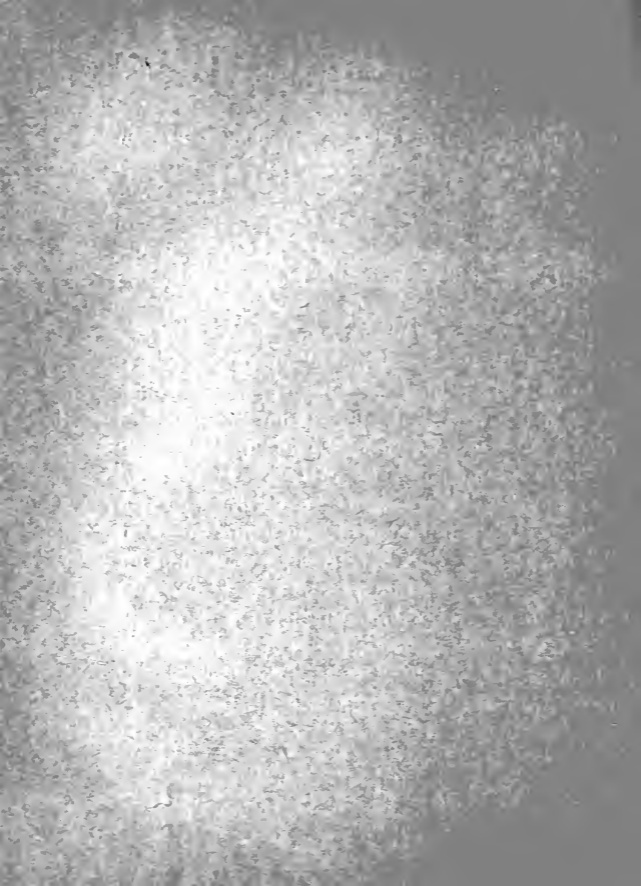
na qual batalha cêrca de cem mil homens, entre mortos e feridos, austriacos e prussianos e respectivos alliados, ensoparam a terra com o precioso sangue de suas veias. Dezenas de milhares de familias privadas dos seus chefes ou dos seus filhos, — outras tantas despojadas dos seus bens, pela devastação da guerra, — morte, ruina, miseria, lagrimas, o grande diabo do fedorento inferno! E tudo para que a familia real da Prussia occupasse na Confederação Allemã o logar da familia imperial austriaca, — correcto e augmentado em patifarias. Sobre tudo isto — paz assignada e o Francisco José beijando o Guilherme I, e conservando a sua ternura ao Guilherme II, o *dos macaquinhos no sotão!*

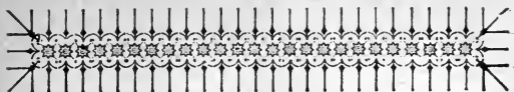
*

Claro que o que se dá com as duas monarchias dá-se com todas e pôde-se dar com todas as republicas, — mais ou menos formalidades. Os chefes de estado não conservam resentimentos — pela bordoadada que espatifou

os seus povos. Ha razões politicas, essa linda coisa que põe a França de cócoras em frente da Russia e que leva os russos a darem vivas aos seus «amigos» da Criméa. E em toda a parte os bons povos estão ás ordens, para applaudir a habilissima politica dos seus chefes de estado. Offerecem o lombo e a camisa, e a pelle e os ossos — em homenagem á *coisa nacional*, muito bem expioradinha pelos patuscos que se beijocam. Não ha pandorga allemão, a pedir esmola, que se não julgue feliz pela grandeza do Bismarck e pelo predominio do imperio no concerto das nações! De tudo isto se origina — e vem do telegramma dos beijos — que á humanidade falta ainda não sei o que, para deixar de ser burra... Onde ha pretextos — nacionalidades, coisas — para que a comam, falta o brio vulgar, ou o vulgar juizo, que assiste ao tigre, quando desembaiha as garras, e ao lagado, quando se mette na concha e deixa correr o marfim.







A' URNA!

Fulgencio, alli da Santa Caza, — não empregado, mas exposto; empregado é elle na telha e nos tijolos de Marselha, — ha tres dias que não come, nem dorme e, diz a esposa, que não faz mais nada, a não ser tratar de si para o acto solemne que rebenta amanhã — como diz o cêgo. Tratar de si, moral, intellectual, material e economicamente: tudo para bem do seu physico.

Fulgencio trata muito do seu physico. Não é egoista o Fulgencio.

Ha, pois, tres dias que elle medita e se agita olhando o *facto* e escarranchado nos seguintes tópicos d'arromba :

A questão de consciencia : — E' caso serio. Fulgencio é homem direito e por aquelle não se rebaixa o mundo. Quando acérta em ir com dois amigos ás iscas da Atalaya, põe logo a questão prévia : *contas do Porto*. Quando lhe fazem um favor, não dorme enquanto não restitue. Não paga juro, porque odeia a agiotagem. Assim, se lhe dão nm banano, elle dá uma castanha. E á noite espoja em familia a alma consolada. E' liso !

Votar no mais digno : eis o caso eleitoral. Fulgencio matuta no terreno das considerações moraes. O Desiderio offereceu-lhe vinte e cinco tostões ; o patrão da telha ameaçou-o com a expulsão ; o Baptista, padrinho dos dois pequenos, é crédor de gratidão por favores, d'estes que prendem um homem. E' preciso servir todos tres ; mas como ? E d'ahi não se trata de vis interesses. Qual dos recommendados é o mais digno : o do Desiderio, o do patrão da telha, ou o do generoso Baptista ?

*

Ha tres dias que Fulgencio matuta — e vae tirando, com um pataco de benzina, as nódoas da fateota preta. Que o maldito sêbo da gola está cada vez mais lustroso; parece chifre polido! E Fulgencio, esfregando e matutando:

— «Os vinte e cinco tostões do Desiderio, se eu *puxasse* por elles, á ultima hora, chegavam a sete mil e quinhentos. Dava para um fato completo no estabelecimento da *Guerra aos alfaiates!* Não é para desprezar. Mas se o patrão me põe na rua, porque eu não pégo na lista da casa? E o meu compadre Baptista, que prometeu sapatos novos ao Chico e ao Fortunatinho!... E, afinal, o principal não é isto. O principal é saber-se qual dos tres votos me deixaria em paz com a minha consciencia!...»

(Tóca — mais benzina! Nas calças, as joalheiras são de côr de burro quando foge. Fulgencio põe-lhes graxa de lustro e puxa-a com uma escova macia. Parece que tem nos joelhos duas placas de verniz!)

*

— «Se eu me guiasse pelos jornaes? — reflecte, com o semblante illuminado. Parece impossivel como as idéas acodem ás vezes, quando a gente está mais atrapalhada! Talvez seja do cheiro da benzina!...»

Dito e feito. Esta manhã, Fulgencio gastou quatro e meio em gazetas, das mais façanhudas e de diversos créditos e matizes.

Estendeu-se de barriga para o ar, em cima do seu honesto leito de casados e, enquanto sua esposa, a D. Genoveva, refogava um bacalhau de appetite, Fulgencio leu — 3 jornaes do partido do Desiderio, 2 do do patrão da telha, 3 do do compadre Baptista, e a *Nação*. Esta foi logo arrumada. Fulgencio é liberal de pólpa.

Ora, da meditada leitura dos oito periodicos politicos, extrahi Fulgencio estas noções sobre os tres candidatos recommendados á sua consciencia :

- Que o A está carregadinho de roubos.
- Que o B é um piteireiro de marca X.
- E que o C dá pontapés na familia.

As gazetas lh'o affirmam, lh'o juram e lh'o provam — se tanto fôr preciso.

Não ha de ser preciso. Fulgencio teve uma idéa que o fez saltar da cama, como se D. Genoveva o chamasse a berros contra um crime hediondo. Saltou da cama e ficou extactico, aßombrado de tanta luz interior...

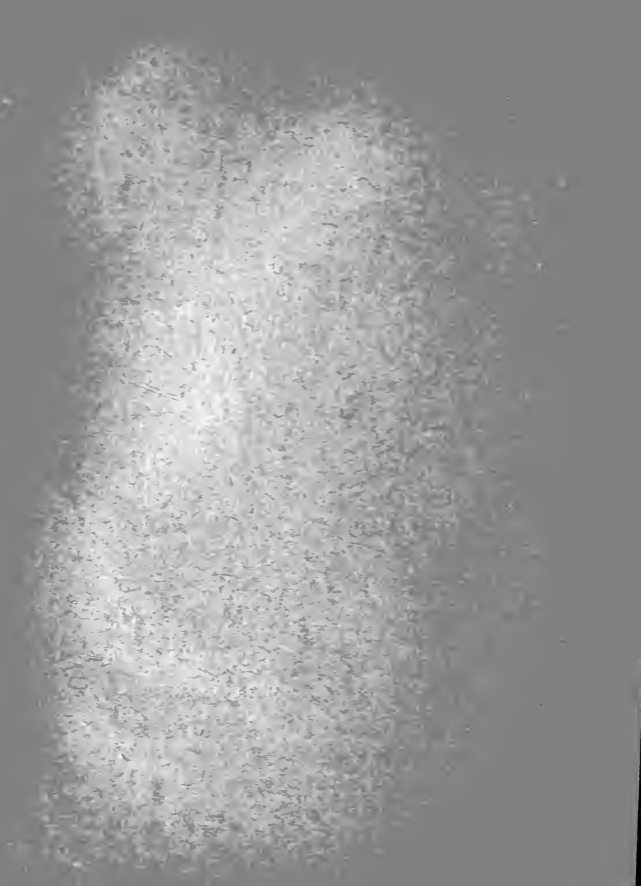
Até que D. Genoveva lhe gritou, lá da cozinha :— «Está prompto o bacalhau, ó mono!»

Sentou-se á mesa, e, no seio de sua familia, a contas com o almocinho, pôz para ali o seu plano :

— «Visto serem tres indignos, acceito as tres listas e voto n'uma, á sorte. Recebô do Desiderio, fico bem com o patrão e tenho sapatos para os pequenos. E fico bem com a minha consciencia.»

Metteu n'um sacco as tres listas; um dos peizes tirou uma, que Fulgencio dobrou sem ler — como fazem os galiegos ás cautellas, — e amanhã lá vae mettel-a na grêta!...

Declaração solemne e pessoal : A mim ninguem me tocou em nada.





RHETORICA

UM santo homem que foi muito meu amigo, — era o poeta hespanhol Ruiz Aguilera, que Deus tenha! — dizia-me um dia, á conta de haver lido alguns jornaes portuguezes: — «Assombra-me como tudo isso ahi se escreve impunemente. Em Hespanha, a meio caminho d'essas campanhas jornalisticas, teria havido morte de homem!»

Estava eu agora a deleitar-me suavemente nas recordações dos tempos de Aguilera. Foi a proposito de leituras nefandas d' jornalismo politico, em quaes leituras, realizadas na cama,

antes de pegar no somno, me foi dado saborear amenidades d'este theor causticante: — *O alentado ladrão da fazenda publica. . Veja-se na sua obra de latrocinio esse gatu-no, especie de polvo sinistro...*

Polvo! Já sei! Foi antes de pegar no somno; e da cama berrei á minha creada — que não lhe esquecesse polvo para o jantar seguinte! E prosegui na leitura:

— *O paiz hade alfim fazer justiça, pendurando n'um pelourinho os traidores — como esse depravado mariola...*

Apaguei a luz, e adormeci, — á similhaça do *mariola depravado.*

*

Esta manhã, quando acordei e a minha creada me perguntou — se o polvo teria de ser com arroz, lembrei-me das descomposturas da vespera, e senti-me rir cá por dentro. Depois pensei no Aguilera; d'ahi nos pescadores de Espinho... e n'um medico meu amigo, o José Augusto Vieira, que ha quatro annos se foi ao descanso... e n'outro meu amigo que tam-

bem se foi — o Camillo — o grande Camillo Castello Branco ! E agora volto a *pensar com mais força* n'aquelles homens — a proposito de descomposturas politicas e da serenidade com que se apanham...

Pescadores de Espinho. — Se ainda os não viram na praia, ao tirar das redes, fulos, pulando de raiva, dizendo as ultimas e chegando os murros fechados ás caras uns dos outros : se depois d'isto não notaram que nunca ha um estalo entre os furibundos da classe — é porque são encravadissimos de entendimento e de critica.

Passo ao grande Camillo. A toda a hora esse desventurado falava no suicidio. Durou annos esta preocupação. Falei d'ella um dia ao meu pobre José Augusto Vieira, e o medico tranquillizou-me :

— Esteja você descansado. A' força de fallar no suicidio e de pensar n'elle, um homem chega a dar ao seu espirito a fadiga impotente de um *elastico repuxado* !

Era isso. Um elastico repuxado ! Infelizmente, aquelle ainda serviu !...

Um elastico repuxado ! E' o caso dos pescadores de Espinho — todos os dias — a toda a hora, n'uma berrata prehe de ameaças, uma visão horrifica de sóccos e pontapés — e no fim a serenidade indifferente do mar em calma. Nem sombra de um biscoito ! Santa confraternidade !

E é assim que os meus collegas do jornalismo politico assombram o indigena — pelo seu *cynismo*. Trocam as ultimas. (*Eu tróco, tu trócas !*) e não ha meio de aquecer a colera até ao rubro ! *O país hade dependurar esse mariola... Ponham os olhos n'esse aleutado ladrão... Cuidado com esse polvo sinistro !...*

E' verdade, ó Maria Candida ! Cuidado com esse polvo sinistro, e cuidadinho com o arroz, ó menina !





OIÇAM LÁ!

UMA bella manhã de julho — como se usava ha trinta annos, — dizia-me certo homem publico assaz pratico em maroscas e em ingenuidades d'este mundo: — «E' coisa que muito me assombra — a sua brandura! Se você quizesse, poderia fazer mal. Você tem visto, e sabe dizer o que tem visto.»

Sensível aos affagos no amor-proprio, para alli fiquei a derreter-me. Com que então, se eu quizesse, a coisa cheiraria a esturro?!... Felizmente, liquidei, de ha muito, em santa conformidade. Deixar correr! estou velho: tenho

cem annos, tenho cem mil annes, e sei o que vale o auditorio d'um prégador—n'esta aldeia.

O Fialho d'Almeida, que ha dias se retirou á provincia, não se preocupou nas manhas do auditorio: sacrificou-se ao espirito dos Evangelhos, e fez chover do alto do pulpito, durante annos, castanha brava em cima de mil cabeças de burro, mais das cabeças dos burriqueiros—quando estes achavam graça ao flagicio. E' obra «de uma canna» toda aquella tempestade dos *Gatos*. No declinar do seu viver, quando o pujante sarcasma houver de consagrar uns serões á leitura d'aquella obra, poderá cotejar cada pagina de verdade com os embargos, as calumnias, e as escornadellas que soffreu e que lhe ennegreceram os horisontes da vida. Nada se perde em dissabores—para quem um dia reagiu contra as podridões da maré. A canalha maxima tem registro dos seus vergões—e salda contas a longo prazo. E' o conhecimento d'esta verdade que me conserva n'um retrahimento suave, quasi idyllico. Pelos alentados patifes tenho a consideração relativa á potencia dos seus caninos

— e á dos seus chavelhos. Não me metto em danças.

*

Fialho d'Almeida não se contentou com as serenas glorias da sua arte pura. Se elle, limitando a sua actividade á produccão das mais bellas paginas da litteratura dos Modernos, houvesse deixado no pasto os felizes do seu tempo, é de crêr que liquidasse em diplomata acreditado em Honduras. Deu-lhe para provocar os bichos, — esquecendo que o immortal trocista Camillo Castello Branco teve de vender os livros, acho que para pagar á tenda a margarina ingleza, e desconhecendo talvez, o meu Fialho, aquellas palavras do Teixeira de Vasconcellos: — «Nunca expiei os maleficios praticados, mas sim, e cruelmente, as verdades que deixei cair.»

Gratamente me impressionaram umas demonstrações de sympathia que o combatente ha dias retirado obtève de numerosos escriptores modernos. Mas ha um ponto, na chronica, que

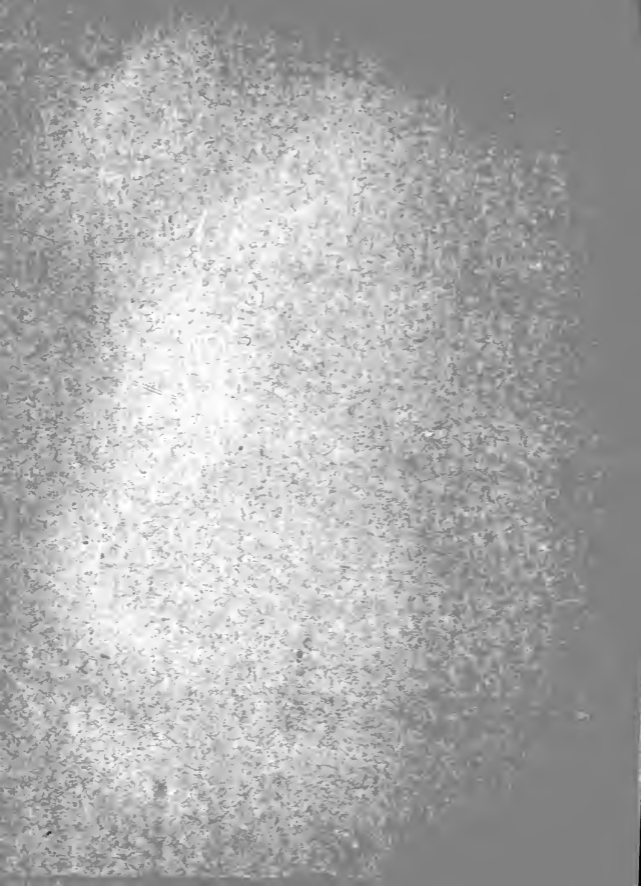
se me afigura eivado de satanice: é aquillo de um noticiarista lhe consagrar estes dizeres sinistros: — «Que o illustre escriptor, depois de retemperado na vida de provincia, volte ao combate, com uma pujança nova!»

Dado que os vae-vens da minha accidentada existencia me levassem um dia a descançar, vivinho e fresco, em terras provincianas, e que eu vingasse arranjar «uma pujança nova» — como lhe chama o outro, — esperta seria a civilisação moderna, se lhe deitasse o dente! Carnes velhas, carnes mortas e carnes podres — é o que cumpre ao banquete contemporaneo! Um philosopho das minhas relações dizia-me ha dias: — «N'este meio social em que vivemos, o individuo tem, ao entrar na *praça*, uma bala preza á perna, por uma grilheta de ferro. Se não limar a grilheta, se não se desprender da bala, não chegará a ser *coisa alguma*. A bala chama-se a Honra,»

E' azedo como o cú d'um pepino: mas a isto chegámos — pelos modos... Digam-me os elevados espiritos e os honrados caracteres, que por ahi agonisam no viver escuro, se os não

humilha, se os não degrada, se os não avilta na dignidade da especie o ar triumphante de mil e um hisborias, que, para serem «gente» só tiveram de limar a tal grillheta ! Digam se não escorre do quadro e dê moldura a quintessencia de phantastica podridão ! Digam, — que eu estou calado, porque me não conspurquem os focinhos d'estes mastins !







ENTENDEM-N'OS ?

HAVIA mais de um mez que eu não tinha noticia do commendador Francisco, quando esta manhã esbarrámos (salvo seja !) um com o outro, ali na alameda de S. Pedro d'Alcantara, onde ambos, de nariz no ar, nos occupavamos em admirar os passarinhos. Fica bem este bucolismo a velhos scepticos muito espicaçados por abutres, passaros bisnaus e passarocos de bico amarello, que nos dão a prelibação do ajuste de contas com os vermes da sepultura.

Está gordo o commendador. Veiu do Minho,

onde, em Famalicão, pelo que me diz, honrou, na estalagem da Eugenia o desacreditado estomago lisboeta, devorando em presuntos e gallinaceos quanto importaria ao sustento de dez frades, ou de vinte naufragos, ou de um amanuense. Está gordo e vem saturado de alegres philosophias, á conta das mixordias politicas e outras escorrencias da patifaria nacional.

Sentámo-nos n'um banco, olhando para os lados do Monte e da Penha de França e démo-nos a recapitular tudo isto de que vossemecês teem noticia.

— Pouco li em jornaes, me disse o commendador; mas vi o bastante para concluir que está tudo mais ou menos doido.

E eu, sentindo despertar as furias da velha má lingua :

— Pois é dos livros!

— Uma que me deu no goto, estava eu em Guimarães, e li a coisa n'um jornal do Porto, remessa de Lisboa, foi a historia das cobranças, com intimação, penhora de tarecos, o diabo!

(Pausa).

— Bem achado o processo, continuou Francisco, e tanto mais que todos vocês, os da imprensa, não pediam, havia mezes, outra coisa. Pareceu-me apenas, e confesso que me desgostou, que vocês soffriam desgosto, por se verem assim tão *satisfeitos*.

— ?!

— Tenho cá uma suspeita de que não ha coisa com que vocês embirrem como aquillo de um governo os satisfazer a vocês na opposição, realisando medidas indicadas e intimadas.

— E' claro, tira-nos assumpto.

— E pretextõ para lambada, hein?

— Clarissimo.

-- Muito bem. Comprehendo, sem esforço. Estão vocês no seu officio e estão correctamente, mas como-diabo se explica a opinião publica ?

— ?

— Quero eu dizer: *toda a gente* reclamava, com os jornaes, a execução dos devedores á fazenda. Em Famalicão, como em Ruivães,

como em Lisboa, ouvi eu protestos de mil diabos contra os governos que *não perseguiam os caloteiros*. Que era tudo a mesma sucia, que lá se entendiam e arranjavam: uma grande choldra! me dizia um abbade minhoto, á mesa da Eugenia, com o entono d'um frequentador do *Martinho*. Vae d'ahi o governo salta nos devedores, e a opinião colloca-se ao lado d'elles!

— Bom coração!

— E boa cabeça de burro! Veja você: vão os officiaes de deligencia em sua missão, e retrocedem corridos. Seria natural que o juizo publico se revoltasse contra a audacia do devedor que os correu. Nada d'isso, que eu bem ouvi! Foi uma berrata de troça aos pobres homens do fisco: que era para saberem como ellas mordem; que alli é que ellas se pagam! Seria humano que os pobres se revoltassem contra a petulancia dos devedores ricos, e tomassem o partido da Lei. Seria logico, a quintaessencia da logica, que a opinião applaudisse a moralidade reclamada por vocês ha um anno e tanto, com applauso d'ella. Afinal...

— E' tudo claro. Eu explico...

— Claro como o nariz de um preto!... Vamos almoçar ao *Tavares!*

Fomos.



10. *De Maximo et Minimo*
 11. *De Quadratura*
 12. *De Solidorum*
 13. *De Axiomatibus*
 14. *De Axiomatibus*
 15. *De Axiomatibus*



PESTE!

HA vinte annos e pico, era moda a frizada trunfa, o rolo de papeis na dextra e o pizar de palco. As intelligencis de truz concentravam-se no theatro Taborda, mais no theatro do Aljube e quem não era Talma era burro. Lembro-me do Granate, muito pratico em explosões de Tasso e que no *Frei Caetano Brandão* despertou flatulencias n'uma geração afflicta, me haver dito uma noite no Passeio Publico :

— Você anda-se aqui a perder ! Você vinha a dar um cynico !

E durante um mez, eu em casa fazia a indignação de minha avó, quando, encarando-a fixamente, bascolejava um risinho de mófa e encolhia os hombros, voltando costas á ancian. Era cynico; e a boa velha: — «Tu desandas para maluco, mas teu pae chega-te!»

Era tragico...

Deram em droga os Talmas, e estendeu-se-lhes um grande ridiculo sobre os nomes e os feitos. Desertaram os finorios, quando o *Noticias* vulgarisou o fino gosto pela instrucção, mais pelas lettras. O tyranno Galvão expelliu um romance philosophico para o *Panorama* resuscitado, e a ingenua Livramento esguichou no Almanach de Lembranças dois sonetos com crimes hediondos embryonarios. Vieram da comparsaria os Araujos, com odes, folhetins, devaneios, operas comicas e bufas, uma trampicalhada que excitou lá fóra os Formonts da madureza, e cá dentro deu alento á legião dos *faze ahi, não vás mais longe*, — uns caguinchas, de quem diz o Pato em veia critica: — «A falarem d'amor, e não teem por onde se lhes pégue.»

*

Esta epidemia de *litteras*, expiação de velhos peccados de uma raça de maus figados, já teve um martyr, e a historia do martyrio vinha a ser uma das melhores que o pobre Guilherme d'Azevedo contava aos seus amigos. Era o caso de um rapazote, o *Mesquita maluco*, alumno do Collegio dos Bernardos, publicar todas as semanas, na primeira pagina do *Noticias*:

— «Está ligeiramente incommodado o litterato Alipio de Mesquita;

— Aggravaram-se os padecimentos do litterato Alipio de Mesquita;

— Está felizmente melhor o litterato Alipio de Mesquita.»

E recommçava todas as semanas. O Guilherme tinha phrenesis, e devorou-os até ao dia em que me cahiu nos braços, berrando:

— Apanhou uma sova o litterato Alipio de Mesquita!

Em enchentes de damnado goso, pedi ao

Guilherme que me explicasse aquelle encanto; e elle :

— «Imagine você que no *Popular* apparece, esta manhã, uma sova no collegio dos Bernardos. Imagine você que o Gaudencio, director dos Bernardos, lê a sova, e que d'ahi desata a matutar... Passa em revista os inimigos da casa, passa em revista os rapazes do collegio... De repente, fulo: — «Eu não tenho em casa senão *um litterato*; é o Mesquita maluco, o Alipio! Não é outro senão elle!» Chama o Alipio, e diz-lhe, com falas mansas: — «Lá vi o seu bello escripto no *Popular*.» O outro, que não tinha visto a sova, faz-se tolo e agradece o elogio... Oh, ceus! Salta-lhe o Gaudencio nas orelhas, ó menino! Aquillo era bolacha e pontapé! Oh, Santa Litteratura! Oh, dia da redempção! Oh, pagode hemdito!...»

Como a um dos seus heroes no theatro fez dizer o Guilherme, foi aquella sova no Alipio o *melhor dia da sua vida* — da vida de Guilherme, bem entendido. No sovado não creio que fizesse mozza, nem me parece que o exemplo fructificasse... São tantos, estes raios do

diabo, que me dão visões bíblicas; pragas de gafanhotos, chuvas de lesmas, — mas ha peor ainda do que os litteratos que escrevem: hão de crer que são os *improductivos!*?

Diz-me alli seguidamente o Mathias dos Proprios Nacionaes:

— «E' o caruncho do seculo! O remedio é deixar cahir!»

Não me despeço da praga.



THE HISTORY OF THE

... ..

... ..

... ..

... ..

... ..



NÓS E ELLES

Não me hade esquecer que ahi á volta de 73 — ha vinte e quatro annos — um jornalista pratico dizia á minha aprendizagem escaldadiça: — «Não ha jornalismo mais honrado do que o nosso. Será virtude? Será timidez? Será excesso de cortezia? Será demasia de pobreza — que lhe tolhe os vãos para exigencias gordas?»

Duvidei, n'aquella época, da original correcção dos meus patricios da classe. Depois, vim

confrontando, aprendendo, rectificando o meu juizo — que está hoje feito em abono dos martyres do officio e confusão dos seus estupidos diffamadores.

Diffamadores e exploradores!

*

Eu bem sei que a classe não é *bemquista* pelo maior numero, — a não ser no momento preciso em que se abre a urgencia dos seus serviços. N'esse momento é *bemquista* e adorada: é a *primeira instituição dos tempos modernos* e é o *supremo refugio dos opprimidos*. E' quando appella para a Caridade, em beneficio dos «afogados sobre-viventes» e dos «queimados» — em igualdade de circumstancias; é quando pede á camara municipal que retire um obnoxio urinol da travessa de S. Bonifacio; é quando noticia, a rogos encobertos, as melhoras da esposa do conselheiro e o bello exame do menino Francisquinho — filho do Norberto dos coiros; é quando recommenda as pilulas do inventor Pescadinha, ou o li-

vro, prosa ou verso, do joven e talentoso Bergamota e os dotes artisticos da Philomena, — sempre nova e esperancosa sempre — o estuporinho! é quando communica ao publico, *tamém* a rogos de fabrica coberta, a partida do José Fidelio para a Trafaria, e quando sudprime a noticia de haver sido agarrado em adulterio o joven Mathias Pé fresco. E horas depois, — como quem diz no momento immediato ao serviço, — o jornalista passou de novo ao estado de execravel: é um pedante, um pelintra, um zero á esquerda nos fartos dividendos da borga social. Fructos, algo merecidos, da santa condescendencia!

*

Falla-se muito de *Lá fóra*, a desproposito de mil insignificancias. Deixem-me dizer-lhes, a proposito da nossa questão, que *lá fóra* as «condescendencias» supra e outras são devidamente negociadas. Quem quer reclamos á sua vaidade, á sua mediocridade, aos seus arranjos, *passa pela administração*. Creio que

só aqui e na Zululandia — que possui um rico jornalismo — se dá o caso de o jornalista estar ao serviço de toda a gente e ser olhado com olhos tortos, se alguma vez quer que o sirvam. Lá fóra, excepto no paiz dos Zulus, o jornalista protege — ainda mesmo quando negoceia; entre nós tratam-n'o como protegido — quando elle presta serviços.

Serviços *escrevendo*, ou serviços *porque deixe de escrever*...

Haverá quatro annos — vem a calhar — um distincto engenheiro francez procurou-me em Lisboa, para o fim de eu lhe redigir uns «considerandos» destinados aos jornaes, sobre as vantagens de uma sua empreza industrial — que pretendia instalar-se em Lisboa e que ahí temos instalada. Estudei o assumpto e redigi os «considerandos»: trabalho de algumas horas. O engenheiro leu e disse-me — que eu comprehendera tudo e adivinhára o resto; e tão penhorado me deixou pelos seus louvores á minha penetração — bem tardia, ainda assim! — que, ao perguntar-me qual era o preço do

meu trabalho, eu estive, por um triz, a dizer-lhe — que não falássemos n'isso!

Era muito sagaz o engenheiro. Riu-se da minha «delicadeza» e a seu turno comprehendeu tudo e adivinhou o resto. Foi quando me disse:— «Creio que os senhores cá em Portugal trabalham por amor da Arte, o que lhes deve produzir muitos crédores. Mas, como eu não sou artista, e sim industrial, sigo outros processos: o trabalho vale tanto, ou não vale nada. Visto que você não diz nada, eu digo-lhe que o seu vale tanto: é isto que eu tenho a honra de lhe entregar.»

E pagou-me,—por algumas horas de trabalho,—o que um jornalista regularmente remunerado ganha *em tres annos* n'uma folha diaria de Lisboa.

Fiquei muito amigo de Cruvellier,—porque lhe devo bizarro estipendio do meu labôr e uma lição memoravel.

*

Vem isto para sustentar que é mais digna

de bemquerença, do que de hostilidades surdas, a classe que toda se esfalfa em condescendências, — cá e entre os Zulus, — e que até *se esquece* de castigar devidamente os alarves que lhe cospem desconsideração e diffamação. Como fim de vida, se a *bôa sorte* não intervier no caso, lá estão na Avenida da Liberdade as cadeiras do asylo, para guarda e cobrança do aluguer. E nem uma grève! E nem uma colligação previdente, pelo futuro de cada um! Nada, — que nós todos, á força de pensarmos por *elles*, esquecemo-nos de pensar em *nós*!





O CASO DO SCIPIÃO

Não venho referir-me eruditamente áquelle caso de o Scipião (vulgo *O Africano*), um subalterno, haver ganho, em Zama, a partida contra o grande Annibal. A *historia* é a do Scipião Carneiro, ex-empregado dos pharoes, que ha um anno foi despedido, por trampolinices rasteiras e a descoberto de protecção efficaz. Foi ha dez mezes, pouco mais ou menos, que eu desacertei em encontrar o Scipião, meu antigo companheiro de collegio, n'um preparo lamentavel: — fato de verão em fevereiro, botas cambadas, como o intel

lecto do Arlequim Junior, barba da noite dos tempos, collarinho refugiado n'um *cache-nez* de fiel amigo, olhos encovados, faces cavadas e lividas e gestos humildes de homem perdido — isto é, sem credito nas mercearias...

Foi por essa occasião sinistra que o Scipião Carneiro me expôz — a mim, velho pratico em desgraças, — esta situação vulgar:

— «Imagine você: o meu ordenado dos pharoes creava-me um *deficit* de quinze mil réis mensaes. Cahi nas garras de um agiota — um que tem feito casa, recommendada nas gazetas, a 6 por cento ao mez. Eu mal ganhava para semelhante biltre. Depois, aconteceu morrer minha sogra, na occasião do meu desemprego. Luto, enterro, e veiu a renda da caza, — e eu sem emprego e nas unhas do agiota. Estava-me sendo indicado o caminho do suicidio; mas você está d'aqui vendo viuva e quatro orfãos sem dinheiro, sem credito, sem coisa para empenhar ou para vender... Bonita perspectiva: que diz você?

— Que sempre é bom viver.

— Bom?!

— Melhor...

E d'aquí resultou o separarmo-n'os, elle mais consolado, e eu mais triste.

*

Ha quatro dias, por signal era á noite, encontrei o Scipião Carneiro,—estava á porta da *tendinha*, no Rocio, junto ao Arco do Bandeira. Tinham decorrido *dez mezes* sem que eu o visse. Era o mesmo homem:—fato de verão em pleno inverno, botas cambadas como o intellecto do Arlequim Junior, barba da noite dos tempos, collarinho refugiado n'um *cache-nez* de fiel amigo, olhos encovados, faces cavadas e lividas e gestos humildes e supplicantes de homem perdido—isto é, sem credito nas mercearias...

— Como vae você? perguntei-lhe, atormentado.

— Na mesma...

— Na mesma?!...

— E' verdade: sem emprego, sem dinheiro, sem credito, quatro pessoas de familia... e

sem esperanças de melhora, e nas garras do agiota!

— Mas como diabo se aguenta você?

— Aguento-me como quem tem no orçamento, o passivo que você vê... *Tudo negativo!*

*

Separámo-nos tristemente Mas foi d'ahi a dez minutos, á porta do *Marrare* que eu vinquei comprehender o Falcão de Salvaterra, deputado chronico e patriota idem, que me fallou dos *males da patria* e na sua confiança, d'elle, em que não haverá *coisa de maior*. Disse-me assim o Falcão:

— «Ha dez annos que tudo isto vae desabar, e *está na mesma*: não temos dinheiro, nem credito; estamos nas garras dos agiotas; temos de nos sustentar e aos nossos; não ha só o *pão nosso de cada dia*: ha a assignatura em S. Carlos, *de cada noite*. Como diabo se arranja o dinheiro? Não sei. Mas tudo se arranja. Vamos vivendo como quem tem no

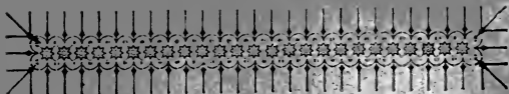
orçamento (*o paiz*) o que você vê:—*tudo negativo!*...

E d'ahi, conclui eu que podia dormir tranquillo sobre a sorte do Scipião Carneiro... e sobre a sorte do meu paiz,—pois que ha n'estas coisas da existencia mysteriosas coisas que fazem viver paizes, e Scipiões, *de tudo quanto ha de mais passivo.*

Sem intuito secreto!







CHEGUEM-LHE!

SENTE-SE consolado um homem, quando ao termo da vida — isto está por pouco! — reconhece que trilhou um bom caminho. Por agora, alludo ao da cordura, da moderação — creio que me entendem, — em coisas de jornalismo. Se alguém está zangado, não sou eu. A meu modo, sem me esquentar, tenho dito quasi tudo o que sentia. Falta um resto: a vêr se Deus me dá vida e termos proprios!

Firma-se esta alegria de hoje em arderem

as barbas do men vizinho, sem perigo para a integridade do meu bigode. E' á conta de diversos politicos da *liberal familia*, com applauso de varios jornalistas liberaes (os migue-
listas estão calados), projectaram uma *lei de rolhas* que deixe a perder de vista a do que o Senhor lá tem. E a coisa vem a proposito, diz alli o jornalista do saguão, de serem ag-
gredidos o rei, mais a auctoridade — muito respeitadas pelos partidos da *familia*, como é publico e notorio!

O velho Tiberio, philosopho epicurista, que está agora a semi-cupios em Espinho, faz-me observar, em epistola sobre o que lhe consta das gazetas, que é tudo historia: que os *po-
liticos* importam-se tanto com o principio da auctoridade como elle Tiberio—demagogo com tinturas de mystico. E tão lucidamente expõe, deduz e conclue o dianho do Tiberio, que o melhor é talvez — melhor e mais prudente — ceder-lhe eu a palavra, para elucidação das al-
mas candidas.

Vejam isto :

*

... Coisas e tal... quero que você me diga como é que esses diabos teem trepado e engordado e adquirido consideração, ó mizeria dos humanos! (*Tiberio tem este feitio de declamador antigo*) a não ser pelo desprestígio, por elles forjado, do principio de toda a auctoridade! Rebaixaram a magestade real, impondo-lhe a outhorga da Constituição (*Tiberio é ás vezes legitimista*); depois trouxeram n'um sarilho essa magestade, nas luctas civis dos cartistas, dos setembristas, do diabo! E exploraram-n'a em seu proveito, os Cabraes e os inimigos dos Cabraes, e esfarrapou-a o Saldanha no 19 de maio, e a fel e vinagre a puzeram os jornalistas da Monarchia, desde o Sampaio aos que você conhece. E são os republicanos, que é preciso reprimir?! Eu não sei se elles teem dentes; mas quem tem mordido são os outros. Mordido — e comido!

*

«Mas não é só o prestigio da monarchia que os partidos constitucionaes teem arrastado pela amargura: é em geral o principio da auctoridade, desde o prezidente do conselho de ministros até ao regedor de Seide, que ha dias eu vi, com estes olhos, a carregar cestos de esterco! Veja lá você: na questão do *ultimatum* inglez, como a coisa saisse dos progressistas, os regeneradores fazem uma gralhada medonha, vão garotos apedrejar as redacções (bem sei!), o Barros Gomes e os outros são classificados burros e traidores, e pulam os regeneradores. Bem. Destacam esses figurões o Barjona a entender-se com o *beef*, e tal salgahada arranjam que o ministerio vae de pernas ao ar, com berrata dos progressistas no parlamento:—«Traidores! burros! pulhas!• Eu bem vi e ouvi, que eu estava lá, para saber como os liberaes aguentavam o prestigio da auctoridade e das intuições!

«Ao depois me disseram, e correu mundo, que o Lopo Vaz tinha arranjado aquelle sari-

lho das negociações, para encravar o Hintze e o Barjona. E de finório; mas, para sustentar o decoro da auctoridade e dos principios e para acalmar a opinião publica contra os *agitadores*, é de se limpar a mão á parede!

«Fazem-se eleições, e você bem os ouve no parlamento e bem os lê nos seus jornaes — d'elles: o governador civil exorbitou, como um tratante, que é; o administrador do concelho está nas unhas do morgado das *Nabiças*, que lhe enche o cú de petisqueiras e de vinhaça e que o faz trabalhar pelo candidato Canellas; o regedor não tuge nem muge, porque tem cadastro de fajardices: — e tudo isto se desenrola e assoalha, em homenagem ao principio da auctoridade! Você sabe d'isto como eu.»
(*Bem sei.*)

*

Estas ponderações do Tiberio, se por um lado me fazem tremer pela *independencia nacional* (com ellas, ou sem ellas), pelo outro lado deixam-me em paz com o futuro. Póde

surgir nova lei de rolhas, ou de batoques: eu não preciso, não gosto! Cauto, cordato, pacífico, e a entrar pelo meio-grosso: tal sou eu, no meu crepusculo.





OS GRAVES NADAS

VÊ a gente um homem... mas, o melhor é citar um caso.

No atelier do pintor Columbano ha entre diversos retratos de pessoas conhecidas, um retrato meu, que é um primor do grande artista. Em frente d'esse retrato estava, ha dias, um vizitante, um inglez, e disse, contemplando-o: — «Oh! este senhor tem cara de não ser um feliz!»

Até certo ponto. Que eu sou hoje mais feliz, mas fiquei com a cara d'outros tempos, e falta-me pachorra — para arranjar outra. Suc-

cede, todavia, que uma vez por outra se divisa n'ella — e assim m'o participam — um tenuissimo traço de jovialidade, ou outro, não menos tenue, de amargura. Vae-se a vêr o porque da alteração; é o que se dá com a cara do meu vizinho Anacleto, — sem tirar nem pôr.

*

Em doze horas aproveitaveis do dia, tenho eu notado, pôde um filho de Deus e dos mysterios ser alternadamente o mais venturoso ou o mais desgraçado dos homens — uma boa duzia de vezes. A coisa é de haver sangue e de haver nervos; — miolos não são muito precisos. Vamos lá a conferir, o leitor e eu, uma das contas do que aconteceu na sexta-feira passada, entre o levantar da cama e o estirar-se n'ella.

A's 9 da manhã. — «Que bello dia! Um dia para trabalho e para descanso! Tenho que fazer até ás duas. Depois, vou tomar o sol, por esse campo fóra, e janto n'alguma tasca de

salorios. Não tenho nada que me dê cuidado, e sinto-me com saude. A' vida!...»

Um salto da cama abaixo. Escorregadella. Cae sentado, e dóe-lhe. Pontinha de mau humor, e marcha para o lavatorio.

Lava-se; procura as toalhas. Não lhe puzeram toalhas. Chama, e ninguem responde. Tudo dorme. Bate com o pé no chão e sente uma dôr terrivel no calcanhar. Despertou o rheumatismo.— «Dia perdido! Diabos levem o sol! Diabos levem o campo!...»

São dez horas. A' mesa do almoço. Mau gosto na bocca, e o bife sabe-lhe a bacalhau.— «Coisas que só a mim acontecem!» E o vinho sabe-lhe a vinagre...

Mas vem o pequenito. *Bons dias!* Festas; beijos. Que olhos—os da creança!— «Ora adeus! Póde-se lá ser infeliz, com este anjinho?!»

*

Onze horas. Faz-se tarde. Ao trabalho! Sae, cantarolando para dentro. Que sol! Que Deus tão bom!... Passa um troca-tintas que tem

por costume cortejar o sujeito. O sujeito leva a mão ao chapéu, o outro diz-lhe adeus com um movimento de focinho. — «Oh, quo besta!»

Azéda. Vem um moço de padeiro e arrumase á parede. Logar ao moço de padeiro...

— «Está bonito! d'aqui a pouco, sou menos que um burro!»

*

A' meza do trabalho. Uma da tarde.— Olha o *Frège-moscas* a dirigir-me biscoas!... A elle! Está tudo apostado em irritar-me os nervos! Que porca vida esta!»

Duas horas — «Está aqui uma carta!» (*Pausa e attenção em todo o ser.*) — «Uma carta sua, (*d'ella!*) Oh, consoladora! Não ha pezares; nãa ha inferno; não ha côr preta! Não ha infelizes! Aqui é que é o céu... minha adorada!»

Cinco horas da tarde. Em casa, o jantar promptinho. Cheira, que regala. A Maria Candida esmerou-se! Mas... veiu um papel impresso. — «Salta esse papel!» E' o aviso da

decima — a cinco dias. Já principiou a relaxar-se...

— «Venha esse maldito jantar!...» Que dia! Que série de espigas, de semsaborias, de poucas vergonhas!... «Que diabo tenho eu no forro do casaco?...» (*Apalpa; tira: são cinco mil réis, em notas, que já considerava perdidas*).

— «Bella sopa! E ha para ahi um cheiro divino, a *mayonnaise*, ó rapariga! Que excessos de perfeição! Terás tu vistas matrimoniaes?!»

Nove horas da noite. — «Acaba o dia como principiou! Não se póde entrar n'um botequim. Só se ouve asneiras!...»

*

E Deus indifferente!
E a morte cuidadosa!



1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

1883

1884

1885

1886

1887

1888

1889

1890

1891

1892



UMA IDEIA!

DIZIA-ME um dia d'estes um amigo do rei e algo do senso-commum:

— Vae-me parecendo historia, e de grande absurdo, esta de se pedir, a cada momento, nos jornaes e nas côrtes, a reduccão da lista civil.

— Historia ?!

— E' o que eu lhe digo. A meu ver, a *reduccão* tem de ser *formal*, ou não fallemos mais n'isso!

— Fallemos, com os diabos! Você é amigo

do rei. Quero que me descalce a bota da *formalidade!*

— Pois descalcemos! (*Pausa*) Quanto recebe a familia real, por anno?

— Eu sei! Officialmente, creio que anda por quinhentos contos e pico.

— Bem. Deve-se reduzir tudo a *vinte contos por anno.*

— !!!

— Vinte contos, e não se falla mais n'isso!

— Conte-me lá, filho de Deus! Como diabo quer você...

— Pouca parola! O estado dará vinte contos por anno. Esta somma, com o rendimento da caza de Bragança, chega e sobeja para a sustentação luxuosa da familia do chefe do estado; mas o supra-citado estado obrigar-se-ha a pagar tudo quanto o alludido chefe, mais a familia, deixarão de pagar, d'esse dia em diante.

— A ouvir!

*

— E' indecente e de perigosa indisciplina que o rei, ao visitar um quartel, tenha de dei-

zar dez libras para melhora de rancho. O estado pagará as dez libras, *para solemnizar a visita.*

— E' justo.

— E' vexatorio que a rainha não possa ir á procissão do Senhor dos Passos, sem receber mil e um memoriaes, pedindo esmola. O estado pagará as esmolas — *a titulo de cortezia para com a rainha.*

— Vamos andando!

— Vamos depressa! O estado pagará tudo quanto o rei tem de *pagar* por deveres de cortezia, ou por imposições do officio. Pagará aos cortezãos famintos, aos estudantes sem recursos, ás viúvas desamparadas, ás senhoras visinhas e velhas, que a rainha soccorre, aos naufragos sobreviventes, ás angustias da patria atomatada, aos que seringam e aos que supplicam e aos que ameaçam: dois terços da nação!

— Fôra com as hyperboles, ó tiosinho!

— Qual hyperbole, nem qual diabo! O que não póde ser é continuar assim. E' impossivel que aquella gente dê tudo aquillo *por sua con-*

tade: logo, ha coacção, ha transigencia, e d'ahi resulta a suspeita de que ha *calculo*: quer dizer, o que ha de mais aviltante para o esmoler e para os soccorridos. Ora, accresce o seguinte: o marquez de Mijoka póde recusar uma esmola, sem que por isso fique deshonorado e leve descomposturas publicas. Imagine você aquella familia a recusar dar esmolas. Caía-lhe em cima o poder do mundo, a tirar-lhe a pelle: Que a sua obrigação é dar, *visto que recebem!*

*

— Diabo! E' que recebem muito! E a miseria é tanta!

— Pois é justamente o meu ponto! E' preciso que recebam pouco, relativamente, e que o estado soccorra a tal miseria — e o *resto*, que tem outro nome. E' preciso que o chefe do estado possa chamar seu, como nós chamamos, áquillo que se lhe paga. E' preciso que se acabe com a situação lamentavel d'uma familia que tem de devolver tudo quanto re-

cebe, apanhando todos os dias uma carga, porque recebe *demasiadamente!*

— Parece-me razoavel o que você diz.

— Está você convencido. O que lhe falta é convencer-se d'outra coisa, que você conhece do Veuillot e que já atirou á cara de não sei quem: «E' — de que não é digno do nome de escriptor o homem de letras, que, uma vez por outra, não oppõe a sua opinião á opinião publica.» Você tem sobre o assumpto uma opinião pessoal; escreva-a, imprima-a, divulgue-a, e dê ao diabo o que sabe!

— Vou-me á obra!

— Diga lá isso! E encoste-se ás razões financeiras: o rei passa de 500 a 20 contos — para si e para a familia: economia de 480 contos para o thesouro. Ha encargos de caridade e de brindes de cortezia; mas o que o rei não póde allegar — a falta de recursos, — póde allegar-o o thesouro: e nem caridade, nem cortezias dispendiosas. Aqui d'el-rei, que os infelizes não teem soccorros! Mas recebe-os indirectamente o estado, que é mendigo e dos mais necessitados... E ganha a moralidade —

que não vê esbanjados quinhentos contos *na sustentação d'uma família!*

— Vá de rizota!

— Meu amigo! Já lá dizia o outro, que você conheceu: — «N'este mundo só se dizem a rir as coisas sérias. Em tom grave — só tolices!...»





EDUCAÇÃO

TENHO para mim que no accidentado caminho da Perfectibilidade, por onde vamos caminhando como uns catitas, rebentamos ahi á meia volta um «curso de velhacaria» obrigatorio, — que tão urgente è elle como a vaccina. A meu vêr, o que nos perdeu a todos, na primavera da vida, foram os bons conselhos e a *Moral em acção*, desajudados de positivos esclarecimentos, ou de rudimentos, sequer, sobre o que nos esperava n'este mundo. Não faço paradoxos, nem chalaça, palavra d'honra ! Quero que me digam se a edu-

cação vem apenas como relevo de prendas *naturaes* e subsidio de dotes *artisticos*, ou se deve habilitar o homem a aguentar-se nos *contractos* da vida!

*

Vejam-me aquelle pobre rapaz, convencido ao sair da infancia — de que a sociedade se orienta pelo *Amae-vos uns aos outros!* Disseram-lh'o o pae austero, a mãe amavel, os auctores moralissimos, os sérios amigos da casa e os dramas do Principe Real. Põe o pé na vidinha pratica, e, desde o periodo dos exames até aos naufragios da velhice, é de se benzer, arrepiar e *arnicar* nos lombos o infeliz crente. Estudioso, foi reprovado, quando o condiscipulo relaxadão obteve distincções á força de corrompêr examinadores; depois, se lhe repete em concursos publicos a scena da patifaria; nas luctas da vida, armado de probidade, de boa-fé, incapaz de mentir, de intrigar, de bajular, de sorrir a preceito, de atraiçoar, de se prostituir, de se alugar, de se vender,

meticuloso em pontos d'honra, severamente crente na lealdade dos contractos, limitando as suas relações a meia duzia de magicos da sua estofa, encarando ferozmente os velhacos e tendo para os triumphos dos insignificantes um mixto de espanto e de desdem, — ao termo da vida, por uma cruel lacuna em sua educação, o homem intelligente e trabalhador e leal achar-se-ha preterido e escarnecido pelos *outros*, deslocado na existencia, annullado para os gosos do espirito — os que só resultam de «observar exacto». Acodem-lhe então os velhos chavões melancolicos: *Se a Mocidade soubesse...* e, como o Balzac registra: *Que mal fiz eu á Sociedade?!* — a exclamação dos nescios.

*

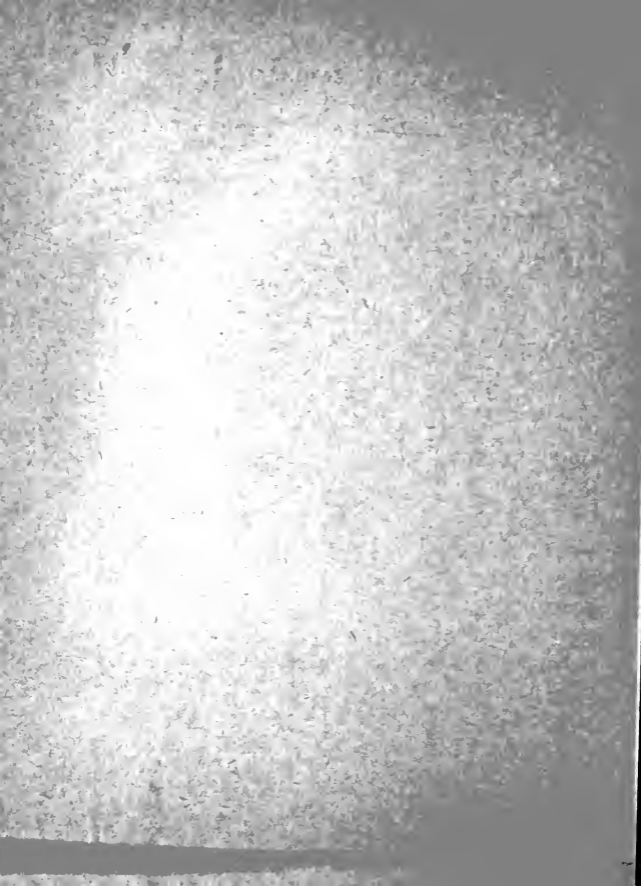
Tudo porque as vozes austeras e as vozes amoraveis, dando-lhe lições de virtude, se abstiveram, affavel e estupidamente, de lhe ensinar o *resto!* Cuidadosamente evitaram revelar-lhe — que só abre caminho o mais temido, ou o mais calculadamente sabujo: o que

troveja ou o que sorri a preceito: o que abre as portas a pontapés, ou o que lambe o patamar, para que lh'as abram. Não lhe disseram que ha-em torno de cada homem de algum valor dezenas de seus irmãos em Christo empenhados e obstinados em *comêl-o*, ou em perdêl-o, — por conveniencia directa e immediata, ou por instincto de concorrencia. Não lhe permittiram suspeitar que, se, ao termo do dia, apertou duzentas mãos, é *mnis que prova-vel* serem dois terços d'ellas de indifferentes e um terço de inimigos. Desconheceu, ao esboçar um contracto, que n'elle arriscou a vida, ou a honra, ou o descanço da existencia, eu o direito ao respeito proprio. Ignorou que os nobres, elevados e puros ideaes e as palavras que os formulam são *principalmente* applaudidos pelos tratantes — afim de que os honrados crentes se obstinem na pratica da boa-fé. Não vingou aperceber-se de que, entre todas as bestas-feras da Creação, só a que dá por *Homem* é methodicamente malvada: as outras obedecem ao instincto, ou ás urgencias da necessidade.

*

Na corrente, que dia a dia se avoluma, d'estas matizadas miserias, torna-se, pois, de séria conveniencia que os paes e os mentores da infancia lhe abram os olhos sobre o que a espera na vida pratica e não encham de minhocas o cerebro da Innocencia. Isto para o seculo que ahi vem; — o que já existe é facto consumado. Não haja perigo de que esta prosa venha a desmoralisar um innocente, ou a converter um patife !







A VÊR QUEM PASSA

HA um certo modo de *ser* *revolucionario*, em que a ferocidade se allia á insensatez. De sinceridade — a não ser no odio — não falemos. E', por exemplo, o *espírito revolucionario* do sujeito que, podendo ter dado um soffrivel continuo de secretaria, nutriu fumaças litterarias e se encafuou no Journalism, ou na Litteratura. Escreve mal e pór-camente, incapaz de *verve*, de *estylo*, de real vigor e de elevação; é um marau petulante, sem ideias, sem amor aos livros, sem o respeito da arte a que se encosta, e tornando toda

a gente em quem fareja superioridade um objectivo do seu odio. Quer *tudo abaixo!* — não porque ha torpezas e iniquidades no Existente, mas porque se sente *um inferior*, por mais que esbraveje e que se empine: porque, emfim, ser *um superior* é ter talento, ou coraçaõ, ou dignidade, ou tudo junto, quanto preciso a distinguir um homem entre alguns centenares de seus irmãos; e o rancoroso, que é um subalterno pelo *talento*, deixou resequir o *coraçãõ* ao fogo do odio e só considera *digna* a vingança. Vingança de que? Das paginas que outros escrevem bem, dos gózos — que elle adivinha — encontrados por outros na consideração propria e na que conquistam entre os homens dignos, e nas vantagens da Fortuna fruidas pelos Felizes da terra. Elle baralha tudo, para o seu rancor: as superioridades legitimadas e as apparentes distincções devidas ao Acaso.

Um desgraçado assim pôde ser um mau escriptor, um actor pateado, um inventor sandeu; em qualquer dos casos é perturbador, como um d'esses mosquitos que trombeteiam

à hora em que pretendemos descansar, e que ameaçam com ferroadasitas peçonhentas. Sempre incommodam — pois não é assim? Qual é o homem, capaz de espalmar dez mil mosquitos, com um revez de mão, que não tem acordado com empolas no rosto, devidas a esses excommungados, depois de uma noite mal dormida — a enxotar os estuporinhos?

*

O grande escriptor Louis Veuillot, a quem eu devo admiraveis pontos de vista para o desfilar do *cortejo*, cita algures essa familia de maus atormentados e vae até à Revolução Franceza, em busca de modelos — e de resultados dos taes tormentos. Onde o sangue mais cruelmente, ou mais inutilmente, era derramado, lá estavam os dominadores de espirito subalterno. Nem Condorcet, nem Mirabeau, nem Vergniaud, seriam capazes de desempenhar o papel de Fouquier-Tinville, ou o de Collot d'Herbois, ou o de Hebert, ou o de Billaud-Varennes. N'um dia de revolução justi-

ceira, os mediocres e os insignificantes assanhados tornam-se medonhos: cada mosquito é um rinoceronte!

*

A's vezes, acontece que o subalterno cheio de odio é conservador, e ameaça com o zumbido e o ferrão os partidos revolucionarios. Esse *caso* é mais immundo que feroz. No odio não ha o impulso da inveja: ha o calculo do tratante. As combinações de ataque são a frio. Formam uma contra-revolução, acaso um tanto por conta alheia, sempre e muito por conta propria; e teem uma phrase carecteristica apontada aos que não estão d'accordo com a ordem de coisas estabelecida: — «Canalhas, que não comem, nem deixam comer os outros!»

Mas é raro que entre esses mosquitos figurem os pequenos burguezes, que não sabem escrever e que desejariam firmar artigos. Esses são, em regra, revolucionarios, e adoecem de raiva quando pensam no escriptor considerado, — como os impotentes ao verem passar na rua um sujeito que é feliz com as mulheres.



NOTAS A' MARGEM

1

AGORA que o ministerio regenerador está bem morto e já não pode fazer bem, a troco de boas palavras, não renuncio a dizer algumas — sem licença da critica, nem a minima attenção pelos maus sentimentos que dispertém. Algumas palavras boas, não ditas pela sentimentalidade á beira de um funeral, mas impostas pela sinceridade. Graças aos rigores de um destino, ha momentos felizes em que eu fruo as delicias do meu *isolamento*. «Extrahir do Mal — certo Bem» já fôra previsto pelo Milton.

Taes delicias consistem em dizer e proceder como entendo e como o entende o amigo fiel que eu consulto... ao espelho. E a Opinião dos cafres que vá... aonde os Fados a mandam!

*

Vou referir-me áquelle homem que foi a alma do ministerio — na opinião do maior numero. Claro que falo do sr. João Franco; outros não foram alma, mas barriga, ou cachimonia, ou pés de baixo. Ao ex-ministro do reino devi eu — a abertura da fronteira a um meu amigo, que elle expulsára de Portugal, — uma escola primaria para algumas dezenas de saloiositos meus amigos, — intervenção protectora em favor de alguns opprimidos, — e em todos estes casos promptidão, affabilidade e a manifestação de jubilo por me haver sido util e ás cauzas de justiça que eu lhe recomendará. Tambem lhe devo o gozo de um divertido e prolongado espectáculo: o de alguns patriotas — revoltados porque eu era amigo do *dictador* — pretenderem valer-se de tal ami-

zade, para o fim de obterem favores, e, em seguida á minha recuza em intervir, desatarem a vociferar contra o escandalo da amizade supra. Houve o bom e o bonito; e, um dia, tudo será publico.

*

... O ex-ministro da justiça pensou, certa hora, que eu poderia ser de alguma utilidade n'uma Casa de Correcção, e alli me collocou *interinamente*, promettendo tornar *effectiva* a minha nomeação, *se eu gostasse do logar remunerado ridiculamente. Gostei do logar*, sem embargo dos ridiculos interesses, porque não me julguei inutil aos miseraveisinhos reclusos. Aquillo faz-se *por coração*; não ha dinheiro que o pague. Todavia, a nomeação levantou zurros e uivos, e, em homenagem á Moralidade — que chegou a suspeitar beliscada, — o sr. Antonio d'Azevedo não me nomeou *effectivo*. Eu *gostei do logar*, supponho que o exerci com dedicação; mas o excellente homem não gostou da ideia de respónsabilidades tremendas, e deixou-me desamparado e exposto ao

mau destino ! Vale-me a pratica das situações difficeis e o conhecimento das fraquezas do Homem, e sigo em taes crises rezultantes o conselho de Camillo Castello Branco : pita-deio-me do meio-grosso.

E ahi teem os sandeus revoltados contra as minhas relações pessoaes com o *dictador* uma lição severa — para terem juizo e vergonha: é aquillo de o sr. João Franco, que era a alma do ministerio, se haver abtido de animar o seu collega da Justiça a tornar-me inamovivel nas Mónicas. Não se mexeu o meu affeicoado ministro: chegou a parecer-me que elle exigira ou esperava conversão minha, dado que eu o julgasse capaz de me calumniar. Nas diversas horas de aprazivel conversação com s. ex.ª, vi-o porém testemunhar-me, com a affabilidade, muita consideração, e prefiro crêr que elle se absteve de intervir em meu favor — justamente *para não me desconsiderar*.

*

Esta minha nota à margem das minhas re-

lações com os dois ministros, é-me imposta por um sentimento de equidade. Careço de justificar a minha abstenção no concerto de execrações que acompanhou o sahimento do governo. Ao sr. João Franco devi o que consta da minha nota e do meu reconhecimento; ao ex-ministro da Justiça excellentes intenções, embargadas por um excessivo pudor... de homem publico; quanto aos seus companheiros de governo foram nullos á face do Eterno e á do ministro do reino — e não lhes faltarão, como nullidades, substitutos.

Não leva á paciencia um meu *camarada* que eu me abstivesse «de atacar, durante o periodo regenerador, o ministro João Franco, que era, precisamente, a alma do ministerio.» Eu já lhe disse que sim: que era a alma e que outros eram barriga, ou pés de baixo. E tambem lhe disse que ao alludido

ministro devi protecção para gente que a merecia, e não deixei de lhe dizer qual foi essa protecção. Suspeito que o meu *camarada* delinuiu, em inconstancia, ao deixar de lèr as minhas primeiras «notas á margem». Ou tenho de suppôr tristemente que sua mercê pertence ao numero dos que consideram a Ingratidão excellent base para a Austeridade. Diz-me, naturalmente, como o Fidelio, que as finèzas do estadistâ eram de *um particular* — facto que deixaria o *ministro* a descoberto; e eu respondo lhe que era o *ministro* quem as fazia, e só elle quem podia fazel-as. Bem o comprehendiam assim uns *intransigentes* que me pediam a minha intervenção junto ao ministro meu affeçoado, afim de obterem violação da Lei, e que, muito nobremente irritados — pois que eu não servia para taes festas, — barafustavam em conciliabulos, em nome da Austeridade, porque eu ia fiscalisar o tristissimo viver dos pequenitos da Caza de Correcção.

Em hora feliz deixaram *esses* mariolas de se manifestar publicamente. Do «dize tu, direi eu»

com Politicos, para espectaculo de ociosos, se dispensa a minha decrepitude; mas, se taes marmanjos houvessem dado signal publico da sua in-di-gna-ção, teria havido festa nas cavallariças de Augias. .

*

Note ainda o *camarada* que, tendo eu conservado certa reserva, como jornalista, relativamente aos actos de governo do sr. João Franco, não só me abstenho de lh'os condemnar á hora da sua sahida do Poder e depois d'ella, como ainda — não tendo obtido, sequer, d'esse meu poderoso amigo a simples *effectividade* no meu triste logar — não hezito em reconhecer e affirmar, com o meu reconhecimento, a minha sympathia pessoal por aquelle homem, e a minha consideração pela sua energia entre os decadentes graduados na madraçeira e só distinctos pela zaranzice em que tremem da propria sombra.

E deixe-me dizer-lhe que raro será o homem que não se julga obrigado a *poupar* el-

guem — a quem politicamente deveria aggre-
dir com vigor. Agora me lembro de alguns
austeros que assim se absteem cautellosamente
de aggressões, e oxalá, por honra da Auste-
ridade, que os motivos do seu silencio fossem
tão confessaveis, e tão alto podessem osten-
tal-os como eu confesso e ostento os da mi-
nha abstenção em aggre-dir o sr. João Franco
durante o seu governo e fóra d'elle.

*

Não creia o tal meu *vamarada* que eu,
modelo de imprevidencia, estou agora pre-
parando o terreno para, a um praso desco-
nhecido, rehaver o direito de apadrinhar junto
áquelle ministro pretensões dos taes *intransi-
gentes*. Deixo no goso de taes finuras uns go-
liardos que se sentiram possuidos do fogo re-
publicano — ao chegarem as *vaccas magras*
da Monarchia... O resto para um dia de ma-
gro — como dizia o Mestre.



AMANHÃ

TENHO idéa de eu haver lido, pouco depois da guerra franco-prussiana, um *episodio* contado por Thiers e occorrido pouco antes da guerra. Foi o caso de o velho estadista passear uma noite, a horas mortas, n'um bairro, então solitario, de Paris, a pensar nos perigos do *dia seguinte*, e encontrar-se com Jérôme David, outro homem publico — creio que Presidente do Senado, — o qual tambem girava, solitario, entregue a identicas preoccupações. Os dois homens, amargurados e avergedos ao peso das conjecturas, entabolaram

demorada palestra, de que resultou separarem-se ao romper da manhã, mais acabrunhados do que antes do seu encontro. Os factos justificaram-lhes as preocupações.

Lembrei-me a noite passada da palestra dos dois Francezes, ao deparar-se-me, por volta da uma hora, no largo das Amoreiras, um meu velho amigo que tem visto mundo — o Carlos Jorge, — que por alli passeava meditando. Eu fôra até aquelle ponto deserto, afastando-me do bulicio da cidade, — sahidas de espectaculos, ruide das casas de pasto e folia dos noctivagos alegres, — e dera-me a conjecturar coisas graves, ácerca do *dia de amanhã*. O Carlos Jorge, ao que me disse, preoccupava-se em egual assumpto. Não eramos precisamente dois homens de estado, a contas com problemas de salvação publica; eramos, porém, dois socios da collectividade portugueza, a entrevêr crueis responsabilidades de alheias culpas no horizonte do nosso destino.

*

Foi com uma expressão de magua succumbida que o Carlos Jorge me disse :

— «Por mais que eu passe em revista as hypotheses de bamburrio em favor da nossa terra, não entrevejo coisa tranquillizadora. Bamburrio de sete seculos é já a nossa existencia, a d'estas noventa leguas de comprimento no cachaço da Hespanha, com independencia, vida historica, descobertas, conquistas e extravagancias. Temos comido o diabo : do Brazil, da India, e as ordens religiosas, e seiscentos mil contos a essa Europa, e levamos a vida em lastimas banaes, nos intervallos da pandega ! Somos uma agglomeração de madeiraços, de piadistas, de declamadores, incapazes de comprehender ou de accetar esta idéa : — que, tendo acabado as *minas* de além-mar, os bens dos frades e o credito nos mercados de dinheiro, é preciso finalmente trabalhar. Dizes tu e digo eu que de trabalho estamos nós fartos, de todos os dias ; mas é preciso ar-

rumar a brincadeira. O trabalho de que eu falo seria uma reacção da collectividade nos dominios da Industria e da Agricultura, aqui e nos territorios de além-mar que ainda nos restam e que só nos servem para enriquecer governadores ladrões, enquanto o estrangeiro nos não apanhar tudo. E depois, uma desorientação que mette medo: a idéa fixa de que *estamos promptos* e de que só nos falta preparar as malas. Não antevês um bello dia de amanhã?»

*

Na corrente das preocupações do Carlos Jorge, claro que lhe dei razão, e para alli, no largo deserto, caturrámes até romper a manhã, como os dois estadistas em Paris. Remexemos em tudo: nos territorios d'Africa, centenares e centenares de léguas incultas, e uns trocintas a governar no littoral, limpando a crôsta dos fundilhos e fazendo casa na Europa, e nos terrenos do continente, em baldio perpetuo, sem que o miseravel cavador d' enxada veja preluzir no horizonte a possibilidade de por

sua conta os cultivar. Distribuímos responsabilidades: as do povo relaxado e da imprensa desorientada, sem esquecermos as do Estado imprevidente; nem o aforamento das terras imposto ao grande proprietario, nem a criação dos pequenos bancos ruraes a substituir o cancro do Hypothecario. E do trabalho especulativo, nos gabinetes, nada surge pratico, que o povo entenda. que o faça erguer-se para reclamar auxilio na sua *vida nova* de trabalho remunerador. Se elle não sabe sequer, a que tem direito! Se lh'o não dizem com lealdade!

*

Fixámos a impunidade que, em regra, estimula á improbidade homens publicos e homens do commercio: uns suggestionados por outros. A proposito lhe contei historias de empresas industriaes em que os fundadores se constituem em estado-maior, para ruina dos accionistas. Em tal terreno, as fallencias, attribuidas ao mau estado dos negocios, provém ordinariamente dos processos de ladroeira dos

gerentes, — e, como victima, algo sei de taes processos. E d'esta desorientação no terreno salutar do nosso renascimento economico, e da perfeita orientação da malandrice, e do *fatalismo* que põe um povo inteiro a berrar que está tudo perdido, nos intervallos da tourada e do peixe frito, deduzimos que, a não ser por um novissimo bamburrio providencial, o nosso dia *de amanhã* deve ser tempestuoso, — tanto peor para os recémchegados.

E a Providencia deve estar farta da grande espiga portugueza !





INNOCENTES

ACONTECEU um dia, na redacção de uma folha lisboeta, apresentar-se um cavalheiro de luvas pretas — como Blanqui — declarando que, recém-chegado de S. Thomé e chamado Felix (esquece-me o appellido), puzera a mira em abrir caminho pela via do Journalism Political; que tinha lá (no toutiço) as suas idéas politicas, e que da sua entrada na liça algo resultaria, em beneficios para a patria de nós todos. Felix, com as luvas pretas, queria publicar na gazeta o seu artigo de iniciação. Eu assistia ao desenvolvimento do

programma duplo d'aquelle magico, pois que eu pertencia á redacção. O director politico do jornal, d'olho fito nas luvas pretas do Felix, excitou o *homem* ás aventuras asperrimas da Vida Publica, e disse-lhe que apresentasse o artigo revelador de suas aptidões. Regressou Felix no dia seguinte, e deixou artigo, — o qual monstro abria nos seguintes termos :

«Estamos no prégo. A Liberdade está esborrachada, os perniciosos fructos da indolencia do povo e da libertinagem — se ousou exprimir-me — dos individuos que prezidem aos seus destinos: . . . »

Era um rebento — se assim eu ouse exprimir-me — do conselheiro das unhas encravadas. Foi devitamente bandarilhado o Felix, corrido, — e expulso. Ouso crêr que regressou a S. Thomé, desilludido como o Luciano das *Illusões Perdidas*, e sem haver encontrado um Vautrin.

Illusões ao mar!

*

Lembrei-me do Felix, a proposito de umas

luvas pretas que ha tres dias vi, dependuradas, n'um ferro velho da feira da Ladra. Sonhei com as luvas, depois com o Felix e d'ahi a genése d'este artigo.

Ainda agora, na rua de S. Roque, um sujeito das minhas relações disse-me, ao encontrarmos-nos á porta do *Tavares*:

«Ainda bem que o vejo! Ha oito dias que trago aqui um charuto especialissimo, para você. E' da Havana e não custa menos de cinco tostões. Como você seja apreciador...»

Brindou-me com o charuto, que eu fumei enquanto o diabo esfrega um olho. Por signal, pareceu-me um *conchita* de 25, com dominó cor de café, o que não embarga o meu reconhecimento.

E a proposito do charuto — da Havana e que não custa menos de cinco tostões, lembro-me do seguinte caso de innocencia:

Inventára o sr. Barjona, a *Esquerda Dynastica*, e, com seus excellentes modos, captivára diversos cavalheiros, até áquelle dia fóra dos centros políticos. Eu fui um d'elles, em homenagem aos excellentes modos do chefe e l

aos precedentes «liberaes» d'esse cavalheiro. Filiei-me, pela primeira e ultima vez. Acudiram de varios pontos do paiz numerosos innocentes, e alguns d'elles me pediram informações, que eu forneci propicias aos preceitos de *filiação*. Entre esses neophitos veiu-me de Traz-os-Montes o poeta Xavier de Menezes, vulgo *O Menezes caipira*, a quem eu perguntei, com a sisudez de um partidario convicto — que diabo trazia elle ao partido novo.

E o *Caipira*, batendo no lado esquerdo da sobrecasaca, — sobre o coração d'elle e a algibeira interior d'ella, — disse-me, com sorriso mysterioso :

— «Alguna coisa nova e importante para o nosso chefe.»

*

Que diabo nos traria do Norte do paiz o Xavier de Menezes, vulgo *O Menezes Caipira*? Um plano de revolução *Esquerdo-Dynastica*? Projectos novissimos de legislação salvadora? Uma alliança da Liberdade e da Igreja, destinada a excitar as sonoras fu-

rias do Augusto Ribeiro? Um estudo sobre a applicação drastica do conselheiro encravadissimo ás colicas do partido novo? Pedi, supliquei, ameacei, — e *Caipira* n'uma reserva de Talleyrand: Foi só na escada do chefe, cinco minutos antes de eu o apresentar, que o sujeito me explicou o enygma, sacando-o do bolso furtado da sobrecasaca preta — tão preta como as luvas do Felix:

— «Aqui tem você o que nunca viu!»

Olhei. Era um charuto, envolto em papel doirado.

— «Aqui onde o vê, — disse-me com voz cava o *Caipira*, — custa doze vintens, e nunca se viu fazendo assim: E' da Bahia!»

Apresentei o *Caipira*. Elle apresentou o charuto. O chefe deu o charuto ao creado. O creado vendeu-o por tres vintens á creada, que o deu ao 34 da 6.^a

*

Caipira é hoje mestre de meninos — onze vintens por dia — nas immediações de Villa Real.

— Não, não, não! — e voltou para o estudo sobre a
 — as ditas do conselho encerradas
 — as colchas do patão novo? Pedi sup-
 — e a casa? — e a casa? — e a casa?
 — Foi só na escola do chefe, cinco
 — antes de eu o apresentar, que o su-
 — e a casa? — e a casa? — e a casa?
 — Não, não, não! — e voltou para o estudo sobre a
 — as ditas do conselho encerradas
 — as colchas do patão novo? Pedi sup-
 — e a casa? — e a casa? — e a casa?
 — Foi só na escola do chefe, cinco
 — antes de eu o apresentar, que o su-
 — e a casa? — e a casa? — e a casa?

— Não, não, não! — e voltou para o estudo sobre a
 — as ditas do conselho encerradas
 — as colchas do patão novo? Pedi sup-
 — e a casa? — e a casa? — e a casa?
 — Foi só na escola do chefe, cinco
 — antes de eu o apresentar, que o su-
 — e a casa? — e a casa? — e a casa?

— Não, não, não! — e voltou para o estudo sobre a
 — as ditas do conselho encerradas
 — as colchas do patão novo? Pedi sup-
 — e a casa? — e a casa? — e a casa?
 — Foi só na escola do chefe, cinco
 — antes de eu o apresentar, que o su-
 — e a casa? — e a casa? — e a casa?



HYGIENE E COISAS

Q meu velho Carlos Jorge dizia-me hontem
ao anoitecer, na feira de Belem :

— Andas tu n'esse fadario de demoli-
çõesinhas, psychologias e ratices, e não te
passa pela cabeça a ideia de ser util a valer á
humanidade da tua rua, denunciando-lhe os
funestos effeitos de um vicio que espatifa as
gentes !

— Conta-me lá isso, ó menino ! Estende para
ahi a tua ideia !

— Fala tu do *tabaco* a este desgraçado po-
vo: dize-lhe, como pratico e victima, que és,

todos os horrores d'esse maldito vicio; relata episodios, casos, coisas do diabo — que a gente soffre com a pouca vergonha da cigarrada, da charutada, mais da cachimbada! Escancara o *deficit* da saude, mais o *deficit* do orçamento particular, resultantes d'essa mania porca-lhona! Torna-te benemerito, que já tens idade para isso: ólha que, ás duas por tres, estás na cova e não deixas coisa que se veja!

— Tu és o diabo, Carlos Jorge! Estás justamente a mexer-me na ferida! Quem te diria, senão o instincto diabolico, que eu penso dia e noite em armar á gratidão dos povos? Eu não o dou a perceber, alma de cantaro! mas tu devassas-me o pensamento! Queres, então, que eu me ocupe dos *tabacos*?

— Trata dos perniciosos effeitos da *fumaça*, e conta com uma estatua equestre!

E foi assim, espicaçado pelo Carlos Jorge, que eu resolvi dizer-vos o seguinte:

*

Ha dias, subia eu a rua de S. Roque e en-

contrei o meu amigo Ravasco, que me disse:

— Eu vinha a observá-lo a distancia. Você cambaleia, como eu, e deve ser pelo mesmíssimo motivo. Você fuma?

— Constantemente. Ainda bem que se me depara outra victima! Com que então você cambaleia? E' da intoxicação dos rhins, — perdõem-me os sabios, se digo asneira!

E para ali enumerámos os *dissabores* resultantes da Nicotina: — Frouxidão das pernas, digestões impossiveis, palpitações do coração, perda de memoria, perda de vista, espasmos de larynge, tremor nervoso, prababilidades de asthma, halito especial de tabaquista (não é bem o aroma do jasmim) e, no orçamento, uma verba de tremer!

Principia-se, ao sair da infancia, por fumar ás escondidas — para fazer de *homem*; d'ahi, ao termo de enjôos e bebedeiras crueis, vem o acostumar-se um cavalheiro á *excitação* produzida pelo tabaco, propicia aos trabalhos do espirito, e á *distracção* que a fumaça proporciona em horas de aborrecimento; — ha quem, a breve termo, lhe descubra *consolação*

aos momentos de amargura. Deliciosas phantasias que desabrocham n'um vicio estúpido, tyrannico, porco e abominavel, do que o Estado extrae uma das maiores receitas. —

Encontrei ha mezes um dos nossos homens publicos, que é uma gloria do Professorado. Contou-me elle que havia uns vinte annos, resolvera deixar de fumar, tendo-se reconhecido *na espinha* em resultado do tabaco de fumo, e devendo ao uso de tal peste repetidas syncopes, allucinações e um mal-estar insupportavel. Resolveu acabar com o tabaco — e cumpriu corajosamente. Durante vinte annos não fumou. Nos primeiros dias é grave, e ha individuos a quem a privação *subita e absoluta* de tal peste póde ser realmente funesta. Elle passou altivamente por cima das saudades, das inquietações e das ofertas de charutos pelos amigos e pelos conhecidos, até aquelle dia em que nos encontramos. Nesse dia, por extravagancia, comprara um maço de cigarros, e fumara um

d'estes e tivera immediatamente um ameaço de syncopé. Arremessara o maço pela janella fóra e agradecerá á Providencia o aviso — offerecendo-o á minha deploravel cegueira.

*

Cegueira — disse elle. Não é bem cegueira: é uma vergonhosa fraqueza a que nos domina — a mim e a tantos outros — e parece-me util e urgente apresental-a aos pobres rapazinhas que ás escondidas principiam — para fazerem de *homens*, e ás victimas que ainda puderem furtar-se a tal horror. Em regra, os mais possantes trabalhadores de espirito — citarei Rochefort — não fumam: não carecem de *evitação*, nem de *distracção*, nem de *consolação*. Estão livres de enfraquecimento de vista, de perda de memoria, de tremores nervosos, de palpitações de coração, de más digestões, de espasmos de larynge, de ataques astmaticos e de tremenda verba no passivo orçamental: — livres *por tal motivo*, bem entendido, e esse *motivo* é implacavel. Afastada a questão hy-

gienica, ha sujeito que gasta em *fumo* quanto lhe serviria para a renda das casas. Digam d'estas coisas os paes aos filhos — no intervallo das historias para rir e da leitura do *Barba Azul!*

*

Termino entre a decima e a undecima cachimbada, e não ha uma hora que me levantei da cama... Experimento todas as afflicções que lhes disse. — e offereço-lhes esta confissão.





APÊRTOS

CAIU o ministerio regenerador, e diz-me Tiberio que tal facto não ata nem desata nas penosas circumstancias em que nos vemos encravadissimos. Não é que o philosopho se oriente pelos cambios e pelo sarapatel das maniversias financeiras; a sua pedra de toque é o orçamento cazeiro.

Póde qualquer escagarrinhar-se em demonstrações optimistas e podia o Hintze jurar aos deuses do Bensaude que estamos plethoricos de *arame*: se a dona da casa diz ao meu ve-

lho Tiberio — que é preciso mais dinheiro para as compras, o philosopho vota ás fúrias infernaes o orçamentologo e o outro, e faz contas de cabeça — que sommam a ruina da patria. A ideia do benemerito Correia Guedes — augmentando o preço da carne — ameaçou de congestão cerebral o meu velho amigo. As lições de Armenio e de cornetim dão a Tiberio uns cincoenta mil réis mensaes, vae para seis annos. Poz-se elle na marmellada de dispender aquella quantia, vivendo, aliás, parcimoniosamente. D'ahi, principiou o encarecimento das coisas. Tiberio embargou o cataclysmo, tomando o café mais fraco, deitando agua no vinho, preferindo as batatas ao pão; cortou no luxo do bife e entrou pelos farinaceos — com o que engordou balofamente, como o 34 da 6.ª Deitou fundilhos nas pantalonas e tom-bas nas botifarras, e fez ilustrar chapéus do tempo de Robespierre. Emfim, luctou, armado de resignação económica, contra a patifaria da crise. Hoje declara-se extenuado, e resolveu tratar-se bem — e fazer dividas. Homem ao

Heis de ter notado que as severas noções de rectidão esbatem-se quando os *apertos* causticam um cavalheiro. Ha mesmo um ditado allusivo á virtude que sae pela janella quando a fome bate á porta, etc. Tiberio não chegou á fome, nem a sua virtude se escapuliu; mas sobre o microscopio do philosopho estabeleceu-se uma crosta, que por um triz o não inutiliza. Diz-me o bom homem — que tem pena de não ser negociante, para fallir; ou banqueiro, para passar o pé. Estas bôlhas de cynismo rebentam á superficie das seringações e da descrença sem o habito do soffrimento. Tiberio teve sempre de seu, até aos cincoenta de sua idade: pessimas condições de resistencia!

*
Prognosticava ha annos um sabichote allemão o suicidio em massa — da Humanidade. Tiberio diz-me que ha erro: que talvez se suicidem os criticos, os especulativos, mas que a

grande maioria dará em rapinante, e que veremos povos transformados em quadrilhas: um retrocesso a ominososs períodos de civilizações embryonarias, ou exoticas. E o meu velho conterraneo accrescenta, maguadissimo, que chegou no peor tempo: grandes perigos de miseria para os honrados, e *ainda* codigo penal para as *imprudencias*. Que não chorou na barriga de sua mãe!

Grandes desorientações, e eu a achar justificado aquillo do Fialho d'Almeida: — o dizer-me um dia o admirável escriptor, com a sua *verve* paradoxal e demoniaca: — «Vocé cuida que esta léria da letra redonda hade durar eternaménte? Menino! mais dia menos dia, os povos desatam a berrar — grandes patuscos! — que não estão para aturar as escrivalhadellas e que os litteratos vão cavar, e crear porcos!» Tambem me quer parecer que a critica tem os seus dias contados, e que é preciso cuidar de outro officio. Por mim, não se me dá de crear porcos: já os conheço — de lhes haver lançado perolas.

Desorientações dos apêrtos, e estes são de

espalmar um rhinoceronte! Uma noite d'estas, encontrei um meu conhecido syndicateiro, que me disse, aterrado:—«Você não imagina como *isto* está!»—Não, não imagino como *isso* está.—Horriavel! Medonho! Já se não faz nada!—O que! Já limparam tudo?!

No outro pólo, diz-me o visinho esteireiro — que passa dias sem accender o lume e que mal chega para pão secco. Eu tranquilliso-o, pelo que diz respeito aos dois pequenos: para elles ainda ficam umas sopitas, e, sendo preciso, accrescenta-se o caldo. Não digo esta banalidade para o fim de ser condecorado: é para estimular o meu visinho macaísta, muito rico, e que poderia dar uma sopa diaria a algumas duzias de pequenitos: talvez o fizessem commendador.

*

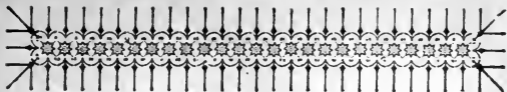
... Está ahi o Carnaval á porta. Hão de vêr que de miseraveis ostentarão por essas ruas os farrapos, — elles vestindo os das mulheres, ellas os dos maridos — e enlambusarão a cara — feita á imagem e similhaça da de Deus —

para apanharem esmolas, a titulo de divertimento. Houve tempo em que Tiberio me dizia: — «Sim, muita miseria, mas as tabernas cheias!» Hoje é elle quem observa: — «Os que enchem as tabernas não são os da Miseria; esses não de apparecer em certo dia...»

E Tiberio treme — n'um grande medo.

— que passa dias sem recordar o tempo em que mal chega para não se esquecer. Não se esquece pelo que diz respeito aos seus poderes; e sendo que ellas ainda ficam umas sobitas, e sendo que não se esquece a cada dia. Não digo esta palavra, recordando-me o tempo em que eu estava na cidade para o fim de ser conhecido; e para castigar o meu visinho marçote, muito rico, e que poderia ser a minha a parte de algumas dúzias de porcos; talvez a tivesse comendado.

... Está ali o Carnaval á porta. Não de vêr que de miseráveis o tentão por essas ruas os farapos, — elles vestindo os das mulheres, ellas os dos maridos — e contemplando a cara — feita á imagem e semelhança da de Deus —



N'AQUELLAS IDADES!

DESCENDO eu hontem a calçada de Santo André, saindo da Correção (*isto é para os fazer enraivecer*), deparou-se-me o commendador Francisco, que subia, de cabeça baixa, grave e algo melancolico, dos lados da rua da Palma. Por um triz, não *marrava* no meu physico o commendador! Puz-lhe a mão no hombro, e interpellei-o amigavel:

— Para onde é a ida, commendador?

— Ia com ideia de encontral-o; confiava no acazo, que, pelo visto, me foi propicio.

— Em que posso eu ser-lhe util? Mas, se lhe

parece, vamos para baixo, que eu levo commigo a mais real das fomes.

— Vae jantar a caza ?

— Vou, para os lados da Praça das Flores. Espiga, pois não é assim ? E' para que saiba que nem tudo são rozas na minha sinecura.

*

Arripiou carreira o commendador Francisco, e veiu commigo, pela rua da Palma, travessa e largo de S. Domingos, largo de Camões, Avenida, até ao ascensor da Gloria. A' beira do ascensor parou, para me contar o resto da seguinte léria :

— «Imagine você que a Soledade descobriu um dia d'estes, no bolso furtado do meu *pardessus*, documentos comprovativos... como diabo quer você que eu lhe diga ?

— Da sua traição ?

— E' como ella diz : da minha traição. Foi ha oito dias. Pois meu rico senhor, tem sido um inferno de trezentos milhões de diabos ! De noite põe-me no regimen das canelladas: tenho

as pernas cheias de contusões; de dia, ás horas da comida, quebra a loiça e lança-me no estomago pezadelos e amargores que nem você imagina! E, na presença da creada, chama-me burro, ladrão, garoto — a um homem de cincoenta annos — e outras coisas que só se ouvem na travessa do Poço.

— Faço ideia; aquillo é de má origem.

— Se é de má origem? E' filha de uma peixeira, e andava de pé e perna, atraz da mãe. Eu puz-me no costume de fazer festas á pequena e de lhe dar umas pratinhas, e ella chegava-se para mim... coitadinha!

— E' mau pôr-se em taes costumes; depois vem a pôr-se n'outros.

— E' verdade, depois puz-me n'outros; e n'esta idade o peixe morde com ancia.

*

Silencio de cinco minutos, durante os quaes poupei, commovido, as angustias do commendador. Subitamente, elle:

— Como descalçar este par de botas?

— O que? As canelladas nocturnas?

— Mais os pratos em cacos, e as invectivas e as poucas vergonhas só da travessa do Poço.

— Córte pelo são!

— ?

— Faça-se homem: imponha ordem, amarre de noite a Soledade, vista-lhe um colete de forças, e ministre-lhe por sua mão, o meio bife; em ultimo caso, chegue-lhe a roupa ao coiro — sem duplo sentido!

— Você fala bem! Queria cá vê-lo!

— Também eu quizera lá ver-me, que a Soledade é de se lhe lamber os dedos até ao cotovello! Mas quaes são as difficuldades da repressão?

— Eu lhe digo: foi ante-hontem que, ao almoço, ella interrompeu o silencio de um quarto d'hora, para me dizer: — «Olhe que o annel de brilhantes, aquella rica prenda que você me deu nos meus annos, perdeu-se não sei onde. Agora é arranjar outro; ouviu, seu cara d'asno?!» E eu, que Deus sabe os apuros — você entende-me, — respondi-lhe: — «Mas isso, filha, não tem graça nenhuma! Se per-

deste o anel, participa-se á Policia!» Zás!
traz! Oh, que duas bofetadas!

— Que você chuchou?

— Justamente! Eu fiquei sem pinga de sangue; mas, agora aqui em particular: cuida o amigo que eu pensei nos bofetões, em desaggravos, no grandissimo diabo?

— Pois em que pensava você?!

*

Duas lagrimas indecorosas desprenderam-se dos olhos ardentes do commendador; e elle:

— Pensava na delicia das bofetadas que ella, uma vez por outra me dava por brincadeira; o olhar terrivel e tempestuoso dava-me a suggestão das meiguices da creatura; os berros faziam-me lombrar as dôces brêjeirices que ella me dizia ao ouvido, a puxar-me e beliscar-me a orelha! E o horrivel da minha existencia é o pensar em que aquella plastica, aquella perna e aquelle pésinho, — aquelles olhos, aquelle halito, aquelle todo da sua carne e do seu espirito, tudo aquillo pôde vir a

ser propriedade d'outro, se eu me insurgir, como você aconselha. Insurgir-me? Você já a viu andar? Já a viu rir-se? Já...

— Ainda não. Mas também ainda não lhe dei anneis; nem levei bofetões da sua linda mão; nem lhe ouvi palavrões obnoxios, desde garoto a calvagadura, nem me quebrou a loiça, nem me tornou ignobil. Commendador! reaja e safe-se! Olhe que você está n'uma sentina!

— Estou... mas é muito confortavel.





FORA!

DIZIA-ME um dia d'estes um *joven jornalista*:
— «Eu trabalho n'aquelle jornal, mas não é porque eu precise: é para me entreter, e porque tem suas vantagens.»

Referia-se nas «vantagens» á entrada gratis nos espectaculos publicos, á possibilidade de «conquistas faceis» (lindo carocho!), á «gloria» de ser *um collega*... Que no mais é — para se entreter!

Fazia-me notar, ainda ha pouco um dos officiaes do meu officio que, em geral, as folhas do Porto são superiores á maioria das de

Lisboa — em unidade de criterio, em coordenação, em methodo, em regularidade de senso-commum. Eu expliquei — que, pelo ordinario, o jornalista no Porto não está *alli* «para se entreter,» nem com o olho nas taes *vantagens*. O proprietario do jornal tem a sua empreza, o que o não dispensa de ter a sua politica; o jornalista tem n'essa empreza a sua profissão, e ama essa profissão, porque ella lhe dá o pão de cada dia e o prestigio relativo ao seu esforço e á sua intelligencia.

Mas, voltando ao nosso *jovent*, as causas da sua collaboração gratuita, para entreter, são d'uma complexidade de mil diabos. O tal jornal é pobre ao termo de dez annos de existencia, porque lhe falta especialmente, para fazer fortuna, o espirito industrial. O politico escreve o seu artigo e deixa o resto aos «voluntarios» — aos que lá vão para se entreter e para as taes coisas... O Teixeira de Vasconcellos, um padre-mestre do jornalismo, respondia a alguem que lhe perguntava:—Quanto paga v. a Fulano?...

— «Eu?! Não lhe levo nada!»

*

Ora, tudo isto está fóra da discussão — menos quando agrava casualmente os direitos dos officiaes do officio. Não é raro que a *chômage* caustique em Lisboa os jornalistas — obtendo elles como explicação e desculpa das empresas: — «Nós fazemos o jornal como v. sabe: com os rapazitos que vão por alli e que não ganham nada...» E' irrespondivel! — a não ser que haja ouvidos para esta ordem de reflexões:

Haverá dois annos, incumbiu-me d'um trabalho um estrangeiro muito intelligente e muito trabalhador. Não falámos em remuneração: sub-entendia-se. A um terço do meu trabalho, o meu *empresario* disse-me: — «Estou satisfeito: é isso: você entendeu perfeitamente e desempenha melhor. Vamos ás nossas contas; e peça o que quizer!»

Fiquei perplexo, lembrando-me dos contos de fadas, quando a Posphorina diz á *Maria de Pau*: — «Pede o que quizeres, menina, e tudo te concedo!»

Elle viu me sorrir; imaginou extremos de timidez e atalhou-os, explicando:

— «Não ha para mim senão duas classes de individuos: os que me são muito uteis e os *outros*. Aos primeiros retribuo a utilidade, sem olhar a despezas. Aos outros dou o menos que posso: ás vezes — nada. Tenho-me visto bem com o processo. Em troca de muito e bom trabalho — muito dinheiro. E não receie que eu o accuse de *exigente*. Pelo contrario: eu só discordo dos que *pedem pouco*, e com os que não pedem nada — com os que trabalham gratis — nem para o céu!»

Creio que já lhes contei esta historia.

*

Está o meu joven patricio no seu direito — trabalhando para se entreter; mas faça isso por modo que não prejudique com os seus esbocetos a pintura dos que trabalham para viver. E' certo que lá o empresario aprecia as *borlas* e que parte do publico devora gato por

lebre; mas, independente dos resultados praticos, funestos, no andar dos tempos, ao empresario e ao publico, é preciso ter consciencia, leviano mancebo! Ha familias de bom porte prejudicadas por esses *entretenimentos*; vá ser *collega* para casa do Diabo!







VENTO LÉSTE

Os rugidos longiquos, que, d'além fronteiras, vem excitar as flatulencias do conselheiro das unhas encravadas, *tamém* trazem n'uma causticação permanente o meu caro commendador Francisco. E' a ponto de D. Gertrudes, a respeitavel e hedionda commendadora, haver surprehendido hontem seu esposo a dar o tratamento de *excellencia* ao Juan de Bigas, seu moço de recados. — «*Excellencia* a um gallego!» bradou a horriyel dama, atonita e enfurecida. E Francisco, em tom prophetico e succumbido: — «Gallegos to-

dos nós podemos ser; e d'um dia para o outro!»

*

Ideia fixa do commendador: Que da historia de Cuba, aggravada com a das Filipinas, vem a surgir a carrapata revolucionaria, e d'ahi uma invasão de gallegos e mais povos da nação irmã. Ora, o commendador, que accieita os productos hespanhoes, sob as *fôrmas* de artistas de zarzuela, de toureiros e de Magdalenas sem arrependimento, e que applaudetaes productos, como refinadissimo apreciador, embirra, algo espavorido, com a hypothese de uma invasão. Tendo assistido impassivel aos protestos vehementes dos *cú ligados* contra as violações da Carta, experimenta um indomavel horror, quando prevê as violações da Soledade pelas milicias da Hespanha. A Soledade, viva e fresca, é a pedra de toque do amorpatrio do commendador Francisco. Suspeita elle — que de muitos outros.

*

Já lá vão mezes, depois que eu disse aos meus trez leitores effectivos: — «A Hespanha perderá Cuba, mas vêr-se-ha livre dos Bourbons.» E' infallivel, — eu nunca me engano senão em meu prejuizo; e, pois que sou interessado nos destinos da Hespanha, devo crêr que não me illudo em meus vaticinios de alta politica. A breve prazo, quando menos o esperarmos, rebenta-nos por ahi a noticia de *pronunciamento*, com todo o rabo-leva de sensações: occorre-me, a proposito, que uma noite d'estas, estando eu no largo de Bellas, a ouvir a musica, um grupo de trabalhadores lisboetas, dos que trabalham *nos saloios*, referia-se ás hypotheses de proxima revolução em Hespanha, e um d'elles deixou cair a seguinte phrase prophetica: — «Aquillo estoira quando a gente estiver a divertir-se; e depois chegará a nossa vez.»

E' justamente a possibilidade de tambem chegar áquelles a sua vez — um dos factores da atarantação de Francisco. Depois de con-

jurados os terrores da invasão possível, o commendador todo se escagarrinha, pensando na eventualidade de uma anarchia medonha, desde Santa Apolonia até Campolide, apanhando com seus horrores alli o largo do Rato, onde a Soledade tem fruído o tributo dos homens á sua picante formosura e ao seu catitismo enebriante. — «Imagine você (dizia-me ha dois dias o commendador) que uma turba multa de scelerados invade a habitação da pobre pequena, e lhe salta em cima! Excommungada Cuba! Excommungada Hespanha revolucionaria! Excommungados agitadores! Você tambem tem dado a sua conta!»

*

Ponderei ao afflicto commendador— que, sendo a Soledade mulher pratica, não deixará a esta hora de ter previsto a hypothese de lhe saltarem em cima os demagogos, e que o espirito voluvel e impressionavel da catita talvez prelibe as delicias da variante, — farta dos assaltos dos conservadores. E que, enfim, não

vale a pena abafar as expansões dos revoltosos de Cuba, nem embargar a fatalidade das Leis Historicas, só porque a Soledade corre o perigo — quiçá do seu agrado — de soffrer a sorte da Carta Constitucional. Que o prior da Lapa, mais o Augusto Ribeiro reajam pelo pudor da velha croia que teve boa perna nos arredados tempos dos Passos, entende-se e admite-se, pois que os dois varões são reconhecidamente dois vulcões, ou, pelo menos, dois fogareiros de protesto; mas cumpre ao commendador Francisco, cuja paciencia de amigo da Soledade é proverbial, conformar-se com a ideia de uma invasão gallega, mais de uma expansão demagógica — dê por onde der na plastica e nos créditos da moça!







O TAL PROBLEMA

Não offerece duvida que o nosso proximo —demasiado proximo! —é, em regra mais tolo do que mau; todavia, é a maldade quem dá cartas n'este mundo, segundo a conclusão do velho Josó Lopes, um ex-soldado da patria e um energico trabalhador, ao presente invalido e a viver de esmolas na aldeia de D. Maria. Viver de esmolas, e ha uns poucos annos, entre os infelizes a quem um mez de chuva lança na miseria — são as lavadeiras e os trabalhadores do cam-

po, — é, todavia, uma demonstração de bondade anichada nas almas dos desgraçados. Valha-nos o espectáculo consolador!

*

Tinha sua fortuna a familia do José Lopes, ao rebentarem as luctas entre D. Miguel e o D. Pedro: familia de *miguelistas*, o que lhe valeu perder tudo, pois que os *liberaes* incendiaram-lhe a casa e os armazens de vinhos, em Villa Nova de Gaya. O rapaz contava ao tempo uns quinze annos, e deu-se a trabalhar de tanoeiro, para sustentar-se e á mãe e a uma irmã; — o pae succumbiu ao pezar que lhe causou a sua ruina. Instalado o novo systema, foi d'ahi a poucos annos chamado ao serviço militar o meu heroe, e na fileira o surprehenderam as luctas entre patulêas e cabralistas. Mãe e irmã falleceram — um pouquinho de fome, e o rapaz, alistado *por dever* ao serviço do systema que o desgraçara e aos seus, consagrou-se á *defeza das liberdades publicas*, seguindo a sorte dos patulêas. No Alto

do Viso, uma bala fracturou-lhe uma perna: soffreu amputação.

Durante annos, viveu, todavia, pelo seu trabalho, fabricando brinquedos de pau. Ultimamente, ha quátro annos, veiu-lhe o rheumatismo e prostrou-o. Levam-lhe o pão e a sardinha assada -- ao seu miseravel catre — os pobres visinhos que mal teem para os filhos.

*

Conversavamos hontem, eu e elle, ácerca d'essas miserias e d'ahi nos derivámos á *philosophia do caso*. Foi á conta de eu lhe dizer que ha, n'este mundo civilisado, sujeitinho que possue *duzentos e quarenta mil contos* — ou *doze mil contos por anno*, — ou *mil contos por mez*, — ou *uns trinta e tres contos por dia*: isto ao juro innocente de 5 p. c. (*) Fechára os oihos o pobre velho, e, quando eu o

(*) E' o americano Jay Gould. Abaixo d'elle, ha sujeitos como o Maekay, com 225 mil contos, o Rothschild inglez com 180 mil contos, o Vanderbilt, com 113 mil contos...

Etc., etc.

julgava abysmado na contagem da dinheirama, elle reabriu os olhos, e disse-me :

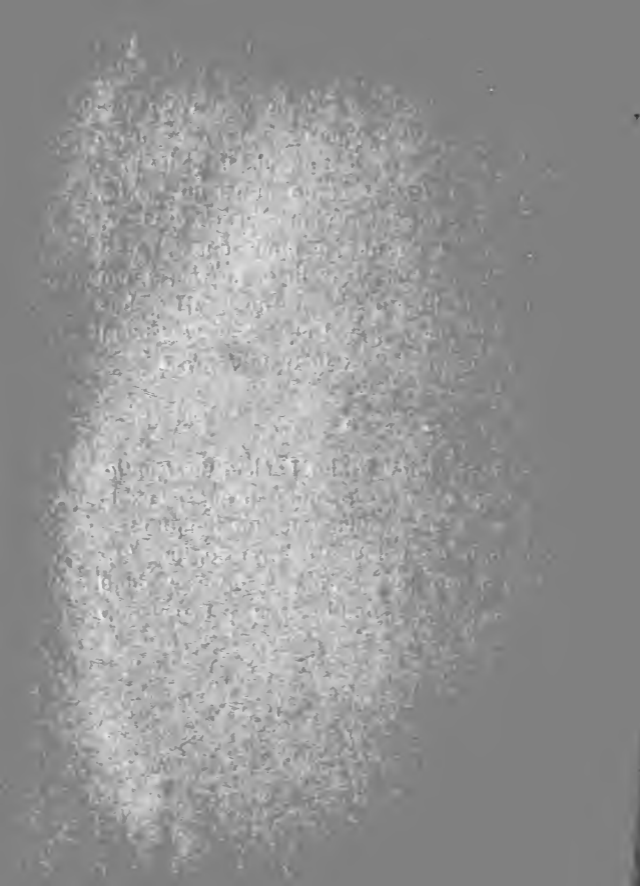
— «Eu já não chegarei a vêr coisa nenhuma, nem talvez o senhor: que tudo isso está muito enraizado, e as forças das victimas estão dispersas. Sou um pobre homem, um ignorante, mal sei exprimir-me; mas penso constantemente — n'este isolamento; e, quando não é nos infortunios da minha pobre gente, é na *impossibilidade* de que as coisas no genero d'essa estejam livres de um termo. Creio que hade ser medonho, mas tem de ser. Não concebo o nivellamento das condições economicas de cada homem, pois que ha os poupados e ha os prodigos; mas o que eu entrevejo é o *fim da miseria*. Não haverá individuos com *trinta e tres contos por dia*, mas deixará de ser «possivel» — não porque ultrapassa a infamia, mas porque excede o absurdo — creaturas sem albergue, sem pão, e sem garantia de arrimo, quando impossibilitados de ganhar a vida. Olho para as transformações politicas que se apregôam, e, por mais radicaes que as annunciem, ou que as de-

sejem, não vejo n'ellas uma nesga de melhoria para a situação dos Miseraveis — mais de quatro quintos da Humanidade. Se ha promessas, se o *Proletariado* entra no Crédo, é preciso que nos lembremos — para duvidar. Lembremo-nos de que a alma do Povo foi sempre illudida nas revoluções: veja-a em França, a auxiliar o advento de trez republicas — e burlada sempre! Os Miseraveis teem de contar comsigo — exclusivamente...»

*

Dizia o escriptor Pinho Leal, o do *Portugal Antigo e Moderno*, quando queria exaltar os dotes intellectuaes de um homem: — «Não é tolo de todo». Tal direi do José Lopes. Não é tolo de todo, a não haver vaidade da minha parte — pois que eu penso como elle.







MOLESTIA DO TEMPO

GONTOU algures o saudoso poeta Gonçalves Crespo que, uma vez, um padre das suas relações e proprietario de uma folha politica sertaneja lhe pedira um ou mais artigos, em que verberasse o governo. Annuiu o poeta, escrevendo um ou mais artigos de es-cacha, com o seguinte fecho severo e concludente :

— «Mais moralidade, sr. ministro do reino!»

Gonçalves Crespo nunca chegou a saber quem era o ministro do reino, nem o que elle tinha feito n'este mundo.

*

Cae-me debaixo das vistas, n'este momento, uma folha diaria, na qual eu vejo, n'uma secção de *politicas* a seguinte coisa profunda: — «O governo continúa a dormir sobre as occorrencias de Lourenço Marques com o consul da Allemanha.» Naturalmente, acode-me a lembrança de Gonçalves Crespo — a exigir *mais moralidade* ao ministro. Salvo o talento do poeta e os seus intuitos trocistas, — que o *jornalista* de hoje não tem talento, e escreve a sério a severa annotação.

Tambem me occorre uma anecdota que ha annos me contou o malogrado erudito Graça Barreto. Era elle estudantote, e ouviu falar de uma subscrição que os habitantes da Croacia tinham realisado em favor de Pio IX. O sujeito, que se referira ao caso, via com maus olhos o Padre Santo, e d'ahi o haver chamado aos subscriptores *Os infames Croatas*. Diabo, que tal disseste! O Graça Barreto, enchourigado, ao ouvir, tres dias depois, o elogio de Pio IX, bradou:

— «O que lhe vale são os *infames Croatas!*»

Uma estupefacção, e um dos circumstantes perguntou carinhosamente ao fedelho :

— «Mas que gente vem a ser essa, meu menino?!»

— Fiquei todo embezerrado, e safei-me: — dizia-me o Graça Barreto. — Eu não percebia o que tinha dito.

*

No mesmo genero, que o dia está de chuva, — para historias...

Falava Guerra Junqueiro n'uma reunião politica, e um papa-moscas, irritado contra o grande poeta, porque o achou *todo janota* e de barba feita, deu o seguinte áparte — como se diz no Brazil :

— «E o que o senhor disse na *Morte de D. João?!*»

Houve rizota de varias intenções e de diversas *estupidezes*, e eu perguntei ao papa-moscas :

— Que diabo disse elle no tal livro, a proposito de conflictos iuternacionaes?

— Se não sabe, aprenda ! Ou o senhor está a caçoar comigo ? !

*

Por estas e outras, se deu o caso de me dizer hontem á noite á meza do hotel, em Canecas, o meu velho philosopho Tiberio :

— Acho que em todos os regimens politicos existe uma lacuna importante : é a falta de um appendice á folha official, destinado á publicação dos alvitres individuaes, em casos de atrapalhação dos governos.

— E' bem imaginado.

— E é urgente, para o apuramento do Juizo Publico. Note você como um sujeito incapaz de desembrulhar-se de um conflicto com um vizinho da escada, que lhe faz bulha para baixo, berra contra a *estupidez* e a *inercia* de qualquer governo do seu pequeno paiz, quando esse governo se vê a contas com as insolencias e as ameaças de uma nação poderosa ! E' irritação patriotica ? D'accordo, uma vez por outra. Mas o que se torna grutesco são as phrases soltas, desdenhosas, de qualquer bana-

boia que exige idéas resolutivas, — sem elle mesmo ter sombra de uma idéa, sem haver estudado, nem percebido as origens de uma questão; — já lhe não falou dos sujeitos que não se importam com ella para coisa alguma, e que badalam ou rabiscam, para se darem ares de entendidos, ou de indignados. Olhe você para aquelle alcoolico, que é um funcionario bem pago, porque tem um parente que o arrumou fóra dos merecidos varaes de uma carroça, — e que todas as tardes, no café, se dá ares de revoltado peia marcha da coisa publica...

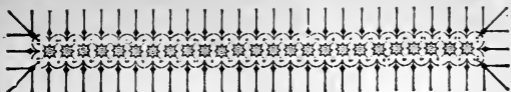
— Conheço o bicho.

— Bem. Ha de tel-o visto a berrar em circulos de revolucionarios e, meia hora depois, a rir-se da *pandega de tudo isto*, em grupo de parceiros que o desprezam, mas que o aturam — em attenção ao protector. Que idéas possue aquelle bebado? Que noções de decoro nacional ha no *espirito* d'aquelle idiota? Que sentimentos dignos se albergam no cavername d'aquelle pulha? Ora, ahi tem você para que eu queria o tal appendice á folha official.

—?

— Sujeito apanhado a badalar ou a rabis-car, sem demonstração de miôlo e de senti-mento, seria obrigado a redigir *o seu pensa-mento*, o qual seria publicado no tal appen-dice. Esfarrapar os Hintzes pôde ser merito-rio, mas é bom vêr as unhas de certos bichos.





A UM MAIS NOVO



DE quando em quando, lembram-se de *consultar-me* recém-chegados á vida de causticações. E' em longas cartas, de ingenua desolação — umas, outras — de entusiasmo cortado de hesitações. Aqui tenho uma, recebida hontem de Coimbra, da qual extrahi os seguintes periodos :

*

— «Quando foi aquillo do *ultimatum*, tinha eu treze annos. Chorei muito, pela minha fra-

queza de creançola, pelo enxovalho atirado á minha patria, e depois pelo malogro da resistencia moral. Decorreram estes seis annos. Tenho hoje dezenove, e um livro de versos, de que lhe envio uma *amostra*. Pergunto-lhe se fiz bem e se vou bem. Appello para a sua experiencia, para a sua sinceridade e para os seus sentimentos de *sympathia* pelos seus *irmãos mais novos*. Entende o que eu quero dizer-lhe...»

Entendo.

*

E pois que o entendo, direi a esse *mais novo* — que os seus versos de hoje desmentem o seu sentimento de ha seis annos, embora pareçam a resultante. E a razão é simples: a sua amargura deve ter sido verdadeira, e os versos de hoje são falsos. Considerar *tudo pôdre e perdido*, porque o galho mais depauperado da arvore latina não offerece resistencia de um tronco em plena seiva, é cingir-se de animo feito a uma linha de convencional tristeza. Que diacho influem na Humanidade os *episodios* de

uma nação decadente? E que importa a essa Humanidade o suicidio de um enfermo — embora illustre? Mais ainda: Que tem um homem de dezenove annos com o que se passou em 1890? Que tem, mesmo, com as desgraças de hontem? Toda a concentração espirital de um recém-chegado deve ter o Futuro por objectivo. Todo o seu ideal deve ser feito de sacrificio, — a não preferir o contrario: a lucta aberta, pelo gôzo. Collocar-se entre estes dois pontos, affirmando desalentos, descrenças, my-santropias, desprezo pelos homens — sem ter soffrido a deslealdade, a ingratitude, a deturpação calumniosa dos seus actos, as consequencias cruéis da sua boa-fé e da sua dedicação, as aggressões e as injurias dos *sem cotação intellectual*: — essa attitude de *Réné de Chateaubriand*, ou do *Moisés de Vigny*:

*Seigneur ! Vous m'avez fait puissant et solitaire ;
Laissez-moi m'endormir du sommeil de la Terre !*

... esse doloroso desdem, meu joven amigo, equivale aos gemidos de um collegial, so-

bre a perfidia das Mulheres, porque viu em casa uma creada trocar dois beijos, á porta da escada, com o homem da hortaliça.

*

E ainda quando os baldões e as inclemencias da vida lhe tenham embranquecido a cabeça, antes da hora, e reconheça *finalmente* que tem no destino o *pas de chance*, a que allude o nosso Baudelaire, ha de faltar-lhe direito a cuspir sobre *esta podridão*. É que não ha podridão absoluta onde se revolve a Dôr, e as maldições e os desprezos não podem ser direito humano na Terra onde os rhinoceron-tes e os tigres, as feras mais crueis, se batem e morrem pelas fêmeas e pelos filhos. Dado que a Sorte lhe distribua os encargos de *observadôr e annotador publico*, a dolorosa travessia da existencie póde auctorisal-o, quando muito, a minar, pela irreverencia, os prestãgios falsos, avisando de certo modo os viajantes crédulos ou distrahidos. Mas não ha inclemencias, nem baldões, que o libertem do dever

do sacrificio, menos ainda que o auctorisem a desprezar a Humanidade. E não conte com associados, nem lhe importem os adherentes, nem espere admiração, nem justiça, nem reconhecimento! Baste-lhe a consciencia — e creia sempre n'ella!

*

Dado que a Arte lhe houvesse parecido um formidavel baluarte e uma forte arma, não se illudiu; mas desvirtuou a condição e o elemento de resistencia e de acção. Só os perpetuos cultores dos *anceios*, dos *anhelos* e dos *devaneios* — os das *flores* e dos *amores*, os do *coração* e da *visão* — podem condemnar, — como os castrados condemnam a fecundação, — os direitos da Arte no terreno das reivindicações. Todas as conquistas da Sciencia e todas as suas aspirações: todas as monstruosidades e todos os soffrimentos dos Desherdados: todas as *impreviencias*, mais ou menos calculadas pelas Tyrannias novas, — todo esse conjuncto de *amankés* está sob a alçada da Arte. Não lhe

direi, facilmente erudito, o que vem desde Juvenal até Hugo. O meu amigo tem tempo para leituras, e supponho que não lhe faltará disposição. Creio que entendeu o que eu lhe disse...





A B C

Ao termo de seis semanas de doença, vieram uns dias de sol pôr-me de pé; e cá vou proseguindo na travessia. Hontem dei comigo na minha aldeia, onde ha ventanias agrestes, mas puras. A petizada tem crescido e, como dizia João de Deus, parece que sente mais juizo — á conta da instrucção primaria. A professora é uma senhora dedicada e intelligente, conformada com o seu nobre, mas penoso, destino de educadora de pequeninos selvagens. A influencia das primeiras lettras faz-se sentir nos saloiositos; diz-me um

velho da terra que é da *subjeição* o estarem elles menos bravios -- o não jogarem a pedra, desde manhã ao vir a noite, e o terem uns certos ares de gravidade que fazem rir a *tia Grilla*. E eu digo ao vélhote que não é tal da *subjeição*, mas das responsabilidades desejadas pela infancia e respeitadas por ella. E offereço-lhe exemplos.

*

Aqui está o Marius, com os seus dez annos brincalhões, que abandona gostosamente os brinquedos logo que eu o encarrego de transcrever umas linhas de um livro, ou de um jornal. Faz pensar e elucida a gente a gravidade da creança, ao desempenbar-se da tarefa, ufanando-se, ao termo do seu trabalho, de me haver ajudado a fazer um capitulo, ou um artigo! Todos nós temos visto — todos os que vêem, está claro — o afan com que as creanças, em geral, procuram tornar-se uteis, encarrregar-se de coisas sérias. Mais tarde é que vem a mandria — com as outras prendas do homem.

*

No estabelecimento de reclusão e de ensino, onde tenho occasião e obrigação de observar, ha novas provas — e é entre os menos innocentes. Prender, encerrar na prisão um pequenito, dar-lhe de comer e deixal-o depois a papar moscas—como desenjoativo—não lhe tira nem põe na indifferença irresponsavel e no ar descaradote de um, ou no *feitio* matuto de outro. Mas logo que arranquem o pequeno á *inutilidade*: logo que lhe distribuam tarefa—um trabalho na officina ou uma lição na aula — a physionomia adquire gravidade, e não se me tira da cabeça que o character vae com a physionomia.

E' evidente que, se lhe supprimirem em absoluto as horas de distracção, virá o horror pela tarefa, e á expressão de gravidade succederá a do aborrecimento, ou da irritação. Mas se lhe supprimirem os encargos, depois de elle lhes haver *tomado o gosto*, e lhe deixarem todo o tempo para folia, não sobrevirá apenas o tédio pela brincadeira: virá tambem a

consciencia da inutilidade. Recordo-me do maior castigo que me applicava meu pae:— «Não faças nada! Diverte-te, que é o que tu sabes fazer!» Nunca experimentei humilhação assim! O que?! Pois eu não tinha prestimo para coisas sérias?! Vinha pois a ser uma especie de *Carocho* — um gato que lá havia em casa, que não apanhava ratos e só sabia comer!

*

Pois é verdade: o *Caroço* já diz com intenção aquelle primor de João de Deus:

*Andava um dia,
Em pequenino,
Nos arredores
De Nazareth...*

O Antonio Rato, que é mais mazorro e que passava todos os dias do anno á pedrada aos cães e aos gatos da aldeia, mostra-se preocupado na divisão das syllabas e já deixa tranquilos 50 p. c. dos irracionaes. As pequenitas

vão muito adiantadas, e n'um centro de civilização seriam o «enlevo de seus maiores». Principalmente a Augusta e a Angelica revelam aptidões de espirito que me fizeram agradecer a Deus a minha idéa de lhes arranjar a escola. E a proposito, já encontrei esclarecido o tal *arranjo* no espirito de todos os saloios maiores. Foi a *tia Grilla* quem os elucidou nos seguintes termos, emquanto batia a roupa, no tanque do *senhor Limas*:

—«Ora, que estão vocês para ahi com pré-gaões e adivinhas! A coisa entende-se, sem ir a Coimbra (*como se em Coimbra entendessem melhor!*). O sr. Pinto (*sou eu*) chegou a esta terra, viu os pequenos por ahi aos coices, Deus me perdôe! e quiz fazer d'elles gente. Teve dó, é o que foi! E d'ahi não estive com aquellas: pediu ao sr. ministro do reino,—acho que é do reino o que governa lá no Terreiro do Paço, — pediu-lhe uma escola, e o sr. ministro deu-lhe a escola. Depois veio a mestra e ahi está. Diabo! Não custa nada a perceber!»

E não custa. Percebe-se melhor do que a

lettra da maioria dos discursos parlamentares, dos quaes a *intenção* se percebe deliciosamente. E' aquillo: — Tive pena; pedi ao ministro João Franco; o ministro tambem teve pena e fez-me a vontade. Prompto!

*

Pois, meus amiguinhos de D. Maria, estão vocês á entrada da vida, e sempre me parece melhor levarem luz do que entrarem na escuridão. A luz é isso que a mestra lhes está dando. Dizem os velhacos que vocês seriam mais felizes—se não vissem nada. O que elles queriam era apanhal-os ás escuras!





VEJAM ISTO!

UM politiquero sertanejo, ao lambisco permanente de candidaturas e mais mixórdias, mandava rosnar ha tempo, lá na sua gazeta, contra as demasias do meu azedume. A rosadura vinha com a mastigação de outras porcarias, que ficaram ás moscas varejeiras, como o parvoeirão, pois que não bastam as inconveniencias de lingua para conquistar *resposta*. Ora, quanto a eu ser taciturno, azedo, o diabo que o leve, devo dizer que bem me preoccupa em buscar assumptos para jovialidade, mas acontece que o negregado Destino me subtrahê á vista fatigada o pittoresco ornamental dos casos, e só me deixa contem-

plar a carcassa negra das poucas-vergonhas da Vida. Agora mesmo se me depara o que ides vêr.

*

E' n'um jornal de Oliveira de Azemeis, secção de annuncios. Leiam e riam-se, dado que se lhes não aperte o coração ! Vejam essa infamia da Lei !

Vejam isto :

«ARREMATACÃO»

«No dia 14 do corrente, pelas onze horas da manhã, á porta do tribunal d'este juizo, vão á praça, para quem pretender arrematar, pela segunda vez, e por metade da sua avaliação, os moveis penhorados na execução por custas em que é exequente o Agente do Ministerio Publico, e executado Francisco de Rezende, o *Maruia*, solteiro, do logar da Graciosa, freguezia de Loureiro, cujos moveis são os seguintes:

Duas caixas de pinho, pequenas, no valor de 140 réis.

Duas masseiras, pequenas, no valor de 50 réis.

Um casaco, usado, no valor de 60 réis.

Uma carapuça preta, no valor de 50 réis.

Duas enxadas, no valor de 100 réis.

Um podão e uma picareta, no valor de 100 réis.

Duas foices de meia lua, no valor de 70 réis.

Uma canastra e um engaço, no valor de 75 réis.

Um maço rodeiro e seis paus de mão, no valor de 10 réis.

Um ancinho, um alguidar, trez forcados de pau, seis taboas de dez palmos, ou 2,2 metros, no valor de 290 réis.

Oliveira d'Azemeis, 8 de março de 1897.

O escrivão,
Francisco Ferreira d'Andrade

Verifiquei.
O juiz de direito
Saiaão e Carneiro.

*

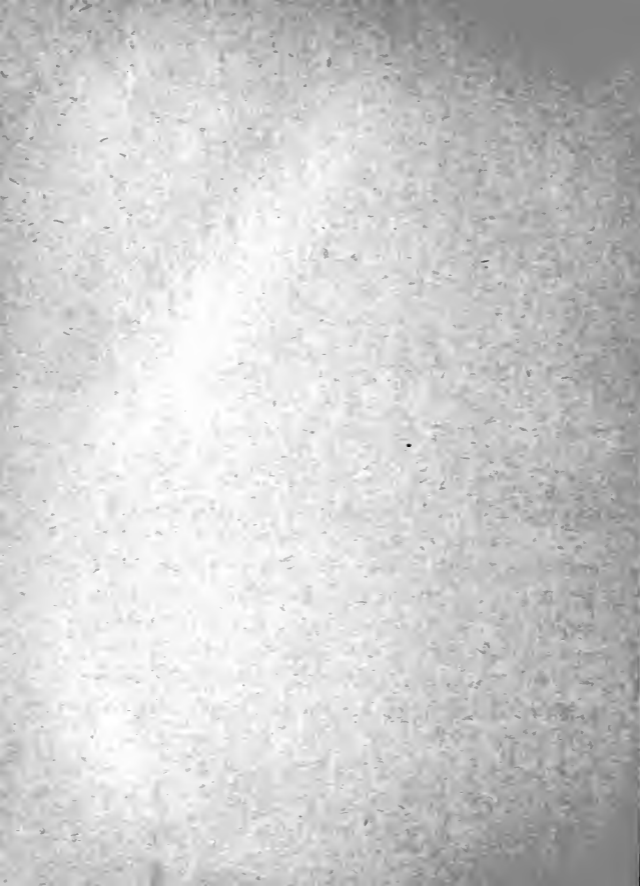
Lêram? *Saborearam* aquillo das enxadas do trabalhador, do casaco no valor de 60 réis, da carapuça no valor de meio tostão: toda aquella miseria incomprebensivel, atroz, que parece inventada e trazida a publico—para revoltar as almas?! Viram como a observancia da Lei póde envergonhar um juiz e um escrivão—pois que eu, por mim, sentiria vergonha e horror ao assignar aquella hediondez?! Acham que estas immundicies sociaes predis põem um sujeito á galhofa e que não auctorizam o mau humor?—E quem demonio o manda observar-as? pergunta-me o commendador Francisco. E eu pergunto a meu turno, ao commendador: —Que diabo quer você que eu observe, dados a *comprehensão* e o *sentimento* que eu tenho da minha profissão, — *comprehensão* e *sentimento* que a convertem n'um destino? E' certo, garanto lh'o, que eu não passo a vida no registro dos horrores e das injustiças—o que seria a manifestação de uma enfermidade; mas, se eu e os *de meu feitio*

não se preocuparem nos soffrimentos e nas iniquidades sociaes, quem hade affirmar aos Miseraveis a existencia de um vinculo moral entre os Homens? Sem duvida, ha ontros recursos de consolação: esperanza de um mundo melhor; mas creio, como o outro, que é melhor obra pensar no aperfeiçoamento d'este mundo do que bordar hypotheses sobre o Desconhecido futuro.

*

Mal satisfeito, o commendador Francisco exigiria outra coisa: talvez julgasse que eu poderia extrair assumpto para galhofa, da lista dos objectos para arrematação. Não ha duvida: a minha Arte poderia servil-o, descendo á sua Gangrena.







GAZETEANDO

No meu tempo da escola primaria dizia-se entre os petizes: *Fazer gazeta*. Era aquillo de faltar á aula, vadiando pelos arredores de Lisboa, correndo o risco certo de pagar a *gazeta*, com lingua de palmo, na escola e no lar domestico. Hoje faço *gazeta* — dispensando-me de anotar casos do dia, entrada do anno, preoccupações patrioticas, negrumes de futuro social. O meu espirito compraz-se na recordação.

*

O meu pobre e bem amado Julio Cesar Machado dizia-me um dia.

— «Tu já viste mais desgraçada vida do que esta nossa? Um carpinteiro sae de casa, ao domingo, para espairecer. Os amigos e os conhecidos que elle encontra falam-lhe de passeios ás hortas, de vinho novo, de raparigotas catitas da ultima fornada. Grande risota, projectos alegres, pandega no horizonte. Dois jornalistas, ou homens de letras, encontram-se em dia de regabofe: o assumpto obrigatorio é a politica, é a eleição do Justino — que está tremida, é a rotação dos partidos, é o jornal novo que vae sair. E d'ahi a gente azéda-se com a eleição do Justino, porque está tremida, e não deixaria de zangar-se — se ella estivesse segura; irrita-se com o jornal novo que vae sair, porque é de presumir que seja uma fonte de parvoices. E' claro que, na hypothese de uma obra prima, a irritação seria a mesma.»

*

Tinha razão o meu querido Julio. De suas palavras se originou em mim a tendencia para fugir aos assumptos *obrigatorios* em parolice. E ahi está porque, tendo-me hontem de manhã procurado Tiberio, para o fim de me falar de politica, eu mandei o philosopho á tabúa.

E ao anoitecer, no largo da Graça, eu e dois velhos do meu tempo tratavamos do que vae ser lido.

Contou um d'elles:

— «Hontem á noite ia eu para casa. Tinha um serão a fazer, e possuia de meu 70 réis. Tres vintens para tabaco e 10 réis para phosphoros. O combustivel para o cachimbo estava garantido; para o cerebro havia de arranjar-se. Eu subia do alto da Cotovia para a Patriarchal, quando á esquina, onde fica o palacete do Ribeiro da Cunha, me saiu uma mulhersita, com uma creança ao collo e outra pela mão.

«Balbuciou a mulher não sei o que. Velha-

cazmente, eu desviei os olhos, mas a minha desgraça fez cair as minhas vistas sobre as caras das creanças. Eram de cêra, e que olheiras! Dois poêmas de fome, meus amigos!

«E' claro que larguei logo os 70 réis, e fui para casa — bufando. Levei parte da noite a trabalhar, sem tabaco; — eu só contava com dinheiro no dia seguinte. Mas valeu-me este pensamento fixo: — Se eu não tivesse soccorrido aquella gente, adeus descanso de espirito e adeus assumpto!

«E depois, concluiu o homem, vocês não imaginam como o pequeno mais velho se parecia com o meu pequeno!...»

Ficámos calados — todos. Vinha por entre as arvores um raio de luz do lampeão visinho. Olhámos uns para os outros. Todos nós tínhamos lagrimas. Que diz a isto o prior da minha freguezia?

*

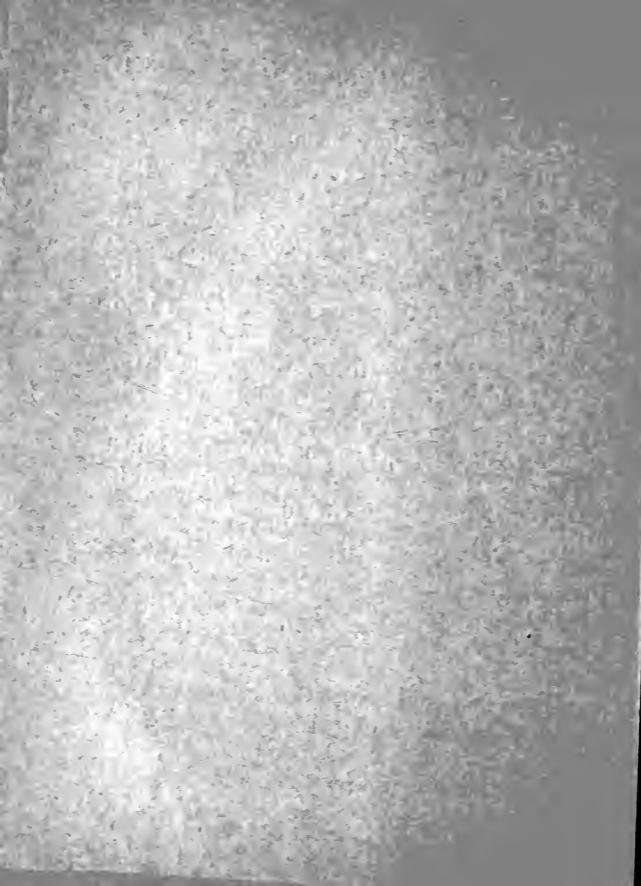
...Bellos dias de inverno! Que sol! Que céu azul! Tiberio, muito bucolico, diz-me hoje que tem vontade de *pastar* nos campos ver-

dejantes, desde a Porcalhota a Queluz. Não commungo na suggestão dos *pastos*, não invejo as cabras, mas invejo os cabreiros — tisonados, curtidos, insensíveis ao frio e ao calor, robustos, indolentes, felizes! E lembro-me de um bom amigo que, ha dez annos, Deus levou, — meu companheiro em digressões pelo campo. Iamos ambos, ao romper da manhã, por essas terras fóra, e levavamos um livro, a novidade da semana, para absintho do almoço, discussão outra vez. De quando em quando irritavamo-nos, e elle, com o seu olhar sereno: — «Parece que estamos na cidade!»

Depois riamos. Hoje *elle já não ri*.

Nem eu.







HONTEM E HOJE

ACONTECE, uma vez por outra, estabelecer-se que os *homens d'agora* ficam a perder de vista, nos dominios da virtude, em relação aos *homens de outras éras*. E alternadamente acontece o contrario: demonstrar-se que em relação aos *velhos*, como virtuosos, ficam os *novos* a caturrar n'uma alcofa.

Sobre a controversia nos démos hontem a uma discussão substanciosa, o commendador Francisco e eu, n'um intervallo dos Donas Marias, nos corredores. Ponderou-me Fran-

cisco — que, na sua mocidade, as Soledades eram, como quem diz, *muito mais respeitadas*: que os editores responsaveis de taes encantos não soffriam, como os de hoje, dôres de cotovello e de cabeça, e que podiam dormir em paz, confiados na lealdade do inimigo.

Tal disse o commendador, e accrescentou: — «E supponho que é assim em todos os ramos da existencia.»

Foi n'este ponto que eu — homem e victima de Letras — fiz observar -ao meu velho amigo:

*

— Não é tanto assim. Onde me vê o commendador, ha um quarto de seculo que eu me desunho na vinha do Senhor, e aqui tenho lidado com o melhor e com o mais pôdre de uma geração em retirada e de outra geração — que vem surgindo. Posso-lhe dizer novidades em materia de dados comparativos; e a proposito vem o meu desabafo á conta de umas lindas amostras de *maroteira moderna*.

— ?!

— Eu lhe explico. E' dos livros: como quem diz — do conhecimento de toda a gente, — que ha vinte annos e tanto existia uma confraria litteraria chamada *Elogio mutuo*, composta de academicos, ou de pretendentes a taes glorias, a qual confraria monopolisava noticias de jornaes, trabalho para theatros, benevolencia dos editores: por consequencia — a attenção do publico. O velho Castilho era o padremestre da *sucia*. Romperam com o prestigio e os respeitos convencionaes e os interesses d'aquella gente o João de Deus, o Anthero e o Theophilo Braga — chronologicamente. Depois, na *Revolução de Setembro*, o Luciano Cordeiro, que é hoje conselheiro e pacato, arranjou um grupo de *resistentes*, que, em prosa e em verso, arrancou varios chinós ás carecas dos «consagrados». Quando eu rompi o fogo, já não foi bem contra as embofias dos que pretendiam substitui-los. Você entende?

— Entendo e interesso-me; mas, se dá licença...

— Diga!

— Já deve ter principiado o terceiro acto.

— Não se incommode! Vá ouvil-o, que eu fico falando sò.

— Você offende-me! Leve o diabo o espectáculo! Vamos nós á cavaqueira para o *Suisso*?

— Pois vamos lá cavaquear para o *Suisso*!

E foi n'esse café, de gratas recordações, — gratas ao *dominó* e ás *damas* — que eu prosegui:

*

— Decorreram annos. Emancipou-se a mocidade. A *velhacaria* entrou no tumulo, ou na indifferença. Era de esperar que uma camada ao facto dos sacrificios em que se firmara a sua emancipação tivesse pelos seus confrades trabalhadores um respeito carinhoso, em harmonia com os dotes de trabalho e de sacrificio d'esses individuos. Não acha? Pois eu lhe conto: Ha tempos escrevi e publiquei um livro; emquanto não foi conhecido o bom exito do meu trabalho, o Zé Mendes — que é um dos mais espertos da purria — dava-me abraços protectores (!) e escrevia locaes encomiasticas, que me guindavam a Homero da

lusa prosa. Apura-se que o livro agrada: cae o homemsito na frieza e supprime os abraços e os seus apertos de mão, que algo teem de gelatina. Não o entendo; publico outro livro: os leitores augmentaram em numero e n'elles augmentou o agrado — eu não tenho culpa! Pois, meu amigo, o homemzito recolhe o aperto de mão, fala-me de passagem, como se ros-nasse; revela-se meu fidagal inimigo e lança-me na alma a saudade pelos *velhos* — os que formavam quadrado contra os suppostos concorrentes e implicitamente contra as manifestações covardes da inveja — estupidas e vergonhosas. Que diz você?

— Acho que tem razão. Lá por casa, fóra da Litteratura, vem a dar-se o mesmo.

— ?!

— Quero eu dizer: Em épocas passadas, antes da Soledade, os meus rivaes faziam obra á valentona — bengalada e tiro. Hoje mettem á frente as alcoviteiras. O que se chama *um rebaixamento moral*: pois não é assim?

— Mal sabe você como tem razão n'essa tolice!

1848

1. The first part of the report is devoted to a general survey of the state of the country, and to a description of the principal features of the landscape. It is found that the country is generally fertile, and that the soil is well adapted to the cultivation of the principal crops. The climate is also found to be well adapted to the raising of stock, and to the production of the principal articles of commerce.

2. The second part of the report is devoted to a description of the principal towns and cities of the country, and to a statement of the principal manufactures and trades of each. It is found that the principal towns and cities are all well situated, and that the principal manufactures and trades are all well carried on. The principal towns and cities are all well situated, and the principal manufactures and trades are all well carried on.

3. The third part of the report is devoted to a description of the principal rivers and streams of the country, and to a statement of the principal fisheries and navigations of each. It is found that the principal rivers and streams are all well situated, and that the principal fisheries and navigations are all well carried on. The principal rivers and streams are all well situated, and the principal fisheries and navigations are all well carried on.

4. The fourth part of the report is devoted to a description of the principal mines and quarries of the country, and to a statement of the principal productions of each. It is found that the principal mines and quarries are all well situated, and that the principal productions are all well carried on. The principal mines and quarries are all well situated, and the principal productions are all well carried on.

5. The fifth part of the report is devoted to a description of the principal ports and harbours of the country, and to a statement of the principal trade of each. It is found that the principal ports and harbours are all well situated, and that the principal trade is all well carried on. The principal ports and harbours are all well situated, and the principal trade is all well carried on.



ESTUDANDO

D'UM professor eminente, que ha annos falleceu e cuja vida foi distribuida pelo estudo e pelos conflictos... é melhor citar-lhe o nome — Augusto Soromenho: d'este professor illustre, vinha eu dizendo, escreveu Camillo Castello Branco, em duas paginas do *Cancioneiro Alegre*, como nunca se escrevera em lingua portugueza, antes de Camillo, e como ninguem mais escreveu depois d'elle. Foi á conta da *ingratidão* de Soromenho, sentimento deploravel, que, mil vezes demonstrado, deu amargos de bocca ao irritavel tra-

balhador, — os quaes amargos lhe abreviaram a existencia. Augusto Soromenho affirmara-se ingrato, revoltando-se contra o que suppunha incorrecções dos amigos a quem mais devia em attenções e beneficios, e protestando, alta e furiosamente, contra taes desvios na vereda da equidade. Ao procedimento d'esse homem não faltou quem chamasse *perversidade*, outros lhe chamaram *loucura*, outros ainda attribuiam-n'o a *pose de integridade*, e alguns lhe applaudiam a *independencia*, — como se fosse louvavel a *independencia de gratidão*. Camillo chamou ao desgraçado pendôr d'aquelle espirito — «uma falsa comprehensão da Honra». Queria dizer o Mestre — que não é verdadeira Honra a que desata, ou destroe violentamente os laços de humanidade. Parece-me bem assim.

*

Ora, é indispensavel radicar no animo este axioma de sã moral, para que o espirito, á millessima volta sobre as grelhas da civilizada velhacaria, não simplifique a observancia de

deveres humanos — dando ao diabo todos os sentimentos de equidade e confundindo tudo, para o seu desdem, para os seus rancores, para as suas reprezalias. E vem isto a proposito dos queixumes que hontem eu ouvi a um meu camarada mais novo que eu — pela certidão de idade, e incomparavelmente mais novo ainda — uma creança — pelo que tem visto. Assim me confidenciou :

— «Imagine você que durante uma longa temporada fiz parte de uma redacção. A prova de que nunca me desviei dos preceitos de boa camaradagem para com os meus collegas estava nas demonstrações diarias de sympathy e de consideração, que me tributavam. Havia mesmo um companheiro que se enternecia quando me falava do meu filho, fazendo votos pela felicidade da creança e pelas minhas prosperidades. Um bello dia, por motivos de ordem economica, tive de abandonar aquelle meio carinhoso. Continuei a encontrar-me com o excellente e sensível camarada, uma vez por outra, e sempre me perguntava pelo menino, fazendo votos pelo futuro risonho da

creança, e tendo lagrimas nos olhos em homenagem aos meus cuidados paternos. Ainda ha tres dias tal succedeu...»

*

— Lagrima no olho em permanencia? (*reflexão minha*). E' que talvez lhe aticasse...

— «Sim, creio que não desadora a geropiga. Mas oiça você o resto. Foi hontem á noite que um ex-collega nosso me informou do seguinte: — Que não se passou um só dia de camaradagem, sem que o sensível cidadão me intrigasse junto á direcção do jornal, arranjando uma verdadeira *scie* contra o meu trabalho — pouco e mal feito, denunciava o meu terno amigo. E quando, depois de eu sair d'aquella folha, recusei entrar para outra, o meu enternecido admirador disse ao novo empresario — que não se importasse: que não perdia nada: que eu trabalharia pouco e mal: que eu era doente e algo mandrião, etc». Como você vê, o meu enternecido amigo só tinha em vista o futuro e as felicidades do men me-

nino, luctando por embargar ao pae o trabalho que era o ganha-pão.»

— E sempre de lagrima no olho, hein?

— «E falas doces, toada maviosa, — chega-se a duvidar, mas o nosso ex-collega que me informou, disse-me: — «Auctorizo-o a dizer-lhe que sou eu quem o desmascara.» Creio que não póde haver duvidas.

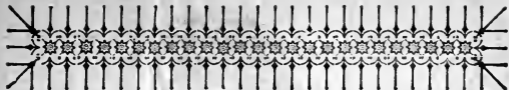
— Não as tenha. Naturalmente, o sujeito é irresponsavel, hein?

— «Completamente!

— Pois não vá isso servir-lhe de panno d'amostra da Humanidade. Você está novo, e corre o perigo de vir a desconfiar de toda a gente, — o que é ainda peor de que confiar em todos. Se o tal patife gosta de geropiga, como não hade elle ser traíçoeiro? Se assim o é, com as aggravantes da covardia, para que pensa você n'elle? Admitta esses enxovêdos á sua cloaca, mas nunca ao seu pensamento! Olhe para o céu, e não para os recantos dos muros, — mas, quando levantar os olhos, acautelle sempre as algibeiras. Percebeu?

...Tinha percebido.





MALVADOS

CHAMA-ME a atenção um *leitor assiduo* — para um caso de infanticidio praticado por uma Maria do Carmo, e pergunta-me se eu já vi atrocidade assim. E' para concluir — que só com o supplicio chinez das bastonadas nas solas dos pés! Ora, eu digo ao *assiduo leitor*, — que já vi coisa peor: a minha gata *Gallinha*, — um bichano amarello, de rabo espetado, que parecia uma cenoura, — o qual bichano comeu dois filhos, ao dal-os á luz, ha já bastantes annos. E eu não fiz mal á *Gallinha*, porque a julguei irresponsavel.

Veja agora o *assiduo leitor* o retrato da Maria do Carmo, estampado no *Seculo*, e pergunte ao anthropologista doutor Francisco Ferraz de Macedo *que acha elle* n'aquelle typo bifronte. Acha-lhe o que eu attribui á gata: irresponsabilidade absoluta. Pergunta-me agora o *leitor assiduo* — se a Sociedade deve conceder á Maria do Carmo a impunidade que eu concedi ao irracional que devorou os filhos; e eu digo-lhe que se deve obstar a que a *mulher* venha a reproduzir monstruosidades de tal sorte, e que, se eu não creei um hospital para gatos alienados criminosos, foi porque não me interessei nas porvindouras façanhas da gata facinorosa.

Até mesmo me consta que se corrigiu, e que nunca mais comeu filhos... seus. Só comia os filhos das gallinhas da vizinhança.

*

Mas o *assiduo leitor* não me dispensa de lhe citar um caso da ultima semana, digno das bastonadas chinezas. Eu lh'o indico. E'

aquelle que um jornal da noite narra nos seguintes termos:

«Na estrada do Poço dos Mouros, 23, residia, desde o principio do anno passado, uma familia composta de casal — e dez filhos menores.

O homem está inutilisado por uma doença nervosa, as creanças nada podem fazer; só a mulher trabalha, lucta, pede esmola, para sustentar a casa. Mas com todos os seus esforços, só consegue prolongar uma existencia de martyrio.

Vivem na maior miseria, sem pão, muitas vezes; sem cama, sem cobertores. Sobre os horrores da fome, o supplicio do frio!

Uma coisa tinha a pobre mulher em grande conta: a renda da baiuca em que viviam.

Haja fome, muito embora, e frio, mas não falte o tecto!

Cortava na minguada ração de cada dia, e, vintem a vintem, ia juntando a renda, que entregava adiantadamente ao senhorio, no fim do mez, sem falta.

Em dezembro ultimo, porém, a colheita foi

insufficiente. Muita fome, e nem um vintem para a renda do mez de janeiro.

Havia doze dias que viviam aquelles infelizes sob a ameaça terrivel de serem postos no meio da rua.

Hontem pela manhã, sahiu a pobre mulher, para ver se alguem se compadecia da sua desgraça. Andou de porta em porta, pediu, supplicou...

No emtanto, o senhorio, um tal Manuel Maduo, aproveitando-se do ensejo, procedeu ao destelhamento da casa, com o intuito de se ver livre dos miseraveis inquilinos.

Chovia. — Tanto melhor!

As creanças e o enfermo pediram-lhe de mãos postas que tivesse compaixão, que esperasse alguns dias mais...

Foi implacavel, desalmado.

A sinistra obra realisou-se. A chuva alagou a tegurio e os seus desprotegidos moradores.

Se alguns visinhos, compadecidos, não recolhessem aquelles desgraçados, estes morreriam de frio.

Imagine-se a dôr e o desespero da mãe,

quando regressou, apoz uma peregrinação infructifera por essa cidade...»

...Outros jornaes narram o *episodio*; mas a esta hora já estará esquecido por quasi todas as pessoas de estomago aconchegado. Não se perde em repetir a historia.

*

Lembrei-me, a noite passada, ao lèr essa narrativa, d'aquella scena da *Dôr Suprema*, quando a Julia diz ao senhorio:

— «O sr. tem filhos?»

E elle:

— Tenho sim, menina.

— «E gosta d'elles?»

— Se não heide gostar! Sou o pae.

— «Andam bem vestidos, bem camidos?...

— Quanto eu posso.

— «Que Deus lh'os ponha nús e esfaimados, rotos, miseraveis, a comer o esterco das ruas — como os cães pelo barril do lixo!...

...Ignoro se a lei das bastonadas á chine-

za, virá a implantar-se n'este paiz, para satisfação do *leitor assiduo* — e minha. Mas, se tal senhorio, o da estrada do Poço dos Mouros, tem filhos... declaro-lhe que já tenho dó d'elles!

Hão de pagar as dividas do pae. Olhe que eu tenho visto mundo!...





OS PEQUENITOS

TENHO contra a França varias razões de queixa — o que decerto a incommodará menos do que a rivalidade alleman. Careço de justificar os meus resentimentos, pois que Tiberio, de mãos na caréca, me diz, com voz cava e afflicta: — «O paiz da Revolução! A patria do seu Robespierre!» etc. Não se trata agora dos motivos por que eu a adoro, mas das cauzas por que a ólho de revez — quando não ha adoração.

Em primeiro logar, a Republica Franceza,

a dos Grandes, a da Convenção, burlou o Proletariado, — o Primeiro Imperio invadiunos, com morticínio e roubalheira, — a Monarchia de Julho, a de Luiz Filippe, affrontou-nos e roubou-nos em pleno Tejo, — a segunda Republica, a de 48, espatifou a Revolução em Roma, e, outra vez, burlou os Proletarios; — o Segundo Imperio, o do Napoleão de galão branco, cuspiu-nos a porcaria da *Charles et George*, — a terceira Republica, a actual, principiou pelas execuções summarias dos Proletarios e promette comêr, mais uma vez, o Proletariado. Afóra tudo isto, faz pouco de nós o Gaudissart, que ahi vem a Lisboa, vender-nos mixordias de Cognac e de Bordéus, e que passa as horas do almoço e as do jantar a dizer mal da gente, á meza do seu hotel — com duas *cocottes* de exportação que alli se fazem finas com os nossos amadores pacovios.

*

Mas, compensando, — como canta o dos *Sinos*, — ahi temos nós, eu e os outros amigos

da Pequenada, noticias da capital franceza, que me deram hoje alegria pelos Pequenos de lá e amargura pelos da nossa terra. São as noticias relativas ao que vae em barafunda no concelho municipal de Paris, etc. — não se incomodem os de cá, que não se tracta de vivas! Nas sessões do alludido conselho estão sendo apresentados relatorios — diz o informador — sobre a assistencia ás mães pobres e a assistencia ás crianças abandonadas; no parlamento forjam-se novas leis de repressão contra os paes desnaturados; abrem-se congressos protectores da infancia, o movimento em favor dos pobres *bébés* é enorme e encontra a maior *sympathia* do publico.

«O que, principalmente, se pretende — acrescenta o informador — é chegar a impedir, por medidas seguras, o abandono ou a morte das creanças recém-nascidas, salvaguardando-as, mesmo antes do nascimento, com os socorros dados ás mulheres gravidas. Depois ha as *crèches*, as escolas maternas, as cantinas, as *garderies* escolares, os *comités* de patronagem, etc., etc.»

Cá, não temos nada d'isso. Teria graça que em sessão do Pelourinho (*pardon!*) alguém pedisse a palavra, a orientar o nosso conselho municipal na vereda representada por estes algarismos:

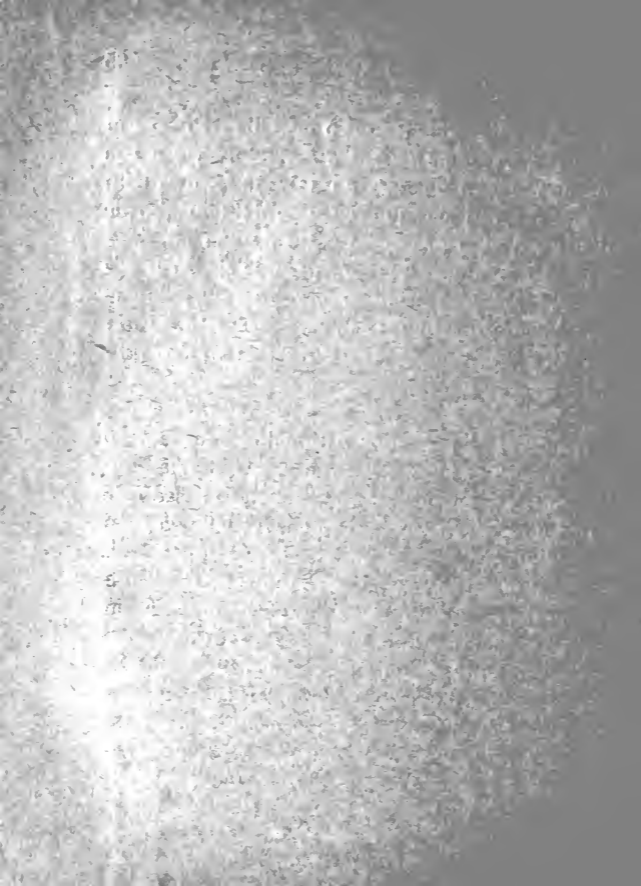
— O anno passado, o conselho municipal de Paris gastou uns 300 contos de réis com as mães pobres, as amas de leite, os orphãos e os enxovaes das creanças. Recolheram-se 4.515 creanças abandonadas e foram prestados socorros a 10.293 creanças indigentes... E aqui estou eu a esquecer-me dos erros e dos crimes politicos da França, e aqui me tem ella em adoração!...

*

Deixem-me dizer-lhes uma cousa. O sr. doutor Rodrigo Vellozo, redactor da *Aurora do Cavado*, de Barcellos, — um amigo desvellado dos trabalhadores do espirito — diz n'um dos ultimos numeros da sua folha, a proposito do meu ultimo livro publicado (*De Palanque*) as seguintes couzas, que eu me permitto transcrever, para assanhar os obnoxios inimigos da minha decrepitude:

«Indisputavelmente, é o sr. Silva Pinto um dos nossos mais pujantes escriptores, e a sua obra vae-se impondo de tal modo, que bem poucos serão os que se não deixem vencer d'ella e de lhe prestar o culto de sua admiração, e será uma, das poucas, que ficará e sobrenadará, n'esse *mare magnum* de publicações; como documento incontrastavel da valia do escriptor e da chateza dos tempos em que viveu.»

... Tal diz o meu estimado collega, e eu aproveito o ensejo para lhe dizer que não conto muito, nem pouco, com a generalisação de tal culto, nem com a sobrevivencia do meu trabalho ao trabalhador. Mas não me despeço de uma *ambição pessoal* — a unica a acompanhar-me ao fim: é a de que o meu trabalho seja de alguma utilidade aos Rôtos... e aos Pequenitos — na sua maioria filhos d'elles. Essas duas condensações de Miseria, avergadas á Iniquidade Social, formam a ultima realidade para quem viu desfazerem-se tantos sonhos...





A SERIO

FAZ-SE mister muita serenidade e, a espaços, algodão nos ouvidos — para que uma pessoa se não deixe desnortear: por tal modo se affirma em confusão o sentimento nacional, n'este periodo da nossa Historia furta-côres. Antes de mais, e afastando o lixo, temos alli aquelle enxovedo, que, nas boticas, diz mal de mim aos frequentadores d'ellas, e que na rua me corteja ceremoniosamente. Que dizer-lhe? Que fazer-lhe? E ahi tem *um leitor assiduo* porque eu deixo passar aggressões impressas, sem manifestações minhas de gran-

des resentimentos: é porque o *patife*, para mim, não é o adversario que publicamente affirma o seu azedume, mas sim o inimigo desprezível que joga coices de mula manhosa contra a minha sombra — e que me dirige, em face, os seus sorrisos e a demonstração dos seus respeitos.

Arrumada a porcaria, — outros assumptos.

*

... Alli tivemos nós, a semana passada, na camara dos pares, um discurso de opposição, do sr. D. Luiz da Camara Leme, cavalheiro respeitavel e estimavel, que ha muitos annos me trata affectuosamente. Se eu houvesse de dizer-lhe asperezas, tendo de referir-me ao seu discurso, eu deixaria em paz as referencias. Porque não sou *um politico*, nunca saberei conjugar as investidas violentas com as relações pessoaes de mutua estima. Chamar *infame*, por deveres de Politica, a um homem de quem se é amigo e que se considera — é das taes que eu ficarei sem perceber.

Mas o discurso do sr. D. Luiz da Camara Leme não auctoriza aggressões, nem aos seus proprios inimigos, dado que os tenha aquelle cavalheiro primoroso. Anotações de um simples observador, — como eu, — isso sim. Ha mesmo n'ellas demonstrações de apreço, pois que não vão os tempos de feição a prodigialisal-as a subalternos.

No discurso do orador historiou-se muito do que é dominio de toda a gente. Mais uma vez, reajo contra o prurito de chamar «novidade,» ao que uns cem jornaes, diariamente, todo o anno, contam ás multidões. Mas, emfim, o orador da opposição não tem de apresentar «novidades», nem é responsavel pela *descoberta* de tal predicado, nas coisas dos seus discursos. A questão é outra: é que o velho regenerador e fanatico do Saldanha não quer vêr que a Regeneração de hoje, como ahi está, é filha da Regeneração de hontem — o que não quer dizer que o sr. Hintze seja um filho do Fontes: creio que me entendem. O sr. D. Luiz da Camara só póde dizer, com auctoridade indiscutivel: — «Nós todos os Ve-

lhós somos culpados de havermos dado a este Povo a Carta Constitucional. (*E desculpando-se:*) Mas não previramos as consequencias: a inevitavel deturpação da alforria! (*Contricto:*) As desgraças de hoje são a expiação dos nossos erros, — pelo remorso, — e da condescendencia, da credulidade do Povo — porque se vê a pão e laranja!»

*

Não diz isto o velho general, e em logar do que não diz, pede senhoras para governar-nos — porque ellas teem pudor. Sem esforço de malicia, direi ao amavel ancião que muito governados temos sido por ellas, em quasi todos os periodos da nossa Historia; — e em muitos d'elles sem intervenção do Pudor. Dispensa-me o illustrado orador de eu lhe citar paginas da Historia supra; e eu não me dispenso de lhe annotar ainda outro desvio da sua critica. E' do anno passado.

Quero eu referir-me a uma publicação, em que s. ex.^a appellava, em ultima instancia,

para a Senhora da Conceição — afirm de que ella nos salvasse. Baixaram, porventura, os autos? Ou renunciou s. ex.ª; temendo o resultado da appellação? Não me permitto brincar nem de leve, quando, para o fazer, tenho de arripiar o sentimento religioso; mas, justamente a sério, pondero ao illustrado homem publico — que da appellação para a Padroeira, à hypothese do governo feminino, ha um pendôr trocista, que pôde agradar a Politicos, mas que é subsidio para a Desorientação. Estamos em um periodo severo, — para muitos, temivel — da nossa vida historica e a critica facciosa por parte dos responsaveis politicos é simplesmente desgraçada. Digo os responsaveis politicos, pois que um velho regenerador, ex-ministro da corôa, com tinturas de fanatismo saldanhista, não pôde ser alheio a responsabilidades. O sr. D. Luiz da Camara sabe, como todos, que as não tem nos crimes; mas o seu nome subscreve os erros iniciaes; está inscripto no Monumento Constitucional.

*

Taes discursos, resumindo, não valem como Opposição e valem muito, infelizmente, para a Dissolução. Olhe s. ex.º e olhem os outros — que o Povo tem os olhos abertos e vê muito, apesar de estar deitado e n'uma immobildade de dorminhoco. Não lhe falo dos palradores, mais ou menos diffamadores, que papagueiam o que mal soletram nas gazetas e que se dão ares de patriotas revolucionarios, quer nas hortas, a contas com o peixe frito, quer nos conciliabulos da botica: não lhe falo de especuladores estupidos com pretensões a maus: falo-lhe de um Povo que s. ex.º não conhece e que eu conheço de perto: o de uns Rôtos de olhar fixo e de pensamento áperta, de quem eu sou amigo e de quem nada tenho a esperar — a não ser, no fim da travessia, o aperto da sua mão...





EM MOÇAMBIQUE

PARECE decretada a impossibilidade de discutir a administração de Moçambique pelo major Mousinho d'Albuquerque, sem prévias genuflexões perante a valentia, a honestidade e o patriotismo d'aquelle official. Ora, a administração é deploravel e está debaixo da alçada do jornalismo — para a critica, e da do governo — para a repressão. Quanto ás genuflexões, seria tempo de pôr-lhes termo, pois que esses joelhos são os que tocaram o chão quando o major Quilinan desafiou em Inglaterra um velho *quaker* grosseirão. Todos nós

temos presentes os telegrammas de cem mil patriotas alli ao *Seculo*, nos quaes o «heroico major» era saudado como a maior gloria do Portugal moderno. E estamparam-n'o em lenços d'assoar e pintaram-n'o em loiças baratas e... já ninguem se lembra d'elle.

As adorações excessivas e malbaratadas a frio, a proposito de banalidades, devem ser desagradaveis a quem pratica um acto digno de real apreço,—qual o de Mousinho e dos seus trinta e tantos camaradas, ao pôrem termo á guerra—mediante o aprizionamento do rei preto. Isto pelo que tóca ao sentimento d'esses zelosos servidores da patria, decerto tão aggravado pelas pataratices quão sensível ao sincero reconhecimento do paiz. Mas ha superior iniquidade ao fundo da questão.

*

É aquillo dos permanentes e repizados qualificativos, excepcionalmente outhorgados ao major Mousinho d'Albuquerque, *a proposito dos seus erros de administração*. Bravura, ho-

nestidade e patriotismo são qualidades que devemos suppôr existentes em todos os camaradas do alludido militar. Um jornalista, que deve ser incapaz de calumnias, de *escroqueries* e de covardias, está dispensado de affirmações de extraordinario talento; mas o soldado dispensado do talento, ainda mesmo do mais ordinario, não podemos imaginal-o sem os attributos do valor, da honestidade e do patriotismo. N'estas condições, Mousinho d'Albuquerque é um modelo — pois que deu excellentes provas — e cada um dos seus camaradas de Chaimite é outro modelo; e presume-se que todos os militares portuguezes dariam semelhantes provas, se fossem chamados a produzil-as.

*

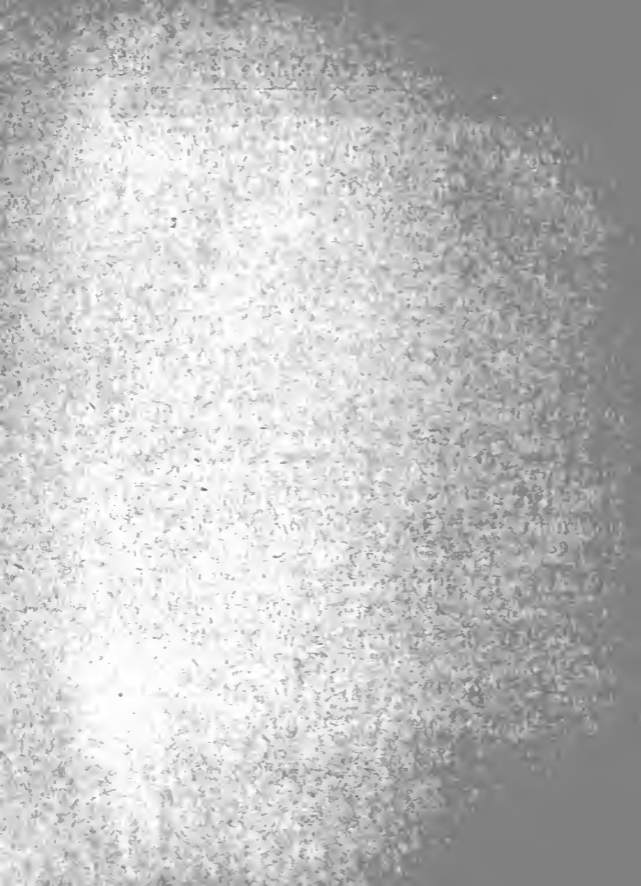
Militar brilhantemente provado, o capitão Mousinho foi feito major por distincção. Justo! Inventaram-n'o commissario régio: e ahi estão os alicerces do que se está vendo. A classe militar e muita gente que não veste far-

da divertiram-se à custa da nomeação de Antonio Ennes para dirigir, como generalissimo, as operações contra o Gungunhana. Eu tambem me ri. Mas se a falta de um Annibal, além do resto, não permittiu que o sr. Ennes desempenhasse o papel de Scipião o Africano, o caso é que esse jornalista, muito estudioso e sabedor em administração, *decretou* coisas que o commercio e a industria na Africa Oriental indicam hoje ao governo da metropole, como devendo ser restabelecidas, em substituição aos *decretos* de Mousinho. E' certo que na epopêa napoleonica vemos o grande Corso, nos intervallos das suas victorias, fundar o Codigo Napoleão e discutir com Laplace na Academia, mas as faculdades extraordinarias do Grande Capitão do seculo, permittindo-lhe ser a um tempo o maximo general dos tempos modernos, um grande legislador e um espirito eminentemente scientifico, não se apresentam assim reunidas para o simples *caso historico* de uma lucta de Portugal com os Vatuas e da reforma simultanea da administração de Moçambique. O sr. Ennes a *guerrear* dava-nos

vontade de rir; o sr. Mousinho d'Albuquerque a *administrar* dá vontade de chorar ás victimas da sua administração.

*

Ignoro se o actual governo quer vêr a situação, com mais attentas e sérias vistas do que as do seu antecessor. Não é esse o meu caso de hoje. Apenas reajo contra a obstinação, humilhante e iniqua, dos que censuram os decretos absurdos e arbitrarios de Mousinho, em desenrolar a lista das qualidades heroicas e outras do prestigioso official, como que para se desculparem da *ousadia* de timidas censuras. Não prevejo os acontecimentos em Africa: estou muito longe dos individuos e desconheço-os completamente; mas entendo que a hora de reclamar energicamente, sem fêchismos, contra o estado de coisas em Moçambique já bateu ha muito. Das responsabilidades terá a critica o seu quinhão!





OS TAES

DIZIA-ME ha annos, no Porto, um poeta sentimental, dos que gémem as desditas das *impuras*:— •Olhe você que ellas teem coração, e provam-n'ó. O essencial é tocar-lhes em certa corda.

— Tocar-lhes onde?

— Eu lhe explico. Uma noite d'estas, n'um grupo d'aquellas infelizes, quiz eu experimentar...

— A tal corda?

— Justo.

— E tocou-lhe?

— Toquei. Falei-lhes das mães, ás rapari-

gas, e tudo desatou a chorar. Só queria que você visse.

— Faço uma ideia. Pensei que o meu amigo lhes falara do *puro amor* e que extrahira verdade do celebre verso de Hugo :

Et l'amour m'a refait une virginitè.

— Isso não experimentei.

— Nem experimente, que é pèta! A tal nota, que o amigo descobriu, de sensibilidade, é o resto da *infantilidade*; isso hade chorar quando a crapula já houver corroido o coração da Mulher. Quanto ao Amor, que não é da creança, mas da propria Mulher, uma vez emporcalhado, é como a nodoa da tinta preta, a que se applique sal d'azedas: pôde mudar de côr, mas fica sempre nódoa. E não é á superficie, apenas: vem da raiz das podridões.

— Então não ha Magdalenas?

— Desde que não ha Christos.

*

Ora, lembrei-me da nota descoberta pelo poeta, a proposito do seguinte caso que, ha

dias, presenciei — sem procurar nota alguma. Um rapaz recluso na Correccão, como *ineorrigivel*, manifestou-me, por vezes, tal amargura na physionomia, que eu pensei em saber as causas d'ella. Fôra alli collocado pelo pae, que é um excellente homem, trabalhador e véxadissimo por *escorregadellas* do filho. Interroguei o rapaz, que me affirmou o seu arrependimento, — affirmação a que eu dei o devido apreço; sem embargo, porém, do meu scepticismo, disse ao rapaz que solicitasse do pae uma visita, afim de verbalmente se entenderem. Escreveu o filho, appareceu-lhe o pae, conferenciaram e... chegamos ao ponto.

Dissera-me o rapaz, explicando-me a sua amargura, que desejaria sair e aprender um officio, mas que lhe pezava, mais que todos os dissabores, o vêr-se *desprezado* ou *esquecido* pelo pae. — «Ha tantos mezes aqui mettido, é como se eu não existisse! Nem uma noticia de nossa casa!» Foi justamente n'esse abandono que eu pretendi introduzir a acalmação — por amor do pae e do filho.

... Pois, meus senhores e amigos, terminada

a entrevista do rapaz e do progenitor, vou eu dar com aquelle a soluçar. Suppuz que a entrevista houvesse cavado mais fundo resentimento, e perguntei ao desolado moço — se não obtivera concessões: se lhe não era permittido entrar na vida do trabalho, patrocinado pelo auctor dos seus dias, etc. Respondeu-me, sempre soluçando, que o pae estava por tudo: — que reclamaria a sua soltura e que lhe faria aprender o officio, e que chorara ao avistal-o.

— E que mais queria você?

— E' que não me importa para nada as *minhas coisas!*

— Conte-me isso; o que é então que lhe importa?!

— Meu pae disse-me que correm mal os seus negocios, e disse-m'o a chorar. E eu, nem aqui nem lá fóra, lhe posso servir de couza alguma. Se os negocios lhe corressem bem, eu não teria duvida em pedir-lhe protecção. Assim, se eu fôr para caza, ainda atrapalho mais a sua vida.

— Foi elle quem lh'o disse?

— Não, senhor; mas é o que eu vejo que acontece. Elle, coitado, está por tudo.

*

Fiz vêr a este *incorrigivel* entre os infimos desgraçaditos embryonarios — que estava errado o seu modo de ver as couzas; que justamente porque seu pae não era feliz, a companhia do filho — que assim se mostrava deveras arrependido — allivial-o-hia de parte dos seus desgostos: que não seria impossivel principiar já n'um officio, a ganhar alguma coisita como aprendiz: que, com boa vontade e alguma protecção, poderia cedo ganhar com que auxiliasse o activo do orçamento domestico: que pensasse na amargura do pae, a debater-se nas difficuldades crueis da existencia, e com o filho n'uma caza de desgraçados: que a vida não era precisamente uma passeiata pelo campo em dia de verão, mas uma travessia de mar tempestuoso e cheio de monstros da pelle ou das escamas de todos os diabos: que se fizesse homem, não resigna-

do em frente da Desgraça, mas dando-lhe empurrões e pontapés. Expliquei-lhe como o Infortunio é uma especie de vestuario elastico — que mais aperta o homem quanto mais elle se encolhe, e mais se alarga consoante a resistencia expansiva. Ponderei-lhe que affastados — elle e o pae — seriam dois desamparados a soffrer, e que, se a união faz a força, é especialmente no soffrimento. Emfim, ao termo do meia hora, o rapaz já nao chorava, e escutava com avidez, aclarando-se-lhe a physionomia. Pediu-me para reflectir, e...

O resto dos acontecimentos é de *segredo profissional*, e é tambem dos dominios da *vida alheia* vedados a narrativas publicas. O que eu pretendi foi apenas demonstrar que ha realmente notas admiraveis de abnegação e dedicacão entre os chamados *incorrigiveis*, — e não são as notas da sensibilidade das impuras que se lembram da meninice; são faiscas de um fogo reprezado e generoso abafado pelo Egoismo Social!



GUERRA!

A esta hora, quando eu na aldeia de D. Maria, — aonde vim descansar do tracto com uns menores desgraçados, no convívio de outros que *tambem* me julgam seu amigo, — a esta hora, digo, quando eu me congratulo por haver pedido ao ministro João Franco o pão do espirito para todos estes pequenitos, e, a perder de vista pelos campos e aldeias, tudo é paz e apparente felicidade, — lá em baixo os nossos irmãos em Christo, subditos do rei Jorge da Grecia, e os nossos primos, vas-

sallos do Sultão Abdul Hamid, formam o pulo, como fêras, para o fim de se espatifarem — os *irmãos* em homenagem ao Hellenismo e os *primos* porque embirram com os *irmãos*. Turcos e Gregos, — e grego se vê um homem, dado que tome a sério esta Humanidade cada vez mais doida, sem offensa às grandes velhacarias !

Alli temos nós na Turquia e na Grecia duas expressões de decadencia moral e de tradições magnificas de Grandes Civilisações. Deram o que tinham a dar, em affirmações de superioridade nos dominios da Intelligencia, ou nos da Acção conquistadora, e para alli *vivem* n'um estado comatoso, de que saem apenas quando a intriga das Potencias as excita para provocações e carnificinas.

Não menos grego se vê um irmão, ou um primo d'aquella gente, quando lê nos jornaes de Paris — que a mocidade das escolas, fortemente de enthusiasmo hellenico, busca forçar a opinião e a acção official da França, em defesa da patria de Lionidas, contra os Turcos. Ora, a mocidade estudiosa e, em geral, a Eu-

ropa culta não devem ter esquecido que outra nação — hoje retalhada e distribuída — prestou á Civilisação christan o bom serviço de a salvar contra os Turcos, debaixo dos muros de Vienna. Como pagaram as Potencias á Polonia de João Sobieski esse razoavel serviço? Espatifando-a tres nações egoistas e dividindo entre si os despojos. Que faz pelos heroicos Polacos o coração francez? Nada; transporta á Grecia as suas sympathias e os seus enthusiasmos. Hoje, não ha Francez que brade ás bochechas do Czar: *Vive la Pologne!* E, porventura, o enthusiasmo pela Grecia vae na corrente das bajulações ao Russo. A mocidade actual deve livrar-se do romantismo: deve ser previdente.

*

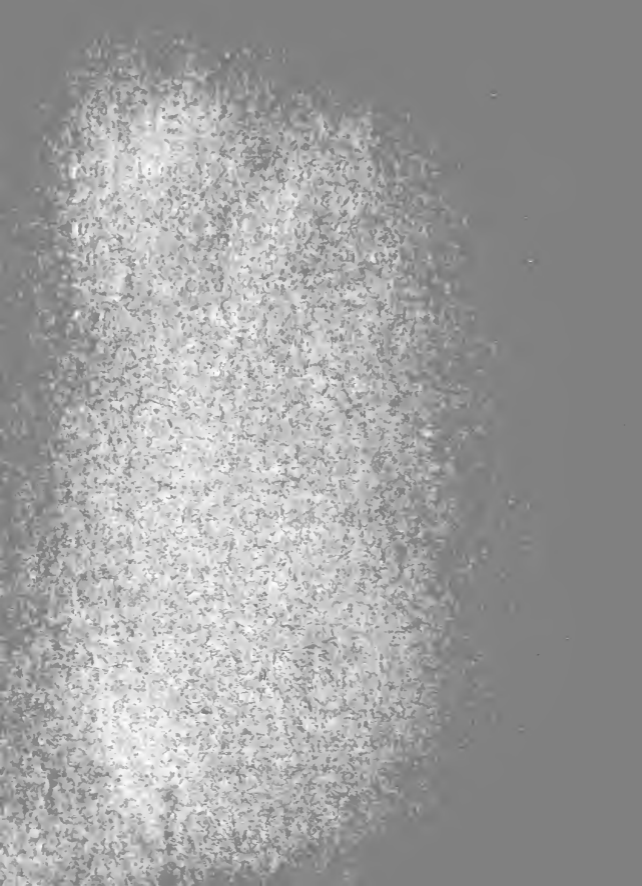
Supponho que as causticações da vida portugueza não permittirão que entre nós venha a nascer a fina flôr do sentimento grego. Mas o commendador Francisco foi ha dias surpreendido pela D. Gertrudes, sua horrorosa esposa, a passear um dedo alv, e pegajoso pelo

mappa da Europa, encaminhando-o (o dedo) para os Dardanellos. Lembrava a odysseia vertiginosa do Sacarrão no encalço dos dois maraus. A meu ver, Francisco traz d'olho a Grecia e temol-o, quicá, em vesperas de lamechismo pelos manes de Alexandre Magno. E', pois, ao commendador que eu recomendo placidez e olho critico. Veja bem que aquelles Armenios e todas as christandades no imperio turco, incluindo os filhos de Creta, são *embrulhados* ha um horror de tempos, por mãos mysteriosas, ora inglezas, logo russas, ora todas juntas, para o fim de provocarem o furor dos Túrcos e apressarem a obra de partilha do imperio ottomano. Resultados teem sido: christãos massacrados e, na ultima hora, as Potencias pávidas, rosnando umas contra outras. Agora excitaram a Grecia, e, ao verem-n'a tomar a serio o papel que lhe distribuiram, não se atrevem a auxiliar-a, nem se atrevem a contel-a. Que diabo vae sair d'alli?!

*

...Céus! Que maravilha de tempo! Que azul, que sol de oiro e que vegetação esmeraldina! Como Deus é grande! — pois que eu não creio que tudo isto seja obra do sr. Hinzte, ou de qualquer outro *dominador*... A escola primaria de D. Maria — sim: essa devemol-a ao sr. João Franco.







RATICES

Foi na botica do Ladislau, nos saloios, que eu, ha dias, tive a nitida percepção de uma tolice quiçá nacional, porventura de toda a raça latina, talvez de todas as raças que se refocilam em leitura de gazetas. Deuse o caso de os *penetras* da terra, divididos em dois grupos de políticos, cada um d'estes agarrado á folha jornalística de seu partido, colhêrem n'ellas argumentos de truz contra a folha adversa: melhor explicando: os regeneradores exaltavam as biscatas e as accusações do seu jornal aos governantes progressistas,

hoje no poder, e os d'este ultimo partido ber-ravam enthusiasmados as recriminações e as biscas do seu orgão ás passadas administra-ções regeneradoras.

Pondera-me o philosopho Tiberio, que está presente e que vae seguindo com vistas tole-radas o que eu vou escrevendo: — «Não ha coisa mais natural do que a leitura dos orgãos jornalisticos politicos, pelos respectivos parti-darios, e a esquentação dos leitores assa-nhados pela argumentação. Onde demonio viu você a tolice?!»



Vae o philosopho ser esclarecido. Na quali-dade de professor de Armenio e de cornetim, Tiberio tem pago contribuições de arrazar um cidadão — as de industria e as *indirectas* pela elevação dos preços dos comestiveis e pela di-minuição do numero de discipulos, avergados ao peso das crises. Ora, as desgraças da pa-tria, em que o philosopho tem o seu quinhão, procedem das maniversias dos partidos que, alternadamente, teem governado esta mãe-pa-

tria. Não ha partido innocente, nem ha *salvador* extraordinario que não tenha culpas no cartorio. Quando o orgão progressista diz aos regeneradores: — «Vós devorastes vinte mil contos em determinado periodo», o orgão regenerador não se defende — negando. Responde invariavelmente: — «E vós em tal periodo engulistes vinte mil e quinhentos contos.» Correcta resposta, de se lhe tirar o chapéu! O accusado de esbanjamentos, etc., não nega: limita-se á confrontação dos seus peccados com os peccados do accusador. Em frente do publico, não diz: — «Este sujeito calumnia-me!» Diz simplesmente. — «Tambem elle esbanjou, ou prevaricou!» E prova-o tão claramente como o outro provára a accusação.

*

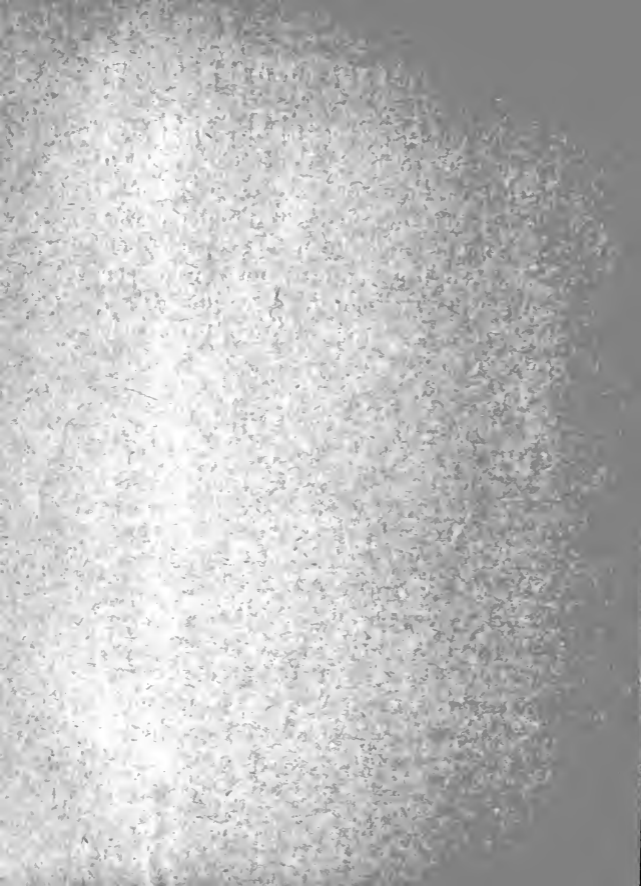
N'estas circumstancias, os leitores das duas folhas, dividindo-se em grupos, para applaudir as diversas revelações, esquecem-se absolutamente de que são elles *quem paga tudo*— ora os esbanjamentos do Regenerador, ora os

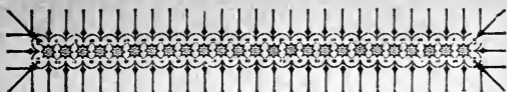
do Progressista. Imagine-se que um proprietario tem dois feitores que alternadamente lhe administram as propriedades. Um d'elles accusa o outro, perante o patrão, de se haver cortado, durante tal época do seu serviço, em determinadas sommas. O patrão ouve, volta-se para o feitor accusado — que está presente — e espera defeza. Vae d'ahi o accusado, longe de negar, limita-se a dizer: — «E aquelle, que me accusa, corta-se com superior quantia, quando lhe chega a vez.» E o patrão ri-se e applaude, esquecendo-se de que a victima foi elle. Se lhe chamassem immoralissimo san-deu, sem um vislumbre de senso-moral ou de vergonha, não lhe faziam sombra de uma afronta. Que me diz o philosopho á conclusão?

Estas e outras annotações a semelhantes ractices parecem estar no animo de toda a gente, pois que não me falta quem diga: — «E' tão exacto e tão simples!» Outros embirram com ellas, e esses reconheço-os eu, pelo sorriso fulo que me atiram de revez, á falta de energia para dar coices, — quando me encontram por essas ruas. Se uns certos alvares,

com carão de massa de pevide, soubessem quanto eu conheço de seus cadastros — ou do de quem lhes tóca por perto — seriam mais cautellosos, todavia, nos seus commentarios biliosos ao que não entendem, escripto ou praticado. Isto é o esboço de uns carolos por cima d'aquellas cabeçorras de estupidos devassos — que a esta hora inclinam as orelhas ao instincto do perigo...







MEDITAÇÕES

TENHO ideia de um discurso do Castellar, proferido ha bons vinte annos, e tão habilidosamente construido que dirieis um castello de cartas, feito com tres baralhos. O malabar da eloquencia, que «no poente da vida e na aurora da tolice» — é do Camillo, — pede ao Padre Santo a pacificação da Terra, desdobrava-nos o quadro magnifico da era christã, — dezenove seculos de coisas magicas — e todas de conquista nos dominios do Perfeito, — passando, como gato por brazas, por

cima da incubação da Idade-média e do *fiasco* terrível da Renascença, — fiasco previsto dolorosamente pelos pensadores do movimento, como toda a gente sabe e se está lembrando. Dava-nos o Demosthenes do Passeio do Prado assim um alteroso edificio (de papelão: não esqueça!) de vinte seculos — dezenove já feitos, tendo atraz do si a Revolução Franceza, com a conquista da Li-ber-da-de e os esboços das «duas manas» que nós sabemos e as descobertas scientificas do prezente seculo. O proximo, o que ahi vem, seria a cupula, sem esquecer pára-raios, terraços para balões captivos e jardins suspensos, com seus lagos e respectivos peixes de *tres côres*, — sempre a victoria do Symbolo! — e a Humanidade feliz e perfeita, com a benção papal, já se deixa vêr, sobre os principes que se cazam e, generosamente irmã, sobre as bestas-féras de face humana, que, no fundo das minas, se espatifam para os gózos da Bemaventurança...

Bom Castellar! Cornêta-mór do Ideal-Perfeito!

*

Simplemente, esse orador, esse politico, esse professor de Historia, ainda não via — ha vinte annos, quando só não viam os cegos! — e hoje vê, melhor do que eu, mas appellando para o Leão XIII, — ainda não via, o excellente homem, que a Revolução Franceza cicatrizara em falso a espantosa chaga social, — a que, em 48 e em 70, veiu a esguichar pús e sangue á cara dos clinicos mésinheiros e que, *cicatrizada* de novo, como nós sabemos, alastra-se no corpo social, dentro e fóra da França — já se deixa vêr. E é para curar essa chaga, que se alastra e fermenta, que o bom republicano, ou coisa assim, pede agua benta ao Padre Santo; e o Leão XIII, que eu me obstino em considerar de *olho fino*, faz o que póde — em agua benta, em encyclicas e em benções papaes. E os espiritos curiosos perguntam aos fieis — que haverá de commum entre a «tal molestia» e similhante therapeutica. Está respondido, — como ides vêr.

*

Um grande homem do jornalismo contemporaneo, o polemista invencivel, que foi a alma do puro Ultramontanismo e que via longe e firme, como nenhum de nós, forneceu-me, a noite passada, umas suas paginas de leitura, que por acaso me haviam escapado — a mim seu leitor de cada dia. Esse Louis Veillot, contundente e fulminante, terrivelmente seductor, quando mais o entendemos, refere-se ao movimento de perseguição *liberal* contra as ordens religiosas, contra as associações de beneficencia catholica, contra as irmãs da caridade e contra os padrés. Serenamente, contrariando os maximos estupidos, que lhe chamam *terrinoso*, sem o terem lido, o redactor do *Univers* confronta a resistencia opposta áquellas collectividades e áquelles individuos com a tolerancia concedida na sociedade liberal a todos os focos de libertinagem e de dissolução e a todos os emprehendimentos de ganancia illicita que vinguem subtrahir-se á acção do Codigo, e, confrontando, não se de-

riva, qual politico de entremez, a discussões de superioridade de partidos, ou de superioridade de principios. Vae o seu dedo em braza direito ao terrivel *caso*. Aos *liberaes* subalternos, peixe miudo ao lambisco de Voltaire e da Revolução malograda — brada o ultramontano: que a *revelação* da vida futura, com seus gozos compensadores da miseria, aos desventurados d'este mundo, tem por fim impedir que esses desventurados perturbem as delicias terrestres dos opulentos da Sorte, e que a perseguição dos *liberaes* aos *reveladores* da Bemaventurança, aos que desligam das coisas da Terra os espiritos dos desherdados, é obra de puros imbecis! Elle o disse, e, trinta annos volvidos, a Igreja de Leão XIII o está pensando. E aos *pataratas egoistas* poderá hoje Castellar esclarecel-os sobre os resultados do accordo. Diga-lhes o republicano ou coisa assim — que especie de cúpula nos traz o seculo xx para o edificio da civilização em tres baralhos!

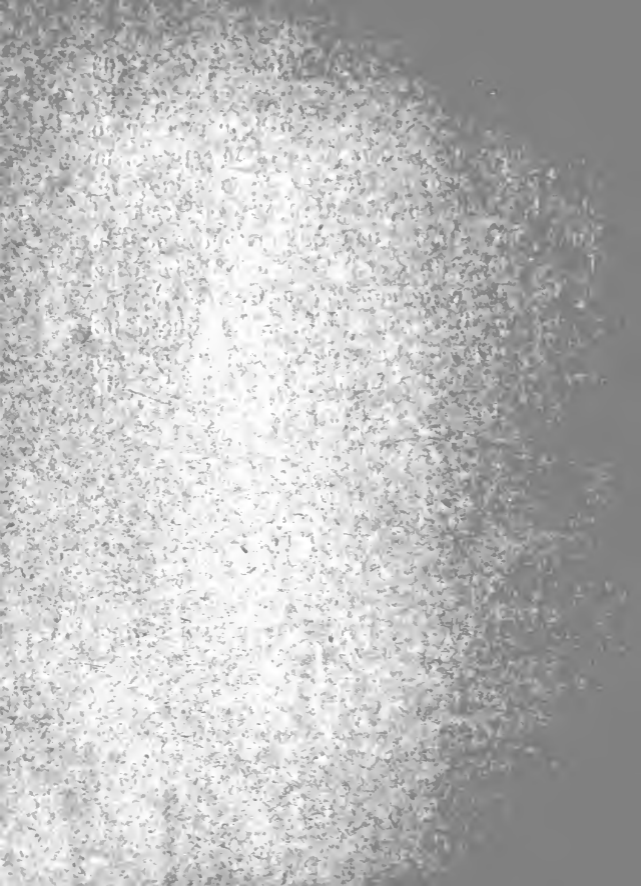
*

Mas, não se tracta do seculo que ahi vem ; apenas do anno que chega. O nosso paiz, que vive *au jour le jour*, não tem vistas para evolução de seculos: dá-lhe panno para mangas um anno novo, — pobre *mouche de la cloche* na transformação de um mundo ! O que nos importa saber é se *isto* dura, se *isto* continúa, se *isto* melhora. E entram em scena os proverbios portuguezes: — «Não ha mal que sempre dure.» — «De hora a hora Deus melhora.» Não está direito, dôces fatalistas ! A morte interrompe a duração dos males e Deus peiora uma vez por outra : lançae lá em conta dos proverbios e não nos fieis na Virgem, meus amores papudos !

Agitar o sudario das nossas miserias é inutil: todos as sentem: todos estão convencidos. De utilidade seria que os brios não fossem insolencia, nem as energias petulancia, nem a revolta chinfrinada, nem a meditação atordoamento, nem o modo de vida o expediente. Mas, vão lá reformar o modo de não-pensar,

o modo de não-crer, o modo de não-ousar de uma raça abastardada e perdida, que nem para o Egoismo apresenta exemplares de grandeza! Metade do paiz atordôa-se em festas — conforme as posses de cada um; outra metade ignora tudo, e só sente a miseria que a faz fugir, a tocar *harmonium* no convez dos paquetes do Brazil, e a outra — pois que é no paiz das *tres metades* — encolhe-se nos antros, para agonisar e para morrer, e mal dá noticias de si...







OS DA MISERIA

N'UMA publicação litteraria e artistica de Lisboa, convida-me um escriptor novo (*) a abandonar a minha missão de guerrilheiro, pelo posto de general. Não creê o meu joven collega na sinceridade da minha *veihice*, e entende que os meus dotes e recursos me impõem responsabilidades e encargos, por mim,

(*) Este artigo responde ao do sr. Mayer Garção, no *D. Quichote*, n.º 5. Posteriormente houve mais desenvolvida e sempre agradavel polemica n'aquella folha (n.º 9) e nas «Noites de Vigilia», n.ºs 5 e 8.

chétif, considerados esmagadores. De ha muito me abstive de *responder*, pois que, em regra, as interpellações, as intimações e os convites desequilibram-se em insensatez que me afflige pelas miserias da especie, e ninguem que prêze os fôros do sãõ juizo pára na rua, a conversar com malucos. Mas o sr. Mayer Garção realça os primores da intelligencia com a observancia da cortezia e com evidente sinceridade. Ganharia s. ex.^a com as minhas teimosias de guerrilheiro, dado que ambicionasse palestra. Se eu fosse *um general* — como generosamente m'õ deseja, com graves riscos para a minha inexperiencia no commando, a hierarchia militar vedar-me-hia responder ao brilhante alumno, decerto premiado, recém-vindo do collegio militar. Assim, fóra da fileira, é-me permittida a palestra, sem quebra de disciplina.

*

Ora oiça-me o sÿmpathico e juvenil collega, camarada, ou companheiro, a proposito da sua intimação ou do seu convite a que eu

suba da *questão pessoal* ás «espantosas Marselehas do fim do seculo». Ha annos se deu o caso de eu me interrogar, um dia, sobre a utilidade dos meus dotes e dos meus recursos — no vasto e complexo terreno das reivindicações dos Opprimidos e dos Explorados. Pensei *com força* e brevemente, pois que se eu não resolvo em alguns minutos os meus *problemas*, terei de abandonal-os, em demasias de perturbação: é do meu estado morbido. Em tal preocupação e a seu termo, estabeleci, metaphoricamente, o seguinte:

— Trabalha-se nos cavoucos de um edificio novo. Ha falta de trabalhadores, pois que a consciencia dos altos meritos não permite á maioria dos recém-chegados e á dos que vem chegando rebaixarem-se ás *subalternices* do atterro e dos alicerces. N'estas condições, tu (era commigo que eu falava), no resvalo de uma vida atormentada a um final libertador, podes consagrar a uma obra util, embora subalternissima, a tua sinceridade e o teu esforço. Vae, pois! Emquanto os Novos, cheios de vigor, de enthusiasmo, de talento, e orien-

tados mal nascidos, se preparam para a construção do edificio, tu, velho tropego, esfalfado, de orientação dos Affonsinhos — cumpre o teu dever! Leva o teu cesto de entulho aos alicerces do edificio, pois que para mais não serves, e terás direito a um esquecimento honrado, ao resvalares da tua fadiga a um final descanso!

Tal eu disse a mim proprio, e desde logo metti hombros ao trabalho rude. O entulho que eu levei á obra compunha-se do registro, da denuncia e da flagellação de tudo quanto nos dominios ao meu alcance me appareceu como Iniquidade, Embuste, Traição, Improbidade, Tyrannia, Pedantismo, Hypocrisia, ou Descaramento. Não é com materiaes nobres que se formam alicerces revolucionarios: é com os detricos de uma *civilisação*. Sem empreiteiro, que não fosse a minha consciencia, eu cumpri o meu encargo; dei conta do meu destino: isto é, trabalhei até agora, sem recompensas, sem direito a ellas, sem louvores que não sejam os das almas generosas, com alguns sacrificios, que não metterei na

conta, e com algumas contusões e esfoladuras. Esperei, ao menos, que me deixassem acabar em paz. Vejo que nem isso conquistei!

*

Não é outra coisa, senão perturbar o fim da vida de um pobre trabalhador de cavoucos, intimarem-no a assumir, na construcção do edificio, uma superior direcção de trabalhos de architectura e quiçã, de artes decorativas. Eu, por diversas metaphoras, convertido em guia, em *general*, em orientador, — a imposição dos recém chegados, que dispõem da terraplenagem feita e dos alicerces construidos! Eu, abatido por soffrimentos intimos, que me deram, ao sair da infancia, a nitida comprehensão de «um inferno»: eu, que na travessia da existencia amaldiçoada — e é assim a explicação da *minha velhice*, regeitada pela certidão baptismal, — que n'essa travessia, digo, me dispensei de auxiliares e suprimi, como que methodicamente, todas as futuras *étapes* de consolação e descanso:

eu convidado, á ultima hora, aos brilhantismos e ás fascinações de estado-maior em campanha annunciada e inevitavel! Não haverá ahi delicada malicia em tal cumulo de generosidade?

Esperar? Falam-me *dos que esperam*, e em nome d'elles. Citam-me referencias minhas á *immundicie social*, e entendem — entende o meu joven collega — que eu devo ir até ao *fim*. Onde é o *fim*? Esta interrogação esboçava-se imperiosamente, em seguida á intimação. Appliquei o ouvido, e não ouvi a resposta. Felizmente, eu já me interrogára; já respondera, e já communicára ao meu publico as conclusões colhidas. E' alli no Prefacio aos *Santos Portuguezes*, que o meu benevolo camarada, na hora das bagatellas, não deixará de ter lido.

A proxima revolução não delegará em ninguem: deduz-se o que hoje me affirma do que hontem, n'aquellas paginas, registrei como signal de *dlerta!* Não delegará em chefes, em guias, em directores, em *generaes*: não vale a pena invental-os. Não consagremos culto

aos directores e aos orientadores! Abaixo o culto dos *heroes*, mais réles que o culto dos deuses! Aquelle *final* da Iniquidade dispensa as fórmulas e os processos d'ella.

Registral-a, combatel-a, denunciual-a, marcal-a a vermelho e a branco, fumegantes, nas faces, nos olhos, no peito — sobre o coração, é formar um cadastro que não apressará o *fim*, mas que justifica o seu advento. E, sobre o pavor da Iniquidade, iremos arrancando concessões ao Mundo Velho. Essas republicas radicaes e sociaes, que o meu camarada me accusa de servir, não constituem outra coisa na esphera politica; e ha as *concessões da Philantropia* aos sêres fracos e innocentes. O trabalho *em détailhe* distancia-se, como vê, da simples *questão pessoal*...

*

Diz o meu joven camarada que os meus mestres, — o Gustado Planche, o Veuillot e o Camillo — cumpriram a sua missão, pois que não perderam de vista o seu ideal: é isto sal-

vo a redacção. Eu, discípulo humilimo de todos elles — e agradeço do coração ao meu camarada o seu tributo áquelles espiritos citados por tantos inconscientes, — eu, pelo visto, dei de aprender com aquelles mestres o processo que dá vida ás expansões e ás affirmações do espirito: a observancia exacta do culto de *um ideal*. Não será pueril e não será uma supuração de orgulho suppôr e afirmar, eu proprio, que na modesta e sombria laboração do meu espirito, dadas todas as condições de relatividade, eu fui, até hoje, tão pertinaz e tão firme como qualquer d'elles, no *processo* e na *inspiração* que lhes valeu o tributo de um moderno, bem intencionádo? O'lho para os meus recursos, para o meu publico, para o meu tempo — de indecisões e de terrores — e concluo que não deshonrei os meus modelos em tenacidade. Cito-os agora, pois que os citam á minha *desorientação*. Elevou e sustentou Planche a dignidade da Critica, affirmou o homem do *Unicers* a «vida» do Ultramontanismo, condensou o nosso romancista incomparavel, na sua obra, os melhores vultos da

Comedia Portugueza, — e nunca perderam de vista os respectivos nortes. Cá em baixo, conservo no meu os olhos fatigados. Na aggressão de um quarto de seculo aos falsos prestigios, na lucta com as tyrannias que abatem ou aviltam o homem e que empeçonham os embryões — as minhas creanças, — o pensamento fixo, ou o ideal, foi a defesa dos vencidos e foi o protesto contra a vacuidade do mundo moral — esquecido na partilha das conquistas da Revolução. Trabalhei em baixo; fui bem ouvido pelos Miseraveis — de que tenho provas, — e um tanto pelos Vencedores, — e, por igual, provas possuo. Poderei adormecer em paz, sobre dez mil paginas escriptas, sem que um futuro manuseador da minha obra vingue descobrir n'ellas a Improbidade, ou a Covardia, ou a Condescendencia. Desejo igual destino, sem dôres iguaes, á creança de quem sou amigo.





INDICE

	PAG.
Os que furam.....	1
Os simplorios e os simples.....	7
Os que ladram.....	11
O bezerro.....	15
Eleições.....	21
Cachorros!.....	31
Causticações.....	35
Certa classe.....	41
Pão.....	47
A escola sceptica.....	51
Ellas.....	57
O nosso mundo.....	61
Discurso da corôa.....	65
Cazadoiras.....	71

INDICE

	PAG.
Cinzas.....	77
Fructa da terra.....	83
O «lindo amor».....	89
Senhor presidente!.....	95
Haja olho!.....	99
A mulher do Zé.....	105
As taes senhoras.....	111
Vólte folha!.....	117
Ainda as taes.....	123
É o 7.321!.....	129
Os descontentes.	135
Pipelet.	141
...Frei Thomaz.....	147
Vejam isto!.....	153
Politica	159
Saude publica.....	165
O tal dia!.....	171
Bemfeitores!.....	177
Origens.....	183
A' urna!.....	189
Rhetorica.....	195
Oçam lá!.....	199
Entendem-nos?.....	205

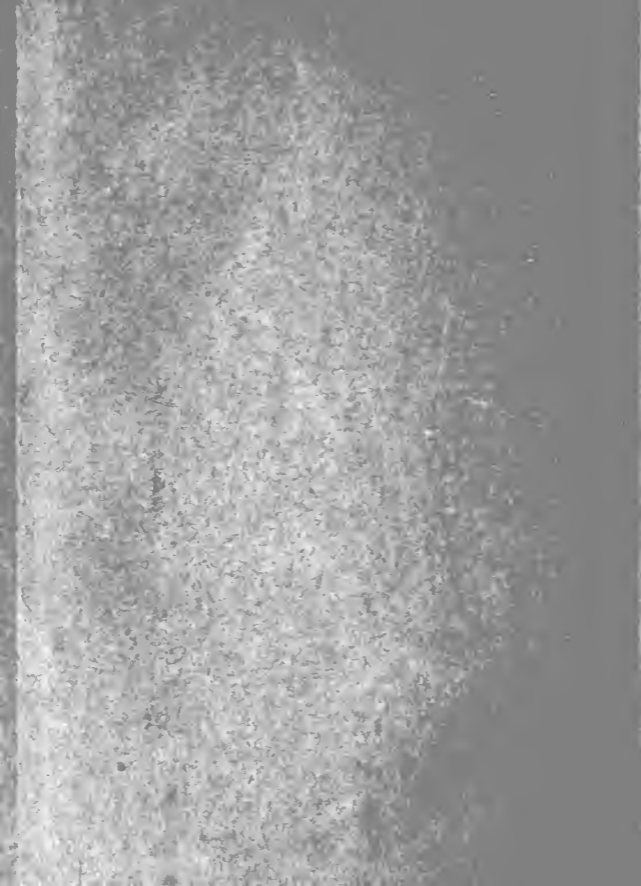
INDICE

	PAG.
Peste !.....	211
Nós e elles.....	217
O caso do Scipião.....	223
Cheguem-lhe !.....	229
Os graves nada.....	235
Uma ideia !.....	241
Educação.....	247
A vêr quem passa.....	253
Notas á margem.....	257
Amanhã.....	265
Innocentes.....	271
Hygiene e coisas.....	277
Apêrtos.....	283
N'aquellas idades !.....	289
Fora !.....	295
Vento léste.....	301
O tal problema.....	307
Molestia do tempo.....	313
A um mais novo.....	319
A b c.....	325
Vejam isto !.....	331
Gazeteando.....	337
Hontem e hoje.....	343

INDICE

	PAG.
Estudando.....	349
Malvados.....	355
Os pequenitos.....	361
A serio.....	367
Em Moçambique.....	373
Os taes.....	379
Guerra !.....	385
Ratices.....	391
Meditações.....	397
Os da miseria.....	405









PQ
9261
S55R5

Silva Pinto, Antonio da
O riso amarello

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

LIGBOA
PARCERIA A.M. PEREIRA
EDITORA

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 05 10 001 9